UM BRASIL

BILÍNGUE PORTUGUÊS I ENGLISH

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

ALEXANDRA LORAS | RICARDO AMORIM | CARLOS AYRES BRITTO
ARMANDO CASTELAR | SILVIO MEIRA | NARA PAVÃO | ROBERTO DAMATTA
LAURENTINO GOMES | LUÍS ROBERTO BARROSO | OTAVIANO CANUTO
JOSÉ EDUARDO FARIA | JOICE TOYOTA | MARIO VARGAS LLOSA | VICENTE FALCONI
ANDRÉS VELASCO | SÉRGIO MORO | PAULO GALVÃO | DELTAN DALLAGNOL

UM BRASIL

BILÍNGUE PORTUGUÊS I ENGLISH

ANÁLISES E DISCUSSÕES
SOBRE UM POVO EM BUSCA
DE UMA IDENTIDADE

ALEXANDRA LORAS | RICARDO AMORIM | CARLOS AYRES BRITTO
ARMANDO CASTELAR | SILVIO MEIRA | NARA PAVÃO | ROBERTO DAMATTA
LAURENTINO GOMES | LUÍS ROBERTO BARROSO | OTAVIANO CANUTO
JOSÉ EDUARDO FARIA | JOICE TOYOTA | MARIO VARGAS LLOSA | VICENTE FALCONI
ANDRÉS VELASCO | SÉRGIO MORO | PAULO GALVÃO | DELTAN DALLAGNOL

UM BRASIL: O HUB DE PRODUÇÃO E TROCA DE IDEIAS SOBRE O PAÍS

Discutir os rumos do Brasil, bem como seus problemas e soluções. Apontar as melhores práticas nas gestões pública e privada e no terceiro setor. Analisar os ambientes político e econômico e a sociedade brasileira. Esse é o trabalho do UM BRASIL, uma plataforma de conteúdo que, desde 2014, dedica-se a analisar o País em seus mais diferentes aspectos de forma apartidária e plural.

São centenas de entrevistas e debates com intelectuais, executivos, acadêmicos e todos aqueles dispostos a pensar a Nação, trazendo à tona teses que contribuam para os desenvolvimentos econômico e social.

Todo o material é gravado e distribuído em canais digitais e publicações e cedido para escolas, universidades e instituições interessadas em discutir o País. Destaque também para as publicações, que reúnem periodicamente as principais entrevistas realizadas pelo canal.

A busca por ideias e pontos de vista inovadores levou o UM BRASIL às mais prestigiadas instituições de ensino do mundo, como Harvard, Oxford, King's College, Columbia e American University.

Com um acervo crescente de ideias, o UM BRASIL passou a contar com parcerias de conteúdo em geração e disseminação. O material também ganhou espaço na imprensa em diversos veículos, que destacam regularmente o conteúdo produzido.

E além dos parceiros de mídia, todo esse material também está disponível, completa e gratuitamente, em formato digital nos canais do UM BRASIL na internet.

Ao longo de pouco mais de três anos de existência, o canal já soma mais de 100 mil horas de exibição, centenas de entrevistas, cinco livros publicados e uma série de especiais digitais, que debatem questões como previdência, infraestrutura e democracia.

Esta edição é um extrato de todo esse trabalho, que tem como objetivo instigar novas ideias, críticas e análises capazes de fazer do Brasil um país de consensos transformadores.

Para saber mais, acesse **www.umbrasil.com**.

UM BRASIL: A HUB FOR PRODUCING AND EXCHANGING IDEAS ON BRAZIL

To discuss Brazil's path, as well as its problems and solutions. To point towards best practices in public and private management, and in the third sector. To analyze the political and economic environments and Brazilian society at large. That's the job of UM BRASIL a content platform that, since 2014, focuses on analyzing several different aspects of Brazil in a plural and non-partisan way.

It has gathered hundreds of interviews with intellectuals, executives, scholars, and all of those willing to reflect on the building of our nation, bringing to the fore proposals that contribute to our economic and social development.

All interviews are recorded and distributed on digital channels and publications, and made available to schools, universities, and other institutions that are interested in discussing the country's issues. We should also mention the platform's printed publications, which periodically assemble its main content.

The quest for ideas and innovative points of view has taken UM BRASIL to visit the world's most prestigious universities, such as Harvard, Oxford, King's College, Columbia and American University.

With a growing reservoir of ideas, UM BRASIL has sought partnerships to produce and distribute interviews. This material has drawn the attention of several media outlets, which regularly highlight the platform's content. Beyond media partners, all interviews are available, fully and free of charge, in digital format on UM BRASIL's online channels.

After more than three years of existence, the platform has already accumulated over 100 hours of video content, hundreds of interviews, five published books, and a series of digital specials, which discuss issues such as social security, infrastructure, and democracy.

This edition is an extract from all this work, which aims to foster new ideas, critiques, and analyses capable of turning Brazil into a country of transformative consensus.

To know more about UM BRASIL, visit **www.umbrasil.com**.

SUMÁRIO

17

ALEXANDRA LORAS

Mestre em Gestão de Mídia e palestrante em raça, gênero e diversidade

Masters in Media Management, lecturer on race, gender and diversity

29

RICARDO AMORIM

Economista e presidente da Ricam Consultoria

Economist, president of Ricam Consulting Firm

41

CARLOS AYRES BRITTO

Ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF)

Former president of the Brazilian Supreme Court (STF)

41

ARMANDO CASTELAR

Coordenador de Economia aplicada do Ibre/FGV e professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Applied Economics coordinator at the IBRE/FGV, professor at Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) School of Economics

53

SILVIO MEIRA

Professor associado
da Escola de Direito
da Fundação Getulio
Vargas do Rio de Janeiro
(FGV/RJ)

Associate professor at
Fundação Getulio Vargas
(FGV) Law School at Rio de
Janeiro

65

NARA PAVÃO

Doutora em Ciência
Política e pesquisadora
pós-doutoranda da
Universidade Vanderbilt
(EUA)

PhD in Political Science,
post-doctoral research
fellow at Vanderbilt
University, USA

77

ROBERTO DAMATTA

Antropólogo e escritor.
É autor de obras como
*Carnavais, malandros
e heróis: para uma
sociologia do dilema
brasileiro* (1979)

Anthropologists and writer,
has written "Carnavais,
malandros e heróis: para
uma sociologia do dilema
brasileiro" (1979) among
other books.

89

LAURENTINO GOMES

Jornalista e autor
de três livros sobre
a história do Brasil:
1808, *1822* e *1889*

Journalist, has written
three books on Brazilian
history – "1808", "1822"
and "1889".

101

LUÍS ROBERTO BARROSO

Ministro do Supremo
Tribunal Federal (STF)

Brazilian Supreme Court
(STF) justice

113

OTAVIANO CANUTO

Economista e ex-diretor-
-executivo do Fundo
Monetário Internacional
(FMI). Atualmente
é diretor-executivo
do Banco Mundial

Economist, former executive
director at the Monetary
International Fund (IMF),
currently an executive
director at the World Bank

125

JOSÉ EDUARDO FARIA

Professor titular
da Faculdade de Direito
da Universidade de São
Paulo (USP)

Full professor at University
of São Paulo Law School

137

JOICE TOYOTA

Diretora-executiva
e cofundadora
do Vetor Brasil

CEO and cofounder
of Vetor Brasil

149

MARIO VARGAS LLOSA

Escritor, jornalista e ensaísta peruano. É professor na Universidade de Princeton e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura

Writer, journalist, and Peruvian essayist. Professor at Princeton University and a Nobel laureate in Literature

161

VICENTE FALCONI

Presidente do conselho de administração da Falconi Consultores de Resultado

Chairman of the Board of Administration of Falconi Consultores de Resultado

173

ANDRÉS VELASCO

Economista e professor da Escola de Relações Internacionais e Políticas Públicas da Universidade Columbia

Economist, professor at University of Columbia School of International and Public Affairs

185

SÉRGIO MORO

Juiz federal responsável pelo julgamento dos inquéritos da Operação Lava Jato

Federal judge, responsible for operation Lava Jato's trials

185

PAULO GALVÃO

Procurador da República integrante da força-tarefa da Operação Lava Jato

Federal prosecutor, member of Lava Jato's task force

185

DELTAN DALLAGNOL

Procurador da República e coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato

Federal prosecutor, lead attorney at Lava Jato's task force

ALEXANDRA LORAS | ENTREVISTA SABINE RIGHETTI

Entrar numa loja em um shopping que tem só duas bonecas negras no meio de milhares de brinquedos eurocêntricos não é racismo velado, é racismo frontal

MESTRE EM GESTÃO DE MÍDIA PELA SCIENCES PO, A MAIS IMPORTANTE ESCOLA DE CIÊNCIAS POLÍTICAS DA FRANÇA, ALEXANDRA LORAS É PALESTRANTE EM RAÇA, GÊNERO E DIVERSIDADE. EX-CONSULESA DA FRANÇA, ELA QUESTIONA A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE E RESSALTA A NECESSIDADE DE REVISÃO DOS PAPÉIS DA MULHER E DOS NEGROS NA SOCIEDADE.

POR QUE CONSIDERA O BRASIL O PAÍS MAIS RACISTA DO MUNDO?

No sentido de que é o segundo país a ter a maior população mundial de negros, depois da Nigéria. A verdade é que o mundo tem um racismo institucional, uma herança ligada à escravidão, à colonização. Até mesmo na Bíblia a narrativa sobre o negro é muito preconceituosa. Se olharmos, realmente, temos só 3% de loiros verdadeiros no mundo. Será que a representatividade do loiro no marketing brasileiro não está além do necessário?

QUAIS AS IMPLICAÇÕES DISSO?

Hoje escuto muito: "Mas a mulher negra não vende". Será? A última pesquisa do Instituto Locomotiva mostra que os negros consomem R$ 1,5 trilhão por ano no Brasil. Então, chega de dizer que o negro não vende. Ele compra. Se a maioria da população é negra, precisamos ver essa realidade não só no Carnaval.

NÃO É O QUE ACONTECE....

Entrar numa loja em um shopping e ver que tem só duas bonecas negras no meio de milhares de brinquedos eurocêntricos não é racismo velado, é racismo frontal, agressivo e institucional. Não é só que a criança negra não vai ter brinquedos para se ver representada, a branca também não terá a oportunidade de ter 54% dos jogos dela com pele negra, para aprender a nos ver não só no papel da babá, da faxineira, do saci-pererê.

COMO MUDAR ESSE QUADRO?

O branco de hoje não é responsável pelo que aconteceu, há algum tempo, com a escravidão. Só que somos todos responsáveis para reequilibrar o que contaremos às nossas crianças amanhã. Se falamos de democracia, seja racial, seja de gênero, precisamos ver 52% de mulheres e 54% de negros. Nos Estados Unidos, a população negra é só de 13% e tem oito canais com 24 horas de programas para ela. Veja o mês da consciência negra. Essa população é estudada em todos os museus, em todas as escolas, em todos os livros didáticos. Há inventores negros da geladeira, do marca-passo, da antena parabólica, do celular. Há referências de pessoas negras inspiradoras. O potencial no Brasil é igual, só que o negro não tem oportunidade de colocar seus talentos na economia brasileira como nos Estados Unidos ou na Europa.

É UM POTENCIAL DESPERDIÇADO.

Veja a produção do Carnaval. Se essa criatividade fosse colocada a serviço da sociedade pelo resto do ano, se essas pessoas tivessem a oportunidade de conquistar as empresas em cargos de liderança, pudessem empreender... O problema do Brasil é que o homem branco, que tem a chave do jogo, sempre vai escolher um outro homem branco que estudou, por exemplo, na FGV, porque ele também estudou lá. Isso é muito natural. Tem milhares de negros formados, que têm sabedoria, só que eles não têm a chance de conquistar essas corporações. O caso do Carrefour e a última pesquisa demonstram que as empresas que reequilibraram a diversidade de gênero e de etnia tiveram um aumento de 35% em seus negócios. Por quê? Porque conseguem falar com o verdadeiro público brasileiro. Precisamos entender que a diversidade é uma riqueza, não uma tragédia.

A CRIAÇÃO DE COTAS PODE AJUDAR NISSO?

Talvez seja a pior solução, mas infelizmente é a única. Se olhamos os Estados Unidos, em 30 anos de cotas reequilibramos a presença dos negros. Hoje, a mulher mais rica dos Estados Unidos é negra. Sete das dez celebridades americanas mais poderosas são negras. A cota não é para sempre, é só para reequilibrar um fato do passado, que faz com que os brancos privilegiados achem que exista meritocracia. Só que não existe, eles já nasceram com privilégios e herança de um passado horroroso ligado à escravidão e à colonização. Claro que numa sociedade igualitária, justa, numa verdadeira democracia, seria ideal estabelecer um sistema sem cotas. Mas, infelizmente, estamos num sistema que ainda precisa evoluir muito. Temos só 6% de mulheres no rol de executivos brasileiros, enquanto saem mais mulheres diplomadas das universidades do que homens.

COMO PODEMOS MUDAR ESSE QUADRO?

Precisamos entender que é um trabalho de todos nós, não só do governo ou da Justiça, ou de se criar leis e cotas. É também um trabalho de conscientização humana. Vejo meu filho. Com quatro anos e meio de idade ele já está cheio de preconceito, cheio de coisas do tipo "isso é para menino, isso é para menina". O carrinho é dado para o menino. Carrinho é para viajar, para explorar, para sair, tem uma simbologia de aventura. Por que não damos um carrinho para meninas? Todas as mães hoje têm carrinho. Então, precisamos enxergar por que ainda temos o preconceito de que o carrinho é para homens. Hoje, as mulheres têm carros e vão trabalhar com ele. Precisamos desconstruir esse preconceito. Uma das coisas maravilhosas que fiz sem saber foi viajar duas semanas deixando meu esposo com meu filho quando era bebê. Como não temos família aqui, ele teve de se virar. Hoje, a relação que eles têm é muito forte, porque deixei meu esposo ter espaço dentro das tarefas familiares, dentro da dinâmica com o meu filho.

A MULHER PRECISA FAZER UM MOVIMENTO NESSA DIREÇÃO.

Então, precisamos também deixar o homem entrar na dinâmica para que possa participar das tarefas de casa. Hoje, a mulher precisa ser supermulher, ser boa esposa, ter uma carreira, ser amiga e supermãe, cuidar da sogra, ficar magra, ser boa na cama, cozinhar, receber... E é muito estressante. Precisamos quebrar esse padrão da perfeição. Faço parte de um projeto que se chama Mãe Fora da Caixinha, em que verbalizamos essa falta de perfeição para mostrar a outras mulheres como errar e, às vezes, estar cansada do filho, do esposo.

ESTAMOS A CAMINHO DISSO?

Acredito muito na nova geração, que está mexendo muito com o feminismo, com essa produção intelectual nova no Brasil. Acredito muito no País porque vejo uma inteligência emocional. Claro que temos estereótipos, mas temos que quebrá-los e enxergar que não precisamos mudar o mundo, mas mudar de mundo, reinventar algo totalmente diferente. Para mim a solução é muito simples: já iniciar na narrativa do desenho animado. Será que hoje queremos ver ainda monstros explodindo, guerras e essa coisa da princesa, de promover a aristocracia, promover essa narrativa que não existe. Eu não queria trazer armas para minha casa, só que meu filho só fala de super-heróis e de batalhas, de guerras, de competição. Precisamos mudar isso, reinventar algo com empatia, compaixão, diversidade e em todos os sentidos. Deficiência, também. Precisamos ver deficiência nos desenhos animados.

O BRASILEIRO NÃO VALORIZA SUA DIVERSIDADE?

O brasileiro tem um problema para enxergar as ancestralidades africana e indígena dentro de sua própria cultura. Ele fala: "Sou descendente de italiano, de espanhol, de português". E tem muita dificuldade de enxergar que esse carinho, essa abertura, essa inteligência emocional é muito ligada a uma ancestralidade indígena e africana.

JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO?

É muito difícil para o branco enxergar o quanto sofremos de preconceito. É fácil falar de "mi-mi-mi" e de vitimização, só que 80% das vezes em que chego ao aeroporto de Guarulhos minha mala é revistada, também com o meu passaporte diplomático, porque o clichê é de que uma mulher negra bem-vestida pode ser, talvez, uma "mula". Por exemplo: vou a um supermercado e, claro, sou estrangeira, compro muitos produtos importados. Sempre vejo um segurança atrás de mim. Por quê? Um branco não vai passar por essa humilhação cotidiana. Então, ele vai achar que está tudo resolvido nessa sociedade. Eu estudei na maior escola mundial de ciências políticas, a Sciences Po, onde passaram a maioria dos presidentes da França. Só que quando quis trabalhar na televisão, enfrentei os estereótipos, podia só trabalhar no entretenimento, na música, em coisas que eram o papel da mulher negra. Hoje, o Brasil está me dando uma outra oportunidade de poder mesmo verbalizar isso.

POR QUE RESOLVEU MORAR NO BRASIL?

Não escolhi, claro, ficar aqui só porque tem 300 dias de sol, caipirinhas maravilhosas, um Carnaval delicioso. O Brasil mexeu muito comigo. Deu-me dignidade, deu-me respeito, deu-me um palco para verbalizar tudo o que não conseguia no meu próprio país, que tem o lema de liberdade, igualdade e fraternidade.

ENTERING A STORE IN A SHOPPING MALL AND FINDING ONLY TWO DARK-SKINNED DOLLS AMID THOUSANDS OF EUROCENTRIC TOYS IS NOT THINLY VEILED RACISM, IS´T FULL FRONTAL RACISM

Alexandra Loras holds a Masters degree in Media Management by Sciences Po, the most important Political Science school in France, and delivers talks about race, gender and diversity. A former French consul, she brings into question black people's lack of representation and underscores the need to rethink their roles in society.

WHY DO YOU CONSIDER BRAZIL THE MOST RACIST COUNTRY IN THE WORLD?

In the sense that it has the second largest black population in the world, right after Nigeria. The truth is that there's an institutionalized racism around the world, a heritage linked to slavery, to colonization. Even the Bible's narrative about black people is prejudiced. If we really look into it, there are only 3% of real blonde people in the world. Aren't blonde people overrepresented in Brazilian advertising?

WHAT ARE THE IMPLICATIONS OF THAT FACT?

I hear a lot these days: "But black women don't sell as well." Is it so? Locomotiva's last study shows that black people spend as much as R$ 1.5 trillion per year in Brazil. So, enough of that "black people don't sell as well" story. They buy. If the majority of the population is black, we should see this reality more often than just during Carnaval.

THAT'S NOT WHAT HAPPENS...

Entering a store in a shopping mall and finding only two dark-skinned dolls amid thousands of eurocentric toys is not thinly veiled racism, it's full frontal, aggressive and institutionalized racism. The problem isn't just that black children won't have toys in which they see themselves represented, white children won't have the opportunity to have 54% of their dolls dark-skinned, to learn to see us in roles other than nanny, cleaning lady, saci-pererê.

HOW CAN WE CHANGE THIS PICTURE?

White people today are not responsible for what happened some time ago with slavery. But we are all equally responsible for rebalancing what we'll tell our children tomorrow. I believe that if we're talking about democracy, whether in racial or gender related terms, we must see 52% of women and 54% of black people. In the United States, the black population is only 13%, but they have 8 television channels with 24/7 programming. Just look at black history month. This population is an object of study in every museum, every school, every textbook. There are black inventors who invented the fridge, the pacemaker, the satellite dish, the cell phone. There are inspiring black role models. Brazil's potential is the same, but black people here don't have the same opportunity to put their talents to use in the economy as much as they have in the United States or in Europe.

THERE'S A WASTED POTENTIAL.

Just look at the organization of Carnaval. If this sort of creativity was put to work for society throughout the year, if those people had the opportunity to occupy leadership positions in companies, if they could be entrepreneurs... The problem with Brazil is that white males, who have decision power, will always choose another white male who went to, for example, FGV, because they went there too. That's all really natural. There are thousands of knowledgeable black professionals with degrees who don't get the chance to win in these corporations. Carrefour's case and the last study show that companies that rebalance their gender and ethnical diversities had an increase of 35% in their businesses. Why? Because they manage to talk to the real Brazilian consumer audience. We need to acknowledge that diversity is an asset, not a tragedy.

CAN THE ESTABLISHMENT OF QUOTAS HELP WITH THIS?

It may be the worst solution, but unfortunately it's the only one. If we look at the US, in a 30-year time frame quotas rebalanced black people's participation. Today, the wealthiest woman in the United States is black. Seven out of ten of the most powerful American celebrities are black. Quotas aren't meant to last forever, only to redress past grievances, which make privileged white people believe there's something called meritocracy. But there isn't, they were already born with privileges and with the heritage of a horrifying past linked to slavery and colonization. Obviously, in a truly democratic, egalitarian, just society the ideal would be not to establish quota systems. But, unfortunately, we're in a system that still needs to evolve a lot. Only 6% of Brazilian in business and management positions are women, even though they hold more college degrees than men.

HOW CAN WE CHANGE THIS PICTURE?

We need to understand it's a task for everybody, not just the government or the justice system. It's not just about creating laws and quotas. It's about raising awareness as well. My son, for example. Being just four and half years old, he's already filled with prejudices, filled with "this is for boys, that is for girls" ideas. The little cars are for boys. Cars are meant to travel, explore, go out, they carry a message of adventure. Why don't we give the cars to the girls? Every mother has a car nowadays. So, we need to see why we still hold the prejudice that cars are for men. Women have cars and drive to work nowadays. We need to deconstruct this prejudice. One of the most wonderful things I did, unaware of it at the time, was traveling for two weeks and leaving my baby son with my husband. Since we don't have relatives here in Brazil, he had to manage things by himself. Today, their relationship is much stronger, because I allowed my husband to play a greater role in housework and in my son's rearing.

WOMEN NEED TO MOVE IN THAT DIRECTION AS WELL.

We need to let the man in so he can take part of housework. Nowadays, women have to be super-women, they have to be a good wife, have a career, be a friend and a super-mother, take care of the in-laws, keep in shape, be great in bed, cook, host... It's all very stressful. We need to break this paradigm of perfection. I'm in a project called Mothers Outside the Box, in which we speak about this lack of perfection to show other women it's okay to mess up and, sometimes, get tired of their children and husband.

ARE WE WALKING TOWARDS THIS?

I have a lot of faith in the next generation, which is dealing a lot with feminism, doing a lot o fresh intellectual work in Brazil. I have a lot of faith in Brazil because I see a great deal of emotional intelligence. Of course we have stereotypes, but we have to break them and see we don't need to change the world, but change our worlds, reinvent something in a totally different way. For me, the solution is very simple: we should begin with cartoons' storytelling. Do we nowadays want to see monsters blowing up, wars and princess sort of stuff, about promoting aristocracy, promoting a non-existent narrative? I wouldn't bring guns inside my house, but all my son talks about is super-heroes, wars, competition. We need to change that, reinvent something with empathy, compassion, diversity, in every way. Disability as well. We need to see disability in cartoons.

DON'T BRAZILIANS APPRECIATE THEIR DIVERSITY?

Brazilians have a problem in seeing their African and indigenous heritage as something that belongs to their own culture. They say: "I descend from Italians, Spaniards, Portuguese people". And they have a lot of trouble in seeing that their openness, their emotional intelligence are closely linked to their African and indigenous heritage.

HAVE YOU EVER SUFFERED WITH PREJUDICE?

It's really hard for white people to understand how much we suffer with prejudice. It's easy to talk about victimization and that it's all wining. But 80% of the time I land in Guarulhos Airport my luggage gets inspected, it's the same with my diplomatic passport, because the stereotype is that a well-dressed black woman may be, for example, carrying drugs. For example: when I go to the supermarket – and, of course, since I'm a foreigner I buy a lot of imported goods – there's always a security guard walking behind me. Why? White people never go through this humiliation in a daily basis. He thinks that everything is fine in the society he lives in. I went to the world's greatest political science school, Sciences Po, where most of France's presidents went to. But when I tried to work in television, I faced the stereotypes. They would only let me work in entertainment, music, stuff that was reserved for black women. Today, Brazil is giving me a second chance to talk about this.

WHY DID YOU CHOOSE TO LIVE IN BRAZIL?

I didn't make this choice, obviously, just because here there are 300 days of sun, wonderful caipirinhas, a marvelous Carnaval. Brazil got into me. It gave me dignity, respect, a stage where I can talk about stuff I couldn't in my own country, whose motto is "liberty, equality and fraternity".

JEAN GALVÃO

JUNHO 2016

RICARDO AMORIM | ENTREVISTA: **JULIANO DIP**

QUANDO RESOLVERMOS A CRISE POLÍTICA, A FORÇA INICIAL DE RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA VAI SURPREENDER TODO MUNDO. A CRISE NÃO TRAZ SÓ PROBLEMA, TRAZ TAMBÉM SOLUÇÕES

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro encolheu 3,8% em 2015, a maior queda desde 1990. As previsões são de que o Brasil tenha ainda mais dois anos de retração, o que não acontecia desde a queda da Bolsa de Nova York, em 1929. A crise política afetou a confiança de investidores, empresários e consumidores. Para o economista Ricardo Amorim, a história do País mostra que as turbulências econômicas geram impasses políticos, e quando esses são resolvidos, abre-se nova etapa de desenvolvimento.

QUAIS SÃO OS DESEQUILÍBRIOS DA ECONOMIA NO BRASIL?

Acabando a crise política, solucionar os desequilíbrios macroeconômicos brasileiros não é complicado. Ao longo do primeiro mandato do governo Dilma, foram formados três grandes desequilíbrios macroeconômicos. O primeiro, de contas externas. A política econômica do governo brasileiro, nos últimos 15 anos, praticamente só estimulava consumo, não estimulava produção. Quando o nosso ex-ministro da Fazenda Guido Mantega tomou posse há nove anos [*entrevista concedida em 2016*], o Brasil tinha, nos 12 meses anteriores, um superávit na balança comercial de produtos manufaturados de US$ 10 bilhões. Quando ele saiu, o País tinha um déficit na balança de manufaturados de US$ 110 bilhões. Deixamos de produzir e, por consequência, não geramos emprego. Isso criou um desequilíbrio na nossa balança comercial e nas contas externas. Como foi resolvido? Por meio do câmbio. Muita coisa que era mais barata produzir e trazer do exterior, hoje não é mais. O que temos com isso é uma queda brutal nas importações. As exportações estão começando a crescer, e isso vai resolver o problema da balança comercial.

E A INFLAÇÃO?

Foi o segundo grande desequilíbrio. No primeiro mandato, o governo Dilma segurou artificialmente uma série de preços que controlava para tentar deter a inflação. Passadas as eleições, em função de um desequilíbrio brutal das contas públicas – que, aliás, é o terceiro desequilíbrio –, o governo teve de aumentar, e muito, esses preços. Resultado: a inflação subiu. A própria desvalorização cambial, que encarece os produtos importados, também alimenta a inflação.

RESTA A QUESTÃO DAS CONTAS PÚBLICAS...

É o último desequilíbrio, que não estamos nem perto de resolver. A recessão tem um impacto de redução de arrecadação maior do que o ganho com a elevação de alíquota de vários impostos. Enquanto o governo não cortar de forma agressiva os seus gastos e, eventualmente, complementar isso com novas elevações de impostos, não haverá solução. Mesmo essa solução está longe de ser ideal, porque tem um efeito colateral gravíssimo, que é diminuir o potencial de crescimento brasileiro de longo prazo. Mas, em curto prazo, bota as contas públicas em ordem, o que, acontecendo, retoma a confiança no Brasil.

A confiança voltando, voltando, vamos trazer investimentos, porque, basicamente, o Brasil continua, em médio e longo prazos, muito interessante para investidores e empresários dos mais diferentes setores.

OS CENÁRIOS DAS CRISES PASSADAS ERAM PARECIDOS?

Acho que boa parte das mudanças que aconteceram foram consequências de crises financeiras graves. Se olharmos para trás, o golpe militar de 64 aconteceu quando também tivemos uma desaceleração. A média de crescimento alguns anos antes era de 9%, média trianual, e caiu para 2%, aconteceu o golpe militar. Mais para trás, em meados de década de 1930, foi o mesmo processo. As grandes mudanças políticas são consequências de grandes crises econômicas. O presidente Collor não caiu exclusivamente em função de corrupção: tínhamos o PIB despencando, a inflação "comendo solta" e os aliados caindo fora, como o Renan Calheiros.

É IMPRESSIONANTE COMO SE REPETEM OS PERSONAGENS...

Mais do que os personagens, repete-se a dinâmica. Estamos plantando sementes de mudanças positivas muito significativas para o Brasil neste momento. Acredito que haverá pressão popular suficiente para que a gente endureça as regras contra a corrupção. Além das ascensões socioeconômica e de consumo, há um movimento de pressão que antes não acontecia.

MENOS ACOMODADO.

E cobrando mais. E há um último fator, que talvez seja o mais difícil de entendermos: o Brasil passa, nas últimas décadas, por uma mudança de perfil religioso. Houve um crescimento gigantesco das igrejas evangélicas, que pode ter um impacto positivo importante em longo prazo.

COMO SERIA ISSO?

A parte visível do que é esse aumento das igrejas evangélicas, para mim, é negativo. Líderes, tanto políticos quanto religiosos, em vários casos se aproveitando do que se tornou uma massa de manobra e faturando em cima da palavra divina. Agora, há o lado dos fiéis. A própria ética protestante tem algo que, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, ajuda muito: a valorização do trabalho e do resultado aqui e agora. Isso é importante e pode ajudar numa outra mudança de mentalidade, uma cultura do que chamo de "Bolsa Brasil". Fala-se muito no Bolsa Família, do aspecto paternalista. Concordo, sou crítico, acho que há méritos e deméritos. O ponto fundamental é que isso vale para várias outras bolsas. Temos uma série de linhas hoje do BNDES com custo abaixo da inflação. Podemos chamar isso de "Bolsa Empresário". As reservas internacionais brasileiras têm um custo. O Banco Central compra dólares e investe em títulos do Tesouro americano, que hoje paga algo como 2% ao ano. Mas, internamente, o BC paga taxas de 15%, arredondados. A diferença é o que chamo de "Bolsa Exportador", pois impede a valorização do real, o que seria ruim para as exportações. São R$ 52 bilhões, mais do que se investe em infraestrutura anualmente no Brasil.

É UMA DISTORÇÃO.

Temos uma cultura muito clara de "programas de governo que não me afetam, eu sou contra; os que me beneficiam, ninguém encosta um dedo neles". Isso não estimula investimentos em inovação, em criatividade, em busca de soluções com eficiência, que é a lógica capitalista. Um Brasil maior requer um governo menor. O peso do setor público tem de ser financiado por imposto. Nossa indústria encolhe sem conseguir competir.

UM DOS PRIMEIROS SINAIS PRÉ-CRISE QUEM DEU FOI A INDÚSTRIA BRASILEIRA...

A indústria tem características que a tornaram muito mais exposta ao momento e ao modelo econômico. A entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001, resultou em vários efeitos benéficos para o Brasil. Não só o que exportamos ficou mais caro, mas o que importamos ficou mais barato. O Brasil é um país importador de produtos manufaturados primordialmente eletroeletrônicos produzidos na China, onde o custo da mão de obra é menor e faz o preço desses produtos cair. O preço da soja chegou a estar o dobro do que é atualmente, mas mesmo hoje é o triplo do que era em 1999, 2000 ou 2001, antes da entrada da China na OMC. O que as pessoas não comentam é que, por exemplo, uma TV de 50 polegadas hoje custa 15 vezes menos do que custava em 2000. O que precisamos exportar de soja para pagar pela importação de uma TV hoje é 45 vezes menos do que há 15 anos. E com um detalhe: há três anos, era 90 vezes menos, porque a nossa exportação de soja triplicou em quantidade. Outro fator: na hora em que a China inunda o mundo de produtos mais baratos, a inflação mundial cai, e o custo do dinheiro, também, o que beneficia o país importador de capital para financiar consumo e investimento. Por que foi possível todo o *boom* de consumo e toda a expansão? Porque conseguimos trazer dinheiro barato. O governo Dilma brincou com a inflação, que subiu, o Brasil ficou fora da festa, mas a festa não diminuiu no mundo, ela aumentou. Hoje há US$ 7 trilhões em títulos no mercado internacional que pagam taxa negativa de juros. Você recebe menos do que coloca.

QUANDO A CRISE ACABA?

Começa a acabar quando resolvermos a crise política. O que consigo dizer com muita confiança é que, quando acabar, vai surpreender todo mundo a força inicial de recuperação da economia brasileira. A crise não traz só problema, traz soluções. O conceito de supermercado nasceu na crise de 1929. As pessoas estavam sem dinheiro no bolso e um sujeito pensou: "Preciso vender mais barato". Se eu aumentar a escala, eu compro mais barato e vendo mais barato. Em 2009, surgiram o Airbnb e a Uber. Essas duas empresas não conseguiam dinheiro para financiar o lançamento porque ninguém acreditava nelas. Até que, em 2008, explode a crise imobiliária americana, crise financeira; desemprego nos Estados Unidos, em 2009, chega ao maior nível em 30 anos. As pessoas estavam sem perspectivas, o carro e a casa parados. "Não estou fazendo nada, vou virar motorista da Uber". Essas empresas nasceram no auge da crise. O Airbnb vale hoje R$ 120 bilhões; e a Uber, R$ 240 bilhões. Só para colocar em perspectiva, a Petrobras, que tem 63 anos, até a semana passada [*março de 2016*] valia R$ 72 bilhões.

WHEN WE MANAGE TO SOLVE THE POLITICAL CRISIS, THE INITIAL STRENGTH OF THE BRAZILIAN ECONOMY'S RECOVERY IS GOING TO SURPRISE EVERYBODY. THE CRISIS DOESN'T BRING JUST PROBLEMS, BUT ALSO SOLUTIONS

Brazil's GDP shrank 3.8% in 2015, the greatest drop since 1990. The forecasts say that Brazil will undergo yet two more years of economic retraction, something that hasn't happened since the New York Stock Market crash, in 1929. The political crisis affected investors', businessmen's, and consumers' confidence. For economist Ricardo Amorim, the country's history shows that economic hardships engender political deadlocks, and when those are solved a new stage towards development opens up.

WHAT ARE THE IMBALANCES IN THE BRAZILIAN ECONOMY?

Once the political crisis comes to an end, solving Brazilian macroeconomic imbalances is not complicated. During Dilma's first term, three big macroeconomic imbalances built up. The first one is in the balance of payments. Brazilian economic policy, during the last 15 years, virtually stimulated only consumption, not production. When our former finance minister, Guido Mantega, took office nine years ago [*this interview took place in 2016*], Brazil had, in the previous 12 months, a US$ 10 billion surplus in the trade balance of manufactures. When he left, the country had a US$ 110 billion deficit in the trade balance of manufactures. We stopped producing and, as a consequence, we didn't generate jobs. That created an imbalance in our trade balance and on our balance of payments. How was this solved? Through exchange rates. Many things that were cheap to manufacture abroad and import no longer are. What we got from this is a brutal drop in imports. Exports are beginning to grow, and that's going to solve the problem in the trade balance.

WHAT ABOUT INFLATION?

That was the second great imbalance. During Dilma's first term, the administration artificially held down a lot of controlled prices to try and curb inflation. After the elections, due to a brutal imbalance in government budget – which, by the way, is the third imbalance –, the administration was forced to raise, a lot, those prices. The result: inflation escalated. The real's depreciation, which increases the prices of imports, also sped up inflation.

WE STILL HAVE THE ISSUE WITH THE GOVERNMENT BUDGET BALANCE...

That's the last imbalance, which we aren't remotely close to solving. Recession has an impact on tax revenue greater than what can be gained through tax raises. Until the government aggressively cuts its expenditure and, eventually, complements this with new tax raises, there will be no solution. This solution is far from ideal because it produces a terrible collateral damage, which is the diminishment of the Brazilian long-term growth potential. But, in the short-term, it balances government budget. If that happens, confidence in Brazil will be back. With confidence back, we will get investments, basically because Brazil remains, in medium and long term, very interesting for investor and businessmen from a range of different sectors.

WERE PAST CRISES SCENARIOS ANY SIMILAR?

I think a good deal of the changes that happened were due to serious financial crises. If we look back, the military coup of 1964 happened at a time the economy slowed down. Average growth was 9% a few years before, according to a triennial average, and fell to 2% right before the military coup. Further in the past, in the middle of the 1930's, it was the same thing. Great political changes are consequence of great economic crises. President Collor didn't fall exclusively due to corruption: the GDP was in freefall, inflation was running wild, and his political allies, such as Renan Calheiros, were fleeing the boat.

IT'S AMAZING HOW THE CHARACTERS REMAIN THE SAME...

More than the characters, the dynamic. We're planting seeds of very substantial

positive changes for Brazil right now. I believe there will be enough pressure for us to toughen up anti-corruption laws. Beyond socioeconomic improvement and consumption growth, there's now a pressure that wasn't present before.

LESS COMPLACENT.

And more demanding. And there's one last factor, which is perhaps the hardest to grapple with: Brazil has been undergoing, during the last few decades, a change in its religious profile. There has been a gigantic growth in the number of evangelical churches. That's something that can have a positive impact in the long term.

HOW WOULD THAT PLAY OUT?

For me, the visible part of this growth in evangelical churches is negative. Leaders, both political and religious, in several cases take advantage of what has become a herd and make money on the divine word. Now, there's the view of the churchgoers. The protestant ethic has something that, from the point of view of economic development, helps a lot: the appreciation of work and of success here and now. That's important and can help to achieve a mindset change in this culture I call "Bolsa Brasil". We talk a lot about the "Bolsa Família" program and its paternalistic feature. I agree, I criticize it, I think there are virtues and vices in it. The main point is that it applies to several other "bolsas" [*conditional cash transfer schemes*]. There is a range of BNDES' lines of credit that offer rates below inflation costs. We can call those "Bolsa Empresário" [*cash transfer scheme for businessmen*]. Brazilian foreign-exchange reserves have a cost. The Central Bank buys dollars and invests in US treasury bonds, which today pays something like 2% per year. But here the Central Bank pays interests in the scale of 15%. The difference is what I call "Bolsa Exportador" [*cash transfer scheme for exporters*], since it prevents the real from appreciating, something that would be bad for exports. It's 52 billion reais more than what's invested annually in infrastructure in Brazil.

IT'S A DISTORTION.

There's a transparent attitude of "I'm against government programs that don't affect me, but nobody touches on those that benefit me." This doesn't stimulate investments in innovation, creativity, the search for efficient solutions, which is capitalism's functioning logic. A bigger Brazil requires a smaller government. Public sector burden is financed through taxes. Our industrial sector, unable to compete, shrinks.

ONE OF THE PRE-CRISIS FIRST SIGNS WAS GIVEN BY THE BRAZILIAN INDUSTRIAL SECTOR...

The industrial sector has features that make it much more vulnerable to the economic model and moment. China becoming part of the World Trade Organization (WTO), in December 2001, resulted in a lot of benefits to Brazil. Not only what we export became more expensive, but what we import became less expensive as well. Brazil imports manufactured goods, mainly eletronic ones made in China, where labor costs are lower, which reduce these products' price. Soy's price was twice as high than it is today, but it remains three times as valuable as it was in 1999, 2000 or 2001, before China became part of the WTO. What people don't observe is that, for example, a 50' TV costs 15 times less today than it did in 2000. The amount of soy we need to export to pay for an imported TV is 45 times lower today than it was 15 years ago. And there's a detail: three years ago, it was 90 times lower, because the amount of our soy exports tripled. There's another factor: the moment China floods the world with less expensive products, global inflation drops, and the cost of money too. This benefits a country that imports capital to finance consumption and investment. What made the consumption boom possible? The fact that we managed to bring cheap money. Dilma's administration played with inflation that went up and Brazil got left outside the party, but the party is still going on worldwide, it got even bigger. Today there are 7 trillion dollars in the international market that pay a negative interest rate. The person gets less than what he puts in.

WHEN DOES THE CRISIS END?

It starts to end when we solve the political crisis. What I can tell with confidence is that, when it ends, the initial strength of the Brazilian economy's recovery is going to surprise everybody. The crisis doesn't bring just problems, but also solutions. The concept of supermarkets was born during the 1929 crisis. People had no money in their pockets and a guy thought: "I need to sell stuff with a lower price". If I increase the scale of my operation, I can charge less and sell stuff with a lower price. In 2009, Airbnb and Uber arrived. Those two companies didn't get any funding for their initial capital because nobody believed them. Until, in 2008, the US real estate bubble bursts, the economic crisis hits, and, in 2009, unemployment reaches a 30-year high. People had no perspective, their cars and houses were stagnant. "I'm not doing anything, I'll drive for Uber". Those companies grew in the height of the crisis. Airbnb is worth 120 billion dollars today; Uber is worth 240 billion. For the sake of comparison, Petrobras, a 63 year-old company, was worth 72 billion as of last week [*March 2016*].

CACO GALHARDO

JULHO 2016

> Há 20 e poucos anos, 45% dos conflitos das pessoas terminavam na Justiça. O último número, de 2009, mostrava 70%

ARMANDO CASTELAR

PARCERIA | PARTNERSHIP | ESTADÃO E TENDÊNCIAS CONSULTORIA INTEGRADA

EM UM CENÁRIO DEMOCRÁTICO, OS TRÊS PODERES (LEGISLATIVO, EXECUTIVO E JUDICIÁRIO), QUE ESSENCIALMENTE DEFENDEM OS INTERESSES DE UM PAÍS, DEVEM ESTAR EM EQUILÍBRIO. NO BRASIL, PORÉM, OS CRÍTICOS APONTAM UM DESEQUILÍBRIO, CHAMANDO ATENÇÃO PARA O PROTAGONISMO DO PODER JUDICIÁRIO. COMENTANDO A QUESTÃO, O EX-MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF) CARLOS AYRES BRITTO, E O PROFESSOR DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV) ARMANDO CASTELAR, ABORDAM OS PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVARAM A ESSE CENÁRIO E AS POSSÍVEIS SAÍDAS PARA RESTABELECER O EQUILÍBRIO ENTRE OS TRÊS PODERES.

O SENHOR CONCORDA QUE TEM EXISTIDO UM PROTAGONISMO DO JUDICIÁRIO E QUE ISSO PODE SER EXCESSIVO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA?

ARMANDO CASTELAR – Concordo. Há 20 e poucos anos, 45% dos conflitos das pessoas terminavam na Justiça. O último número, de 2009, mostrava 70%. O conflito político passou a ser arbitrado no Judiciário, o conflito econômico, o conflito social, então, naturalmente, o Judiciário passou a ser demandado muito mais pela sociedade, e aceitou esse papel. A Suprema Corte americana, por exemplo, às vezes diz: "Não, não vou entrar nesse conflito, vocês resolvam". No Brasil, há o apetite do Judiciário por aceitar arbitrar todos esses tipos de conflitos, que não são legais, não é um problema de interpretação da lei. Tanto que muitos desses terminam por acordo, é a arbitragem de conflitos econômico, social e político.

O ATUAL PROTAGONISMO DO JUDICIÁRIO PODERIA SER VISTO COMO UMA ESPÉCIE DE EFEITO COLATERAL DA IMPOPULARIDADE DO EXECUTIVO E DA PERCEPÇÃO DE FALTA DE CREDIBILIDADE DO LEGISLATIVO, EM DECORRÊNCIA DA OPERAÇÃO LAVA JATO?

AYRES BRITTO – A gente pode simplificar dizendo assim: os outros dois Poderes, o Legislativo e o Executivo, são eminentemente políticos, eles foram feitos para governar. O Judiciário foi feito para impedir o desgoverno. E quem impede o desgoverno não pode se desgovernar, por isso que, se por um lado, a Constituição "empodera" o Judiciário para que ele dê a última palavra, por outro, cria muitos antídotos para livrá-lo de si mesmo, das suas tentações de prepotência, de excesso de atuação, de pose, de corporativismo. Por exemplo, o devido processo legal, a obrigatoriedade de fundamentar as decisões, as sessões são todas públicas, proferidas as decisões, elas também serão publicadas. Um antídoto institucional hoje muito importante é o CNJ [*Conselho Nacional de Justiça*], para impedir que o Judiciário se exceda. Quando os conflitos não se resolvem amistosamente, na base do diálogo, do acordo, a porta que se abre é a do Judiciário, é uma maçaneta que se abre por fora.

A IDIOSSINCRASIA DE UM DETERMINADO MINISTRO PODE ATRAPALHAR A SEGURANÇA JURÍDICA DO ESTADO?

ARMANDO CASTELAR – Na Corte americana – que eu saiba, na Corte alemã também –, são sempre decisões colegiadas. Não

existe decisão monocrática na Suprema Corte americana. Decisões monocráticas de colegiados, do Supremo em particular, é uma coisa que se inventou no Brasil, que eu saiba, não existe em outro país. Obviamente, cria-se muito problema porque existe uma razão para se querer que a decisão seja monocrática. O papel do Supremo é exatamente uniformizar o entendimento dentro do Judiciário de alguma regra. É óbvio que cada ministro está totalmente livre para ter sua própria opinião sobre o caso, por isso são 11, para se ter uma maioria. Dependendo de qual ministro do Supremo cair você pode vir mais para cá, mas para lá. O pensamento é que as decisões sejam tomadas pelo colegiado e prevaleça só a opinião da maioria. Essa "jabuticaba" que a gente inventou no Brasil adiciona uma incerteza muito grande.

MINISTRO, O SENHOR ACREDITA QUE O FATO DE O JUDICIÁRIO ESTAR ASSOBERBADO DE MUITAS CAUSAS, QUE EXIGEM UMA ATUAÇÃO RÁPIDA, POSSA, SE NÃO JUSTIFICAR, PELO MENOS EXPLICAR A OCORRÊNCIA DE DECISÕES MONOCRÁTICAS?

AYRES BRITTO – No Brasil, o Supremo tem competências cumulativas. Por exemplo, nós temos competências originárias, competências recursais ordinárias, competências recursais extraordinárias em número muito grande na Constituição. Então, o Judiciário é demandado com muito mais intensidade do que em qualquer outro país. Basta lembrar que nós temos atualmente mais ou menos 55 mil processos tramitando no Supremo Tribunal Federal. Em 2007, salvo engano, esse número era de 120 mil. A Suprema Corte norte-americana escolhe seus casos. Aqui, não. Acho que tudo converge para esse estado de certa perplexidade judiciária no Brasil. Mas a poeira vai assentar.

HÁ UMA NOTÓRIA CONSCIÊNCIA DE QUE EXISTEM PROBLEMAS NO LEGISLATIVO, DE INSINUAÇÕES E ACUSAÇÕES FEITAS A MUITOS PARLAMENTARES E ATÉ MESMO À PRÓPRIA IDEIA DE REPRESENTAÇÃO NO BRASIL. OS SENHORES CONCORDAM QUE O CONGRESSO NACIONAL NESTE MOMENTO PASSA POR UM PERÍODO BASTANTE DELICADO?

ARMANDO CASTELAR – Concordo plenamente. Inclusive, acho que parte grande dessa proeminência começou com o Judiciário sendo instado a clarificar leis que saíram muito malfeitas do Legislativo. O ministro Nelson Jobim costuma argumentar que, como o conflito não se resolve no Poder Legislativo, aprova-se uma lei que satisfaz todo mundo, muito ambígua, mas que, na verdade, não é clara. Depois, o conflito que não foi resolvido no Congresso vai tentar ser arbitrado pelos juízes. Acho que muitas das demandas que surgem, principalmente na questão do Supremo, nos tribunais superiores, são fruto de legislações malfeitas e que, às vezes, atrapalham o funcionamento da economia e assim por diante. Às vezes, até mesmo coisas que são criticadas no Judiciário, mas que nascem no Legislativo, leis que prometem ao cidadão o que o Estado não tem dinheiro para cumprir. O dever do magistrado é fazer cumprir a lei. Se a lei manda dar, ele tem que cumprir. É papel do Legislativo não fazer leis que prometam coisas que o País não tem condições de oferecer. Acho que essas questões de representação política são sérias, a questão do suplente, a questão da representação dos vários Estados. Há também a questão do voto de legenda, que se vota num candidato, mas está se elegendo outro.

O CIDADÃO PENSA QUE ESTÁ VOTANDO PELO MENOS NA IDEIA REPRESENTADA POR AQUELE INDIVÍDUO, MAS, COM AS COLIGAÇÕES, O CANDIDATO ELEITO PODE SER DE UM PARTIDO DE UM POLO IDEOLÓGICO OPOSTO ÀQUELA PESSOA QUE ELE PRETENDIA ELEGER. MAS, MINISTRO, DÁ DOR DE CABEÇA INTERPRETAR LEIS RUINS?

AYRES BRITTO – A sorte do Brasil é esta Constituição, embora emendada 43 vezes já, ainda acho que, em linhas gerais, é de muito boa qualidade. E ela é cheia de princípios intrinsecamente meritórios, basta lembrar o princípio da dignidade da pessoa humana, inciso III do artigo 1º, a soberania popular como primeiro fundamento da República, todo poder emana do povo, a cidadania como segundo fundamento da República, o pluralismo como quinto fundamento da República, o primeiro objetivo fundamental da República do Brasil, artigo 3º, inciso I. Melhor impossível para se construir uma sociedade livre, justa e solidária. Solidária como sinônimo de fraternal. Agora, é uma Constituição que demanda de nossa parte um par de olhos renovado. No plano dos fatos, as normas são boas, de ordinário, mas os nossos fatos não são tão bons. O que fazemos? Cooptação dos membros do Congresso Nacional para aprovar políticas públicas do Poder Executivo, confusão entre presidencialismo de coalisão e presidencialismo de cooptação, caixa 2, às vezes até com dinheiro público. Caixa 2 com dinheiro público nem caixa 2 é, é peculato. E coisas assim em que os fatos se rebelam contra as normas, e nós saímos em defesa dos fatos. Aí, para que os fatos não sejam modificados, depurados, aperfeiçoados, o que fazemos? Mudamos as normas. A própria Constituição modificada com a "fertilidade hamster".

> ABOUT TWENTY YEARS AGO, 45% OF DISPUTES ENDED UP IN THE JUSTICE SYSTEM. THE LATEST FIGURE, FROM 2009, IS 70%
>
> **ARMANDO CASTELAR**

In a democratic polity, the three branches of government (the legislative, the executive and the judiciary), which stand for the country's interests, should be balanced. In Brazil, however, critics point to an imbalance, noticing the judiciary's growing protagonism. Commenting on that, Brazilian Supreme Court (Supremo Tribunal Federal – STF) former justice Carlos Ayres Britto and Armando Castelar, a professor at Fundação Getulio Vargas, talk about the main reasons that led to this scenario and the possible ways to reestablish a balance among the three branches.

DO YOU BELIEVE THE JUDICIARY HAS BEEN ACTING AS A PROTAGONIST IN A WAY THAT CAN BE HARMFUL FOR BRAZILIAN SOCIETY?

ARMANDO CASTELAR – I do. About twenty years ago, 45% of disputes ended up in the justice system. The latest figure, from 2009, is 70%. Political conflicts are now arbitrated in the judiciary, as well as economic and social ones, so naturally the judiciary is now much more demanded by Brazilian society, and it accepted this role. The US Supreme Court, for example, sometimes says: "No, I'm not getting into this, you guys sort this out." In Brazil, the judiciary is hungry to arbitrate all these kinds of conflicts, which are not legal, which don't involve a matter of legal interpretation. Proof of that is that most of these disputes end up in settlements. It means the judiciary is arbitrating economic, social and political conflicts.

COULD THE JUDICIARY'S CURRENT PROTAGONISM BE SEEN AS A SORT OF COLLATERAL DAMAGE CAUSED BY THE EXECUTIVE'S UNPOPULARITY AND THE LEGISLATURE'S LACK OF CREDIBILITY, DUE TO OPERATION LAVA-JATO?

AYRES BRITTO – We can oversimplify things this way: the other two branches, the legislative and executive ones, are eminently political, they were made to rule. The judiciary was made to prevent misrule, and that's why if, on the one hand the Constitution empowers the judiciary to give the last word, on the other, it creates antidotes so it can be saved from itself, from its temptations of arrogance, abuse of power, pride, and self-interested behavior. Examples are the due legal process clause, the obligation to justify decisions, the publicity of deliberations and decisions. A really powerful institutional antidote nowadays is the CNJ [*National Council of Justice*], which curbs judicial aggrandizement. When conflicts can't be solved in a friendly way, on a basis of dialogue and agreement, the judiciary's doors are open, but they're opened from outside.

CAN THE IDIOSYNCRASIES OF ONE JUSTICE GET IN THE WAY OF THE COUNTRY'S LEGAL CERTAINTY?

ARMANDO CASTELAR – In the US Supreme Court and in the German Supreme Court, as far as I know, decisions are always made by the collegiate body. There's no such thing as a single justice's decision in the US Supreme Court. Individual decision-making in collegiate bodies, in the Supreme Court in particular, is something Brazil made up, it doesn't exist elsewhere, as far as I know. Obviously, this creates a lot of problems, because there's always a reason for someone to want the decision to be made by a single justice. The STF's role is precisely to make uniform the judiciary's interpretation of a rule. Obviously, each justice is entirely free to have his own opinion regarding the case, that's why there are 11 of them and what counts is the majority's opinion. Depending on which STF's justice decides you can get different decisions. That's why decisions should be taken by the collegiate body and what should count is the majority's opinion. This Brazilian invention creates a lot of uncertainty.

JUSTICE BRITTO, DO YOU BELIEVE THAT THE FACT THE JUDICIARY IS OVERWHELMED BY LEGAL PROCEEDINGS WHICH DEMANDS FAST ADJUDICATION, CAN JUSTIFY, OR AT LEAST EXPLAIN, THE EXISTENCE OF SINGLE JUDGE'S DECISIONS?

AYRES BRITTO – In Brazil, the STF has a wide jurisdiction. For example, we have

original jurisdiction, ordinary appellate jurisdiction, and extraordinary appellate jurisdiction in a wide number of cases. So, our judiciary is much more demanded than other countries'. We should recall that there are about 55 thousands cases in the STF's docket in this moment. In 2007, if I'm not mistaken, this figure was 120 thousands. The US Supreme Court has the power to pick its cases. Not us. I think all these factors converge to a state of judicial perplexity in Brazil. But the waters will calm down.

THERE'S A WIDESPREAD AWARENESS THAT THERE ARE A LOT OF PROBLEMS WITH THE LEGISLATURE, FROM INSINUATIONS TO OPEN ACCUSATIONS AGAINST A LOT OF REPRESENTATIVES AND EVEN THE VERY IDEA OF REPRESENTATION. DO YOU BOTH AGREE THAT CONGRESS IS UNDERGOING A VERY DELICATE MOMENT RIGHT NOW?

ARMANDO CASTELAR – I totally agree. I believe part of the judiciary's prominence began with it being called upon to clarify poorly written bills approved by the legislature. Former justice Nelson Jobim used to argue that, when the conflict isn't solved inside the legislature, they approve a bill that makes everybody happy, but that's in reality too ambiguous and unclear. Therefore, the conflict that wasn't solved inside Congress is going to have to be arbitrated by judges. I think a lot of demands that come up, mainly in the STF and the high courts, are due to poorly written legislation, which sometimes disrupt the economy and so forth. Sometimes, that includes things that are blamed on the judiciary, but were actually originated in the legislature, like laws that promise the citizen stuff the state can't afford. The judges' duty is to enforce the law. If the law tells him to, he has to do it. It's the legislature's role not to make laws that promise things the country is in no position to provide. I think these issues of political representation are serious ones, such as the one regarding surrogate representatives and the one regarding the proportion of representation for the various states. There's also the one regarding the calculus of the coalition's electoral quotient, since voting for one candidate helps electing another one.

A CITIZEN THINKS HE IS VOTING FOR THE IDEA THAT INDIVIDUAL REPRESENTS, BUT, SINCE THERE ARE ELECTORAL COALITIONS, THE CANDIDATE THAT GETS ELECTED MAY BE FROM A PARTY AT THE OPPOSITE SIDE OF THE IDEOLOGICAL SPECTRUM. BUT, JUSTICE BRITTO, DOES IT GIVE YOU A HEADACHE TO INTERPRET POORLY WRITTEN LAWS?

AYRES BRITTO – Brazil's luck is its Constitution, which, although emended 43 times already, still is in broad lines a high quality one. It's filled with intrinsically worthy principles, like human dignity, which is secured by the first article, popular sovereignty as the first foundation of the republic, with all power emanating from the people, citizenship as the republic's second foundation, pluralism as the fifth foundation and the Brazilian republic's first fundamental goal, secured by article 3. There's nothing better if we want to build a free, just and solidary society. Solidary in the sense of fraternal. Now, it's a Constitution that requires a fresh view of things. The rules are usually good, but the facts are not that good. What should we do? Cooptation of congress officials to vote the executive's public policies, confusion between coalitional presidentialism and cooptation presidentialism, hidden campaign contributions, sometimes with public money. Hidden campaign contribution with public money is really embezzlement. And stuff like that in which the facts rebel against the norms and we go out in defense of the facts. For the facts not to be changed, purified, improved, what do we do? We change the norms. The very constitution amended with a hamster-like fertility rate.

ADÃO ITURRUSGARAI

AGOSTO 2016

SILVIO MEIRA | ENTREVISTA: **HUMBERTO DANTAS**

O PAÍS NÃO TEM ESTRATÉGIA PARA NADA E NÃO EXPLICITA QUAIS SÃO OS SEUS DESAFIOS. ISSO ME DÁ O DIREITO, COMO PESQUISADOR QUE SOU, DE PESQUISAR O QUE EU QUERO

Segundo o engenheiro eletrônico formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e ex-assessor da Secretaria de Política de Informática do Ministério da Ciência e Tecnologia, Silvio Meira, a falta de estratégia para tratar grandes problemas nacionais causa descrença por parte da população e também dificulta o desenvolvimento do empreendedorismo.

PARCERIA | PARTNERSHIP | LABORATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (LAB FGV)

COMO PODEMOS CONSEGUIR FAZER COM QUE O CIDADÃO LEGITIME UMA INICIATIVA PÚBLICA DE INOVAÇÃO, DE EMPREENDEDORISMO? COMO CONVENCER O CIDADÃO DE QUE O SETOR PÚBLICO É EFICIENTE (OU PODE SER EFICIENTE) NAS SUAS INICIATIVAS?

É absurdamente simples. Se a percepção for de que o Poder Público está verdadeiramente tentando resolver um problema que ele, cidadão, tem de estabelecimento de políticas públicas para inovação, a parte de empreendedorismo, e mesmo para pesquisa em desenvolvimentos cientifico e tecnológico, está estabelecida. O problema é que em países como o Brasil nós não temos uma estratégia para tratar grandes problemas nacionais. Temos um megaproblema nacional, que é o semiárido no Nordeste, por exemplo. Ele passa pela maior seca em cem anos, e há pelo menos 150 anos é uma pseudoprioridade. O problema da seca você trata continuamente com conjunto de políticas estratégicas para viabilizar uma economia de semiárido. Como Austrália e Israel têm. Mas qual é o problema? Em vez de se escolher resolver aquele problema no que é possível com ciência, com tecnologia, com novos métodos e processos, com educação, criatividade, inovação e empreendedorismo, fica-se mitigando as consequências *ad aeternum*. Quando você separa iniciativas de inovação nesse contexto, a exemplo do semiárido na Austrália, está efetivamente tratando essa classe de problemas, vamos dizer assim, porque, obviamente, é uma rede de problemas conectados com política pública há décadas. E com total apoio da cidadania, que vê o esforço, os erros, os acertos e os resultados.

NÃO É UMA VISÃO MUITO LIMITADA DIZER QUE O GOVERNO INVESTE POUCO OU INVESTE MUITO? NÃO SERIA INTERESSANTE DISCUTIR TAMBÉM EM QUE MEDIDA ENVOLVER OUTROS AGENTES?

É uma visão burra porque, principalmente em Estados periféricos, semipopulistas ou populistas, como é o nosso, as pessoas acham que a relevância de algo se dá na estrutura do poder. Então, se tem o Ministério, é porque é prioritário. A gente tem exemplo de governo com mais de 30 ministérios, dos quais 25 pelo menos eram completamente irrelevantes. No poder, ter um ministério é importante. Mas é relevante? Porque só seria relevante se houvesse uma estratégia e dela fossem derivadas políticas, ações e operações que levassem pelo menos à tentativa de resolver problemas reais. Quais são os grandes desafios brasileiros? Desafios explicitados em programas, pri-

meiro de governo. Depois na execução desses programas, enquanto executivos, em todos os níveis. Qual o grande desafio das cidades? Qual o grande desafio dos Estados, das mesmas regiões? Qual o grande desafio dos ecossistemas? Qual o desafio do País como um todo? Sem explicitar esses desafios, fica muito difícil fazer um conjunto de conexões que crie uma rede na qual o Estado diga o seguinte: "Olha, eu tenho este desafio aqui e vou investir desta forma para criar a primeira base de conhecimento, pesquisa e desenvolvimento, e a base e disseminação de conhecimento, educação. Depois, vou incentivar processos de criatividade, inovação e empreendedorismo que vão pegar a parte que não é pública da solução desse problema e botar no mercado".

DE QUE FORMA ISSO PODERIA SER FEITO NA PRÁTICA?

Exemplo típico: existe uma quase mitologia no Brasil sobre a capacidade de Israel de gerar empresas de alta tecnologia, em especial de alta tecnologia de informação e comunicação. Israel tem um problema extremamente bem definido de sobrevivência de segurança. Existe uma política pública para tratar isso, com *spin-off*, ou seja, com efeitos colaterais na iniciativa privada: o que não for usado, que não é de ataque e defesa, vai virar tecnologia civil para ser aplicada em várias coisas. Toda uma rede de formação de empreendedores, de criatividade de investidores, de alguma forma se apossa desses resultados de primeira ordem que estão mais ou menos no contexto militar ou bélico ou de defesa, pega os *spin-off* disso e transforma em ações de inovação e empreendedorismo no mundo civil, no mundo normal de *business*. Como resultado, tem-se quase um fluxo contínuo de criação de negócios de alta tecnologia em Israel.

COMO A ACADEMIA PODE SER ENVOLVIDA EM PROCESSOS DE INOVAÇÃO PARA O MERCADO E COMO VENCER ALGUMAS BARREIRAS INTERACADÊMICAS?

Se não fosse a academia, provavelmente não estaríamos refletindo sobre a formação das galáxias, porque não há nenhum negócio privado que esteja preocupado com o Bing Bang. Então, é de se esperar que a academia tenha o seu time. Mas é de se esperar também que a academia mais tecnológica – de ciência, tecnologia, engenharia, matemática, medicina, biologia e química – tenha uma conexão muito mais forte com o mercado. Senão ela faz tecnologia de prateleira. Tipo: "Já fiz tudo e agora só falta alguém para botar no mercado". Mas você conversou com alguém que estava no mercado? Tem uma conexão, tem uma interação? Quando olhamos para os grandes centros geradores de novos negócios e tecnologia, vemos que existe quase uma interpenetração entre os ambientes privado e de investimento, de criação de novos negócios ou de negócios existentes e seus interesses nos desenvolvimentos acima ou abaixo da sua cadeia de valor em particular. Essa coisa não existe no Brasil. Sou professor universitário, estou aqui e não preciso fazer nada. Mas a academia também não pode ser culpada por isso. Ela sozinha. Por quê? O País não tem estratégia para nada e não explicita quais são os seus desafios. Isso me dá o direito, como pesquisador que sou, de pesquisar o que eu quero. Não vejo nenhum direcionamento ou priorização dos fundos públicos para resolver qualquer tipo de problema quando se trata de financiar ciência e tecnologia ou pesquisa e desenvolvimento, eu me sinto no direito de pesquisar o que eu quero.

TEM COMO FORMAR UM CIDADÃO EMPREENDEDOR OU CONSTRUIR UMA CULTURA EMPREENDEDORA E INOVADORA?

As pessoas podem aprender dentro de um ambiente favorável ao empreendedorismo a ser empreendedoras. Agora, uma coisa que é absolutamente fundamental nisso é o entendimento de que o processo de criação de empreendedores é o processo de criação de líderes. Antes de pensar em formar empreendedores, a gente tem que formar líderes. Mas, para liderar outros, primeiro você tem que ser um líder de si mesmo. Então, qual é o primeiro princípio que envolve formar o empreendedor? É você criar um ambiente com oportunidades de aprendizado, onde pessoas desde muito jovens vão aprender a carregar a si próprias. Carregar no sentindo de "eu sou um dos principais suportes de mim mesmo". O líder é um cara que corre riscos. É um construtor de estratégias. Cada vez mais em um mundo contemporâneo, em um mundo em rede, onde cada um precisa empreender a si próprio, nós precisamos urgentemente criar as oportunidades para que lideranças se formem. Eduquem-se. Quem cria o líder é o contexto no qual existe. [*Formar liderança*] É habilitar as pessoas para fazer escolhas, tomar decisões sabendo que riscos estão correndo. Sem isso, é impossível ter empreendedorismo efetivo, não vou dizer nem de alto impacto. O Brasil não tem esse processo nem os lugares para formar esse pessoal hoje. E nem vai ter no curto prazo.

THE COUNTRY LACKS ANY STRATEGIC PLANNING AND DOESN'T SPELL OUT WHAT ITS CHALLENGES ARE. AS A RESEARCHER, THAT GIVES ME THE RIGHT TO INVESTIGATE WHATEVER I WANT TO

According to Silvio Meira, who holds a degree in electronic engineering by the Aeronautics Institute of Technology (ITA) and is a former advisor for the Secretary of Computing Policy at the Science and Technology Ministry, the lack of strategic planning to deal with national issues causes disbelief among the population and stands in the way of entrepreneurship.

HOW CAN WE GET THE CITIZENRY TO STAND FOR A PUBLIC POLICY FOR INNOVATION AND ENTREPRENEURSHIP? HOW CAN WE PERSUADE THE CITIZENRY THAT THE PUBLIC SECTOR IS (OR CAN BE) EFFICIENT IN ITS POLICIES?

That's ridiculously simple. If the citizenry's perception is that the public sector is actually trying to solve a problem they, as citizens, have in regards to public policies for innovation, the part that deals with entrepreneurship and even research and development in technology is solved. The problem is that countries like Brazil have no strategic planning to deal with national issues. We have a huge national issue which is the semi-arid region at northeastern Brazil. It's undergoing the worst drought in 100 years and for at least 150 years it's a pretend priority. Drought situations are solved continuously through strategic policies that make a semi-arid economy viable. Just like Australia and Israel do. So what's the problem? Instead of choosing to solve that problem as we can by way of science, technology, new processes and methods, by way of education, creativity, innovation and entrepreneurship, we just mitigate droughts' effects forever. When you move on to innovation policies in this area, as they did in the Australian semi-arid region, you're effectively dealing with this class of problems, since it's a network of problems that are connected to public policy for decades. And you do it with the citizenry's full support, because they see the efforts, the rights and wrongs, and the results.

IS IT NOT A LIMITED VIEW TO MERELY SAY THAT THE GOVERNMENT INVESTS TOO MUCH OR TOO LITTLE? WOULDN'T IT BE INTERESTING TO GET OTHER PLAYERS INVOLVED?

Yes, it's a stupid view because in peripheral populist and semi-populist countries like ours people think something is relevant when it's acknowledged as such by the governmental structure. So, if there's a department for this, it's a priority. But we had governments with 30 departments in which at least 25 of them were irrelevant. In political power arrangements, departments are important. But is this relevant? It would only be relevant if there was strategic planning from which we could derive policies, actions and operations that could add up to at least a shot at fixing real issues. What are the real challenges Brazil faces? First of all, challenges that are clearly stated in the outline of governmental programs. Then, challenges posed by these programs' execution in every level. What are the big challenges cities face? What are the big challenges states face? What are the big challenges our country's ecosystems face? What are the big challenges the country faces as a whole? Without clearly stating those challenges, it's really hard to build a network of connections by way of which the government can say the following: "Look, I have this challenge over here and I'm going to invest this way to build bases for knowledge, research and development and for knowledge dissemination, education. After that, I will foster processes for creativity, innovation and entrepreneurship that are going to transfer to the market the non-public part for this problem's solution."

HOW COULD THIS BE DONE IN PRACTICE?

A typical example: there's almost a mythology in Brazil about Israel's capacity to build high-tech companies, information technology companies in particular. Israel has an extremely well defined problem pertaining to its safety and survival. There's a public policy to deal with

it, which has spin-off effects on the private initiative: whatever has no military purpose is turned into civilian technology for use in several sectors. There's a whole network for creating entrepreneurs and creativity investors, which somehow takes advantage of these first order results that happen in the defense sector and benefits from spin-off effects and turns them into innovation and entrepreneurship actions in the civilian world, in the regular business world. As a result, there's almost a never-ending flow of high-tech businesses creation in Israel.

HOW CAN ACADEMIA BE INVOLVED IN MARKET-ORIENTED PROCESSES FOR INNOVATION AND HOW CAN WE OVERCOME SOME INTERNAL BARRIERS OF ACADEMIA?

If not for academia, it's likely we wouldn't be thinking about how galaxies are born, because there's no private business interested in the Big Bang. So, we should expect academia to have its own team. But we should also expect the more tech-oriented part of academia – science, technology, engineering, mathematics, medicine, biology and chemistry – to have a much stronger connection with the market. Otherwise, it will be developing technologies that will not be put to use. It's like: "I've already done everything but I need someone to put this on the market". But have you talked to someone who's in the market? Have you any connections, interactions? When we look at the big centers for new businesses and technologies, we see that the market environment, whether it involves new or already existing businesses, almost interpenetrates with research and development that's related to their value-chains. We don't find this sort of thing in Brazil. I'm a college professor, I'm here and I don't need to do anything. Why? The country lacks any strategic planning and doesn't spell out what its challenges are. As a researcher, that gives me the right to investigate whatever I want to. Since there's no direction or prioritization of public funds to solve any sort of problem when it comes to science and technology or research and development, I feel I'm entitled to research whatever I want to.

IS THERE A WAY TO BUILD A CITIZENRY OF ENTREPRENEURS OR A CULTURE OF ENTREPRENEURSHIP AND INNOVATION?

People that are taught inside an environment that's friendly to entrepreneurship will learn to be entrepreneurs. One thing that's absolutely crucial is the understanding that a process for entrepreneurship creation is a process for leadership creation. Before we think about creating entrepreneurs, we have to create leaders. But, in order to lead others, first you have to lead your own life. Therefore, what's the first measure involved in creating entrepreneurs? It's the creation of an environment filled with learning opportunities, where people can learn from a very young age to carry themselves. Carry themselves in the sense of "I'm one of my main supports". A leader is someone who takes risks. He´s a strategy builder. In the contemporary world, which is an interconnected world, where everyone needs to be his own entrepreneur, we desperately need to create opportunities for leadership building. For leadership education. What creates leaders is the context in which they come about. To create leaders is to capacitate people to make choices and decisions conscious of the risks involved. Otherwise, it's impossible to have effective entrepreneurship, not to mention high impact entrepreneurship. Brazil lacks the processes and places to create leaders today. And it's not going to build them in the short term.

ADÃO ITURRUSGARAI

OUTUBRO 2016

NARA PAVÃO | ENTREVISTA: **HUMBERTO DANTAS**

No Brasil, os eleitores acham que não têm escolha, acreditam que todos os políticos são corruptos

PARCERIA | PARTNERSHIP | INSTITUTO ATUAÇÃO

DOUTORA EM CIÊNCIA POLÍTICA E PESQUISADORA PÓS-DOUTORANDA DA UNIVERSIDADE VANDERBILT, NOS ESTADOS UNIDOS, NARA PAVÃO ANALISA O ENTENDIMENTO DO CIDADÃO EM TORNO DA CORRUPÇÃO E SEUS EFEITOS NA LÓGICA ELEITORAL. SUAS PESQUISAS MOSTRAM QUE O ELEITOR BRASILEIRO NÃO CONSIDERA A CORRUPÇÃO UMA ESCOLHA DO POLÍTICO, MAS UMA CARACTERÍSTICA DO SISTEMA. A ENTREVISTA É PARTE DE UMA SÉRIE GRAVADA NA 2ª SEMANA DA DEMOCRACIA, EM CURITIBA (PR), UMA INICIATIVA DO INSTITUTO ATUAÇÃO EM PARCERIA COM O UM BRASIL.

O ELEITOR É CÚMPLICE DA CORRUPÇÃO?

Um dos princípios da democracia é que as eleições combatam a corrupção, porque, em sociedades democráticas, o eleitor tem a chance de jogar o lixo fora a cada quatro anos e repensar o comportamento dos seus representantes. Se esse comportamento não está compatível com normas éticas gerais, a teoria democrática espera que o eleitor puna esse político corrupto nas urnas. Na teoria, há uma relação muito bonita entre a democracia e a corrupção: quanto mais democrático, menos corrupto é um país. Infelizmente, na prática, isso não é verdade. A corrupção se tornou um problema grande no Brasil. Não só a corrupção em si, mas a impunidade eleitoral dos políticos corruptos. Existem pesquisas acadêmicas mostrando a mesma tendência nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Espanha, na Itália e, inclusive, na Suécia, que é um país com baixos índices de corrupção. A relação entre democracia e corrupção é muito mais complexa do que a teoria democrática consegue prever e do que esperamos.

COMO SEPARAR O JOIO DO TRIGO?

O Brasil passa por uma onda de antipartidarismo ou antipolítica. Os eleitores têm a percepção de que a corrupção atinge a todos, que todos os políticos são corruptos. Quando se chega a uma situação dessas, o controle eleitoral não vai funcionar. Uma das coisas que sabemos sobre o controle democrático eleitoral é que, para que ele exista, os eleitores têm que perceber diferenças entre as opções. No Brasil, os eleitores acham que não têm escolha, acreditam que todos os políticos são corruptos. Quando chega a esse ponto, não há como separar o bom e o ruim. Minha pesquisa mostra que o eleitor não acha que a corrupção é um atributo do indivíduo, ele não acha que é uma escolha do político, que a corrupção é uma característica do sistema. E eles estão certos, embora seja exagero tirar a culpa do candidato. Em situações nas quais é muito difícil distinguir o limpo do corrupto, os eleitores tendem a generalizar. Quanto mais corrupto o sistema for, mais difícil é para o eleitor. A informação sobre corrupção é, por natureza, negativa. Para o eleitor brasileiro, em particular, é muito difícil separar o joio do trigo.

O ELEITOR NÃO SENTE QUE A CORRUPÇÃO TAMBÉM ATINGE A VIDA PESSOAL?

Sem dúvida. A corrupção no Brasil não atinge apenas a classe política. Há corrupções pequenas que o cidadão pratica. E

isso, obviamente, faz com que ele fique mais tolerante à corrupção com relação à classe política. Alguns eleitores veem benefício na corrupção. É um pouco a questão do "rouba, mas faz". As pessoas escolhem um candidato por várias razões: a econômica, os problemas sociais e a corrupção. Nesse aspecto, a corrupção é apenas mais um critério.

UM ITEM DA PAUTA...

Sim. As teorias de controle eleitoral mostram que é muita coisa para o eleitor processar. A economia é o que mais mobiliza o eleitor, tanto a situação pessoal dele como a situação econômica do país. A corrupção fica em terceiro plano. Ele se importa, mas há outras prioridades. Por isso vemos agora essa indignação muito grande com a corrupção. Ela é, em parte, por causa da crise econômica. Quando a economia está mal, os eleitores tendem a se mobilizar contra o governo.

A IMPRESSÃO É A DE QUE QUANDO O ELEITOR GANHA JUNTO, NÃO SE IMPORTA TANTO COM A CORRUPÇÃO, MAS QUANDO PERDE...

Certamente. A reação à corrupção é condicionada pela economia. Olhe para o mensalão. A economia estava indo bem e Lula recuperou a queda de popularidade. Foi reeleito.

"DEIXA O HOMEM TRABALHAR"...

É, deixa fazer, está dando certo, vamos deixar a corrupção de lado. Quando há uma fragilidade econômica, surgem mais críticas ao governo. "Não estamos recebendo nada e ainda vemos toda essa classe política corrupta." É o "rouba, mas faz". A troca que o eleitor faz explica parte da punição do político corrupto nas urnas, mas não explica tudo. A minha pesquisa mostra, por exemplo, várias coisas combinadas. Há a falta de informação do eleitor, que às vezes não sabe que o político é corrupto. Não acho que no caso brasileiro isso seja plausível, porque recebemos muita informação sobre corrupção. E há a dimensão na qual os candidatos não se diferenciam muito bem, porque são percebidos como igualmente corruptos.

O ELEITOR TEM A CORRETA DIMENSÃO DO QUE É CORRUPÇÃO?

Não acredito que tenha. O eleitor brasileiro em geral tem certa dificuldade de entender o papel da política como um todo. Isso é uma coisa muito sofisticada, entender que a política não deveria ser baseada no tipo de troca pequena e nas promessas. Não sei até que ponto também isso seria um problema muito grave. Acho que parte da representação local é baseada nisso. Claro que não estamos falando de prometer uma dentadura em troca de voto – ou meio frango frito –, como há vários exemplos no Nordeste dessas moedas de troca por voto. É muito mais no sentido de achar que aquilo é governo, que aquilo é função do vereador, por exemplo. O problema grave é prometer coisas específicas. Prometer melhorias para o bairro faz parte do trabalho do vereador.

O CIDADÃO CONSEGUE DISTINGUIR ENTRE ESSAS POSTURAS?

É também um fator condicionado à dificuldade econômica do indivíduo. Só se consegue pensar coletivamente quando se tem os seus problemas pessoais resolvidos. Quando ainda se está na batalha para conseguir o que comer, conseguir uma dentadura ou acesso a médicos, como vai se pensar no coletivo? O bom do desenvolvimento econômico é promover um pensamento do eleitor de prazo maior.

A PERCEPÇÃO DA CORRUPÇÃO NA AMÉRICA LATINA É MENOR?

A percepção de corrupção é muito alta na América Latina, mas é difícil diferenciar entre os países. Recentemente, tentei escolher um país latino-americano com baixo grau de percepção de corrupção. Não achei.

NEM O URUGUAI?

Nem o Uruguai. A percepção é muito abstrata, nem sempre corresponde ao grau de corrupção que o país tem. A Costa Rica, por exemplo, eu diria que é o país menos corrupto da América Latina, com uma política mais estruturada. Mesmo assim se pergunta sobre a corrupção no país e ainda temos 80%, 90% da população dizendo que é muito grave. No Brasil, faço a pergunta: "Você acha que a corrupção é grave?". Recebo 98% da população dizendo que é muito grave. Não posso nem utilizar em modelo estatístico essa variável porque ela é muito truncada.

MESMO PORQUE OS 2% NÃO VÃO TE RESPONDER NADA.

Não posso fazer nada estatisticamente com 2%. Um estudo recente, com 112 países, mostra que em 78% deles a percepção é que a corrupção aumentou. Quanto mais se vivencia a política, mais se aprende sobre ela, como funciona. É um tipo de dado muito delicado, porque não reflete a incidência real.

HÁ CINISMO OU CONIVÊNCIA COM A CORRUPÇÃO?

É mais a desconfiança sobre a natureza humana, é a visão de que os políticos são corruptos e sem ética por definição. Fiz várias entrevistas de grupos focais no Brasil e o que mais escutei foi o seguinte: para entrar na política, tem de ser corrupto. Se não for antes, vira corrupto depois de eleito.

ELE NÃO CONSEGUE CONECTAR A IDEIA DE QUE MENOS CORRUPÇÃO RESULTARIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS MELHORES?

O eleitor sabe, ele olha o dinheiro que é desviado de programas sociais. Acontece que o eleitor sente dificuldade de ter algum poder sobre uma característica arraigada no sistema. Os dados mostram que 40% da população não conseguem diferenciar os partidos políticos ou candidatos específicos na dimensão da corrupção. Percebem os políticos como sendo mais capazes de resolver o problema da economia do que o da corrupção, porque eles se beneficiam com a corrupção também.

O QUE MUDOU NESSA QUESTÃO?

O que observei é que a percepção da corrupção aumentou muito de 2005 para cá. Ao mesmo tempo, a tolerância aumentou. A versão oficial é que o brasileiro está se rebelando contra a corrupção. Segundo os dados, isso não é verdade. O eleitor brasileiro tem ficado mais tolerante. Isso pode mudar. Se a corrupção não fica impune, o eleitor pode reduzir a tolerância. O eleitor brasileiro precisa de informação positiva sobre corrupção, para deixar de usar esses atalhos cognitivos de igualar todos os políticos.

IN BRAZIL, VOTERS THINK THEY HAVE NO CHOICE, THEY BELIEVE ALL POLITICIANS ARE CORRUPT

Post-doctoral researcher at Vanderbilt University, USA, political scientist Nara Pavão analyzes citizens' understanding regarding corruption and its effects in electoral strategy. Her findings show that Brazilian voters don't regard corruption as politicians' choice, but as a feature of the political system. This interview is part of a series recorded during the 2nd Week of Democracy, in Curitiba, Brazil, a joint initiative of Instituto Atuação and Um Brasil.

ARE VOTERS ACCOMPLICES IN CORRUPTION?

One of democracy's principles is that elections fight corruption, since, in democratic societies, voters have the chance to get rid of the garbage every 4 years and reconsider their representatives' behavior. If the politician's behavior is inconsistent with widespread ethical norms, democratic theory expects voters will punish this corrupt politician in the ballots. In theory, there's a very nice relation between democracy and corruption: the more democratic a country is, the less corrupt it is. Unfortunately, in practice, this isn't so. Corruption has become such a big problem in Brazil. Not just corruption itself, but corrupt politicians electoral impunity. There are researches showing the same trend in the United States, United Kingdom, Spain, Italy, and even Sweden, a country with low levels of corruption. The relation between democracy and corruption is much more complex than what democratic theory can predict and what we expect.

HOW TO SORT OUT THE GOOD APPLES FROM THE BAD ONES?

Brazil is undergoing a wave of anti-partisan and anti-political sentiment. Voters believe that corruption is all-encompassing. When we get to this point, electoral control won't work. One thing we know about democratic electoral control is that, for it to exist, voters must see a difference between alternatives. In Brazil, voters think they have no choice, they believe all politicians are corrupt. When we get to this point, there's no sorting out the good ones from the bad ones. My research shows that voters don't think corruption is an individual attribute, they don't think it's the politicians' choice, but a feature of the political system. And they are right, although it's going too far to deny politicians' responsibility. In situations in which it is hard to distinguish between the honest and the corrupt, voters tend to generalize. The more corrupt a political system is, the harder it is for voters to make this distinction. Information about corruption is, by definition, negative. For Brazilian voters in particular it is really hard to sort out the good apples from the bad ones.

DO VOTERS FEEL THAT CORRUPTION ALSO IMPACTS THEIR PERSONAL LIVES?

No doubt about that. Corruption in Brazil doesn't restrain its impact to the political class. There are little acts of corruption that citizens engage in. And that, obviously, makes them more tolerant towards corruption and towards the political class. Some voters see benefits in corruption. It's a little of "he embezzles, but he delivers". People choose a candidate for several reasons: economic reasons, reasons to do with social issues, and corruption. In this perspective, corruption is just one criterion among others.

JUST ANOTHER ISSUE...

Yes. Theories of electoral control show that it's too much for voters to process. What mobilizes voters the most is the economy, both their own economic situation and the country's. Corruption gets pushed aside. They care about it, but there are other priorities. That's why now we're seeing this great outrage about corruption. It's, in part, due to the economic crisis. When the economy is bad, voters tend to mobilize against the government.

THE IMPRESSION WE GET IS THAT WHEN VOTERS ARE GETTING SOMETHING, THEY DON'T CARE THAT MUCH ABOUT CORRUPTION, BUT WHEN THEY'RE LOSING...

Yes, certainly. Reactions towards corruption are conditioned by the economy. Just look at "mensalão". The economy was doing well and Lula recovered from the drop in his popularity. He was re-elected.

"LET THE MAN WORK..."

Yes, let him do it, it's working, let's push corruption aside. When there's economic frailty, there's more criticism against the government. "We're not getting anything and yet we see this corrupt political class." It's "he embezzles, but he delivers". This trade-off voters make is part of what explains their punishment of corrupt politicians' in the ballots, but it doesn't explain it all. My research shows there's a mixture of several factors. Voters sometimes lack information, they don't know whether a politician is corrupt. I don't think that's plausible when it comes to Brazil, since we get a lot of information regarding corruption. And there's the situation in which there's no differentiation among candidates since they're all seen as equally corrupt.

DO VOTERS HAVE A CORRECT VIEW OF WHAT CORRUPTION IS?

I don't think so. Brazilian voters generally have certain difficulty in understanding politics' role as whole. It's something really sophisticated to understand that politics shouldn't be based on small personal trade-offs and promises. I don't know how big of a problem this is. I think part of local representation is based on this. Of course we're not talking about trading dentures, half of a roasted chicken, for votes, as in the examples from the northeast part of the country. It's much more like voters thinking "that's government, that's a city councilor's role", for example. The problem is when politicians promise specific things. To promise to improve the neighborhood is part of a city councilor's job description.

CAN CITIZENS DISTINGUISH BETWEEN THESE TWO ATTITUDES?

It's something conditioned to the individual's economic hardship. It's only possible to think collectively when our personal problems are taken care of. When someone still struggles to get food, get a denture or access to doctors, how is he going to think about the collectivity? One of the benefits of economic development is fostering long-term thinking by voters.

ARE CORRUPTION PERCEPTIONS SMALLER IN LATIN AMERICA?

Corruption perceptions are very high in Latin America, but it's difficult to distinguish among countries. I tried recently to pick a Latin American country with a low level of corruption perception. I couldn't find one.

NOT EVEN URUGUAY?

Not even Uruguay. Corruption perceptions are something too abstract, not always corresponding to actual levels of corruption a country has. For example, I would say Costa Rica is the least corrupt country in Latin America, with well structured politics. Nevertheless if you ask Costa Ricans about corruption you'll have 80%, 90% saying it's too bad. In Brazil, I ask the question: "Do you think corruption is bad?" I get 98% saying it's too bad. I can't even feed this into statistical models because this variable is too truncated.

BECAUSE 2% WON'T GET YOU ANYTHING.

There's nothing I can do statistically with 2%. A recent study, with 112 countries, shows that in 78% there's the perception that corruption increased. The more democratic experience one has, the more one lives politics, the more one learns about it and about how it works. It's a really delicate kind of data because it doesn't reflect the actual incidence.

IS THERE CYNICISM OR COMPLACENCY TOWARDS CORRUPTION?

There's more of an attitude of suspicion towards human nature, there's the view that politicians are corrupt and unethical by definition. I've conducted several focus groups in Brazil and what I've heard the most was this: to get into politics you have to be corrupt. If you're not already corrupt, you become after you're elected.

CAN'T VOTERS SEE THAT LESS CORRUPTION WOULD CERTAINLY LEAD TO BETTER PUBLIC POLICIES?

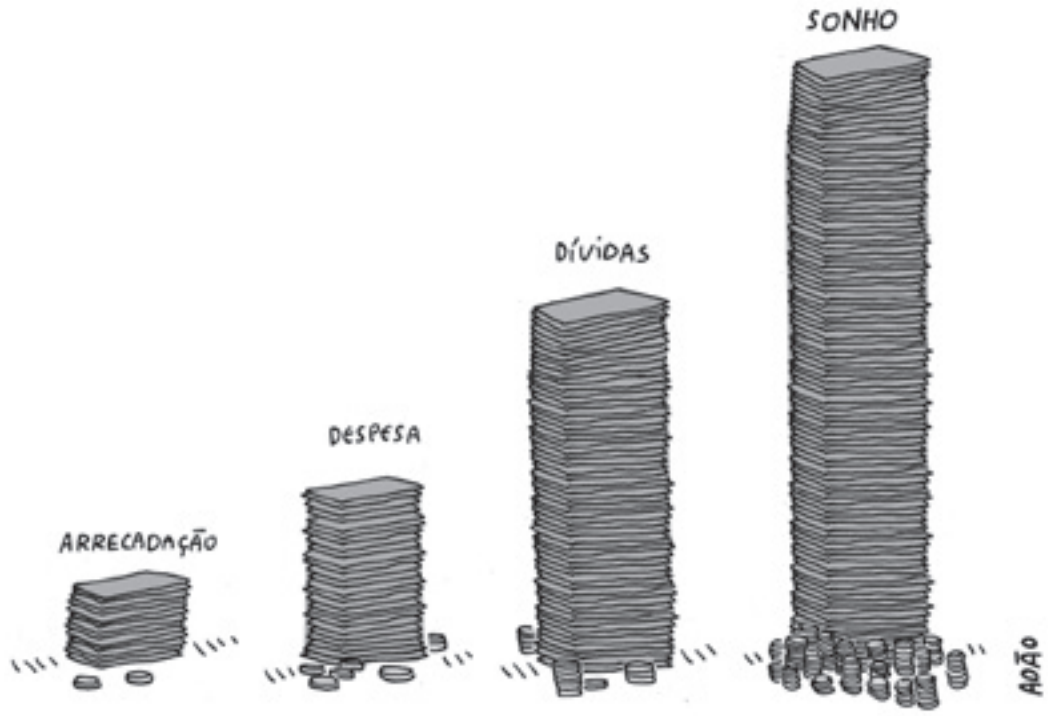
I think voters know this, they see the money that's embezzled from social programs. The problem is that they feel powerless towards a very ingrained feature of the political system. Data shows that 40% of the population can't distinguish between parties or specific candidates when it comes to corruption. Voters perceive politicians as being in a better position to solve problems in the economy than to solve the problem of corruption, because they benefit from it.

WHAT'S CHANGED ABOUT THIS ISSUE IN THE LAST FEW YEARS?

What I've observed in the last 10 years is that corruption perceptions increased a lot since 2005. At the same time, tolerance towards it also increased. The official story is that Brazilians are rebelling against corruption, they're more outraged than ever. According to data, that's not true. Brazilian voters have been getting more tolerant. That can change. If politicians are being punished and corruption is not passing without punishment, voters can also reduce their tolerance. I think Brazilian voters need positive information about corruption, so they can stop using this cognitive shortcut of equaling all politicians.

ADÃO ITURRUSGARAI

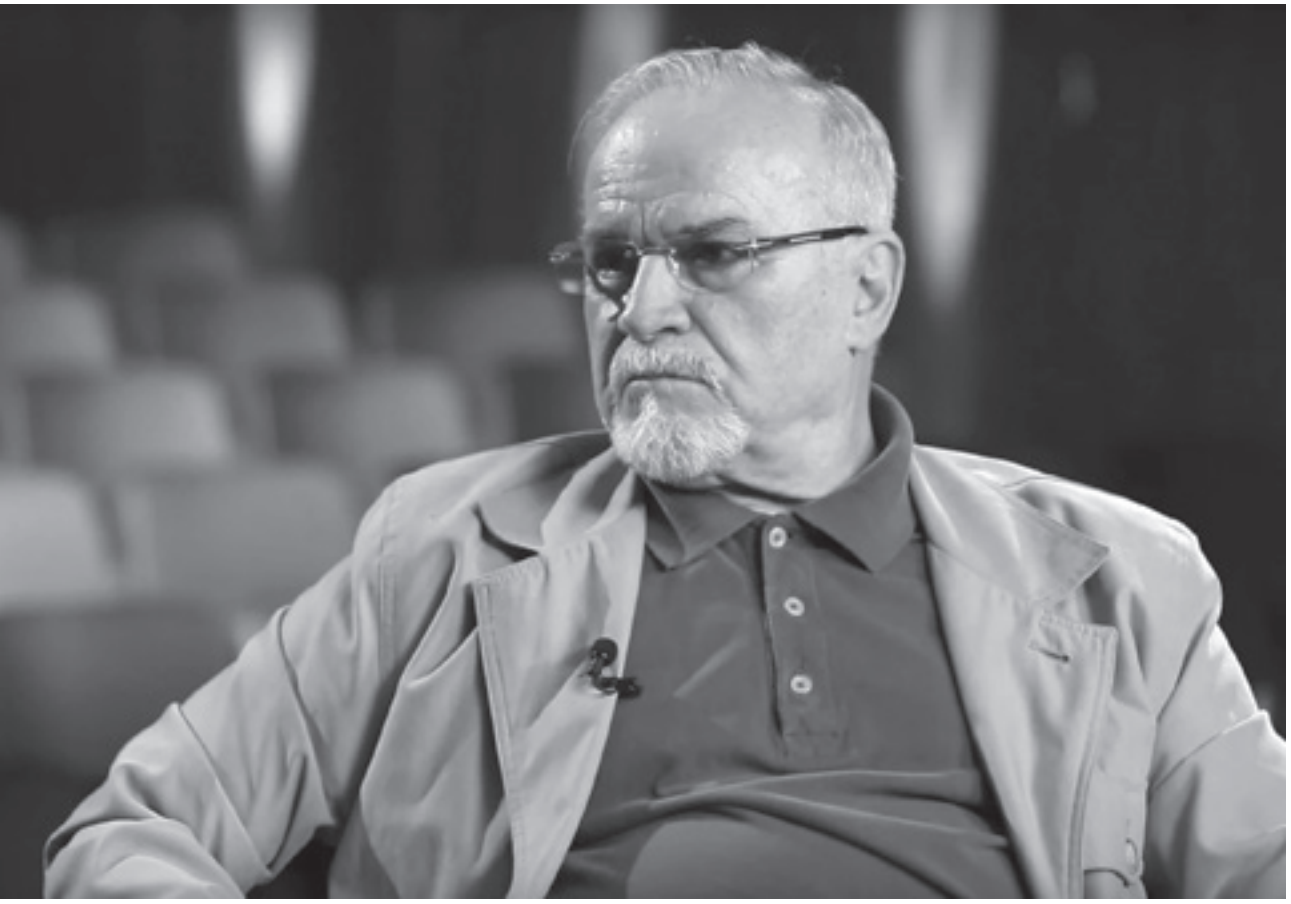
NOVEMBRO 2016



ROBERTO DAMATTA | ENTREVISTA: **ADALBERTO PIOTTO**

NINGUÉM AGUENTA MAIS OLHAR O NOTICIÁRIO E VER QUE O SALÁRIO DO SERVENTE DE CAFEZINHO NA CÂMARA É MAIOR DO QUE O DO PROFESSOR

Desde o histórico mês de junho de 2013, quando a população foi às ruas para reivindicar um País melhor, existe um senso de urgência por mudanças e pela garantia de direitos. Para entender a percepção entre direitos e deveres no Brasil, o antropólogo Roberto DaMatta explica as particularidades da sociedade brasileira e os desafios para avançarmos em cidadania, com todas as complexidades das relações com o Estado e os vícios alimentados ao longo de séculos, que fazem do Brasil uma sociedade desigual e resistente a mudanças.



O SENHOR CONSIDERA QUE, HOJE, DEVER E DIREITO TÊM PESOS DIFERENTES NA CONCEPÇÃO DO BRASILEIRO, NA RELAÇÃO DELE COM O PAÍS E COM A SOCIEDADE?

Estamos começando a descobrir, sobretudo depois das manifestações de junho de 2013, que todo direito implica um dever. E todo dever, eventualmente, constitui-se em um direito. Não estou falando de coisas contratuais, que precisam ser escritas e registradas em cartório. Eu chamo isso de um "surto de igualitarismo". Existe uma demanda da sociedade em relação a uma coisa muito óbvia: o Estado tem um dever para com a sociedade que o sustenta. Ninguém aguenta mais olhar o noticiário e ver que o salário do servente de cafezinho na Câmara é maior do que o do professor. Há uma espécie de descoberta de que, juntos, é possível atuarmos de maneira mais profunda, eficaz, clara, visível e bombástica. Outro dia vi um cartaz em que se lia "Estamos mudando o Brasil, não se assustem". Realmente, há uma mudança na reivindicação dos direitos ao Estado. Ao pedir seus direitos ao Estado e começar a cobrar os deveres dele, o cidadão também está implicitamente cobrando a sociedade, que já faz muito. A sociedade faz um bocado, porque a gente paga imposto que não acaba mais.

DÁ UM CERTO PROTAGONISMO E ATÉ UM CERTO CHARME RECLAMAR CONTRA O ESTADO, QUE TEM SUAS CULPAS (E SÃO VÁRIAS, INCLUSIVE), MAS NÃO SE FAZ UMA MUDANÇA SE NÃO SE MUDAR O INDIVÍDUO. ACHO QUE ISSO É MUITO PRÓDIGO NA CIÊNCIA SOCIAL, NÃO É? E AÍ A PERGUNTA É: O QUE VOCÊ MUDOU?

Sem dúvida. Eu diria que, no caso brasileiro, é muito importante que se faça um inventário dos papéis sociais que desempenhamos, porque nós atuamos. Em uma peça do Shakespeare, ele diz: "O mundo é um palco, nós todos somos atores nesse palco". É o que eu chamo de "axioma de Shakespeare". Eu acrescento, como sociólogo: nós não fizemos a peça. Você não inventou o Brasil, nem eu. Nós nascemos e não escolhemos entrar nem na família em que estamos. Por isso, os mais velhos têm mais responsabilidade, sobretudo aqueles que trabalham com opinião pública. É difícil querer mudar em uma sociedade que nunca se pensou pelas responsabilidades individuais, que sofre dessa "Estadomania", "Estadolatria" e "Estadopatia", que, aliás, são males latino-americanos. Não queremos mudar e recusamos a discussão da mudança na sociedade. Desejamos um Es-

tado que mude para nós aquilo que é desagradável. Quando você vê uma pessoa jogando lixo no chão, você não reclama com ela. Você critica a falta da fiscalização que deveria estar ali para reprimir.

É VERDADE. ESPERA-SE QUE ALGUÉM VÁ CORRIGIR, E NÃO QUE A PESSOA NÃO JOGUE O LIXO...

A nossa reclamação é esta: devia ter uma lei que impedisse. Existem leis contra cigarro e celular em teatro e cinema. Até os atores, antes de começar as suas peças, falam. Mas aparece o celular, e aí o que você faz? A única maneira de internalizar nas pessoas as regras que levariam a uma sociedade mais igualitária é justamente mostrando que elas desempenham papéis sociais. Querendo ou não, as pessoas são importantes porque frequentam e constroem os espaços públicos. Portanto, elas são também parte de uma moralidade, que é a coletiva. Construir um espaço público é contribuir para a moralidade de um lugar e para o bem-estar de todo mundo que frequenta aquele espaço público. Mas a gente não acredita na mudança e achamos que há muita coisa que não muda nunca. Temos inclusive uma percepção de que a lei é um obstáculo.

COMO SE PODE MUDAR ISSO?

Primeiro, politizando o problema e o discutindo. Todas as mudanças que ocorrem no espaço humano, que é bastante complexo, requerem uma problematização, é preciso admitir a mudança. É como uma pessoa admitindo que seja alcoólatra – que é o primeiro passo para ela deixar de ser. Mas, se você acreditar que o Brasil não muda, estará de fato fazendo uma mudança terrível, contribuindo para que o País não mude mesmo. É como falar "Não estou fazendo nada".

OS BRASILEIROS TÊM PROBLEMA DE FAZER O *MEA CULPA*, INDEPENDENTEMENTE DE SER O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, O GOVERNADOR, O DEPUTADO OU O ELEITOR? HÁ UM PROBLEMA DE SE PERCEBER O ERRADO PARA SE CORRIGIR?

Nós somos o país da vergonha, não da culpa, isso já vem sendo discutido há 50 anos. Antropólogos americanos fizeram uma correlação e afirmaram que as sociedades de culpa são mais igualitárias e individualistas. As pessoas têm mais consciência da sua autonomia individual. Logo, quando erram, mesmo que ninguém saiba, confessam. Isso acontece no velho Calvinismo, que colonizou parte da Europa e construiu parte da ideologia e da cultura dos Estados Unidos. Nós somos católicos, então, temos vergonha e confessamos para um padre, que não pode contar para ninguém a nossa confissão. Quando alguém é pego, recorre à mentira, como estamos fartos, cansados de saber. É o "cara de pau" que não admite a culpa.

O BRASILEIRO SE RECONHECE COMO SOCIEDADE?

A ideia de povo não inclui todo mundo no Brasil. Quando se fala do povo, o brasileiro está falando das pessoas carentes, que é outra coisa a ser discutida e reformulada, porque todos nós somos o povo. Todos nós somos pessoas comuns, mesmo as que ocupam cargos de responsabilidade e são ricas. Temos obrigações coletivas que são inadiáveis e inexoráveis para com a nossa coletividade, e somente agora, no século 21, estamos descobrindo isso. Não se pode jogar o lixo onde quisermos. Ao ir a um jogo de futebol, você não pode tomar uma bebida e jogar a garrafa onde achar melhor. Você podia fazer isso em casa porque a mamãe pegava, ou o empregado. Se você vai à praia e faz um piquenique, pega o seu lixo e o leva para uma lixeira. É simples, assim como você tem obrigação de cuidar do seu próprio bem-estar e da aparência. É um respeito que estou mostrando para mim mesmo e para a relação que eu tenho com os outros. Escrevi um artigo sobre isso outro dia e recebi uma resposta arrevesadíssima, que eu tinha escrito um artigo burguês. Não estou vendo onde que está o rótulo aí de burguês. Mas esse tipo de consciência igualitária está começando a surgir de uma maneira muito epidêmica no Brasil, ou, para usar a palavra certa, contagiante. Por isso, surge um surto de igualitarismo que pode ser percebido em várias áreas, com as pessoas se sentindo mais incomodadas com a falta de serviços públicos básicos. No fundo, nosso problema é muito mais de igualdade do que de desigualdade.

A IGUALDADE CONSTRANGE A SOCIEDADE BRASILEIRA?

Sim. As situações que mais nos constrangem não são aquelas nas quais você sabe quem é o superior ou quem é o inferior. São aquelas nas quais todos são iguais e têm que obedecer. O cidadão brasileiro fica muito mais ansioso e nervoso – e muito mais pronto a argumentar ou a espernear – em situações de igualitarismo. Esperando, por exemplo, na fila do restaurante. É quando se diz: "Poxa, eu vou esperar meia hora? Eu sou fulano de tal, não vou ficar esperando". Aí vem a resposta: "Se o senhor quer comer no meu restaurante, o senhor precisa entrar na fila". Tem de ter uma fila. A fila ainda é um problema para nós. Utilizando um termo de Claude Lévi-Strauss [*antropólogo e filósofo francês, considerado fundador da antropologia estruturalista*], eu diria que a fila é a "estrutura elementar" da democracia, na qual quem chega primeiro é atendido e servido primeiro. Quem chega por último fica por último. Essa regra, nem preciso dizer, não é cumprida no Brasil, porque as pessoas mais "importantes" são exatamente aquelas que chegam por último.

PEOPLE CAN NO LONGER BEAR TO WATCH THE NEWS AND SEE THAT THE WAGE OF A COFFEE WAITER IN CONGRESS IS HIGHER THAN A TEACHER'S

Since the historic month of June 2013, when the people took to the streets to demand a better country, there's a sense of urgency for change and for the assurance of rights. To better understand how Brazilians perceive these rights and duties, anthropologist Roberto DaMatta explains the particularities of Brazilian society and the challenges we need to face to advance in terms of citizenship, with all the complexities of our relations with the state and the vices that were fed during centuries, which make Brazil an unequal society resistant to change.

DO YOU CONSIDER THAT RIGHT AND DUTY HAVE TODAY DIFFERENT WEIGHTS IN THE BRAZILIAN PEOPLE'S CONCEPTION, IN THEIR RELATION WITH THE COUNTRY AND SOCIETY?

We're beginning to find out, especially after the June 2013 protests, that every right implies a duty. And every duty eventually constitutes a right. I'm not talking about contractual stuff, stuff that needs to be written down and registered with a notary. I call this an outbreak in egalitarianism. There's a social demand for something quite obvious: that the state has duties toward the society that supports it. People can no longer bear to watch the news and see that the wage of a coffee waiter in Congress is higher than a teacher's. There's a sort of discovery that, together, it's possible for us to act in a more profound, effective, clear, visible and bombastic way. The other day I read a sign that says "we're changing Brazil, don't get scared". There's really a change in rights claiming. In claiming their rights from the state and demanding that it fulfills its duties, the citizen is also implicitly making demands to society, which already does a lot. Society does a lot, because we pay a load of taxes.

IT GIVES YOU A SENSE OF PROTAGONISM AND EVEN A CERTAIN CHARM TO GO OUT AND COMPLAIN ABOUT THE STATE, WHICH HAS ITS FLAWS (SEVERAL, TO BE HONEST), BUT YOU WON'T MAKE A CHANGE IF YOU DON'T CHANGE THE INDIVIDUAL. I THINKS THAT'S VERY PRODIGAL IN SOCIAL SCIENCES, ISN'T IT? THERE'S THE QUESTION: WHAT HAVE YOU CHANGED?

There's no doubt about that. I would say that in the case of Brazil it's very important that we make an inventory of the social roles we perform because we're actors. In one of his plays, Shakespeare says: "The world is a stage, we're all actors on this stage". It's what I call "Shakespeare's axiom". I add, as a sociologist: we didn't write the play. You didn't invent Brazil, neither did I. We were born and we didn't choose to be in this family in which we are. That's why, older people have more responsibility, especially those who have influence over public opinion. It's hard to change this society which never thought about itself in terms of individual responsibilities, a society that suffers from this "state-mania", "state-idolatry", "state-pathy" which, by the way, are Latin American evils. We don't want to change and we don't want society to debate change. When you see someone littering, you don't criticize the person. You criticize the lack of oversight, which should be there to coerce.

IT'S TRUE. EVERYONE EXPECTS SOMEONE TO GO THERE AND FIX IT. THEY DON'T EXPECT THE PERSON NOT TO LITTER.

This is how we complain: there should be a law forbidding this behavior. There are laws against smoking, using cell phones in theaters and movies. Even actors, before they start their plays, have to remind the audience about them. But then the cell phone shows up and what do you do? The only way to make people internalize rules that would lead to a more egalitarian society is precisely by showing them that they perform social roles. Whether they want it or not, people are important because they build the public space. Therefore, they also build a type of morality, which is a collective morality. Building a public space contributes to a place's morality and to the well-being of everyone who goes to that public space. But we don't believe in change and we think there are things that never change. We even believe that the law is an obstacle.

HOW CAN WE CHANGE THAT?

First of all, by politicizing the issue and debating it. All changes that occur in human space, which is quite complex, require problematization, and we need to accept change. It's like when someone acknowledges that he is an alcoholic – which is the first step to quit. But, if you believe that Brazil will never change, you will be in fact making an awful change, you'll be contributing for it not to change. It's like saying: "I won't do a thing."

BRAZILIANS HAVE TO ACKNOWLEDGE THEIR OWN ROLE IN IT, WHETHER THEY ARE THE PRESIDENT, A GOVERNOR, A REPRESENTATIVE OR A VOTER. DO BRAZILIANS HAVE A PROBLEM IN PERCEIVING THE WRONG THAT NEEDS CORRECTION?

We're a country of shame, not guilt, and that's being argued for 50 years. American anthropologists established a correlation and stated that guilt societies are more egalitarian and individualistic. People are more aware of their individual autonomy. Therefore, when they make mistakes, even if no one finds out, they confess. That happens due to old Calvinism that colonized part of Europe and constituted part of the US' ideology and culture. We're Catholics, so we get ashamed and confess to a priest, who's not allowed to share our confession with anybody. When someone's caught, he resorts to lying, as we're sick and tired of knowing. He won't admit his guilt.

DO BRAZILIANS ACKNOWLEDGE THEMSELVES AS A SOCIETY?

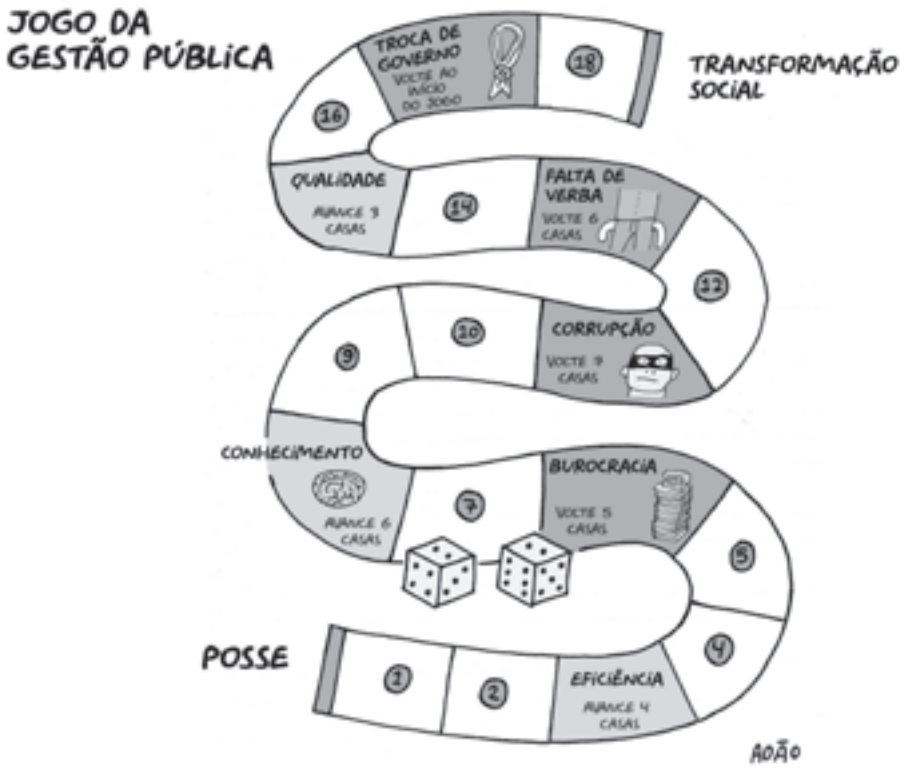
In Brazil, the idea of the people doesn't include everybody. When Brazilians talk about "the people",, they're talking about people in need, which is one more thing that needs to be debated and reframed, because we all are the people. We all are ordinary people, even those who occupy positions of responsibility and are wealthy. We have inescapable collective obligations towards the collectivity, and only now, in the 21st century, we're realizing this. We can't throw the garbage off wherever we want. At a football match, you can't have a beer and leave the bottle wherever you see fit. At home, you could do this and your mother or the maid would clean up after you. If you go to the beach and have a picnic, you're supposed to take your trash to the trashcan. It's simple, just like you have an obligation to look after your own well-being and appearance. It's a sign of respect towards me and the relationship I have with others. I wrote an article about this the other day and got a really confused response saying that I'd written a bourgeois article. I can't see where this label fits. But that kind of egalitarian conscience is beginning to emerge in a very epidemic or contagious way in Brazil. That's why, there's an outbreak of egalitarianism which can be perceived in several fields, with people feeling more bothered about the lack of basic public services. Deep down, our problem is much more about equality than inequality.

DOES EQUALITY CONSTRAIN BRAZILIAN SOCIETY?

Yes. The most constraining situations are not the ones in which you know who is superior and who is inferior. It's the ones in which everybody is equal and has to obey. Brazilian citizens get really anxious and nervous – and ready to argue and fight – in egalitarian situations. For example: waiting in the line at a restaurant. That's when someone says: "oh boy, am I going to have to wait for half an hour? I'm some big shot, I'm not going to wait." Then comes the reply: "If you want to dine at my restaurant, you'll have to get in line." There has to be a line. The line is still an issue for us. To quote Claude Lévi-Strauss [*French anthropologist and philosopher, one of the founders of structural anthropology*], I'd say that the line is the "deep structure" of democracy. Who gets there first, will get service first. Who gets there in last, will have to wait. This rule, I shouldn't have to say, isn't followed in Brazil, because "important" people are exactly the ones who arrive in last place.

ADÃO ITURRUSGARAI

DEZEMBRO 2016



O desânimo é achar que o Brasil não tem conserto e o cinismo é acreditar que, sendo o País corrupto e violento, eu também vou corromper e ser violento nas minhas relações pessoais

O BRASILEIRO TEM DIFICULDADES PARA ACEITAR SEU PASSADO. ENTRE MOCINHOS E BANDIDOS, SANTOS E PECADORES, HERANÇAS MALDITAS E BENDITAS, A HISTÓRIA NACIONAL É CHEIA DE EXEMPLOS EXTREMOS. PARA FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO, O JORNALISTA LAURENTINO GOMES, AUTOR DE TRÊS LIVROS SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL – *1808, 1822* E *1889* –, ABORDA OS DILEMAS DA IDENTIDADE NACIONAL E OS PERIGOS DO MITO DO SALVADOR DA PÁTRIA, SEMPRE PRESENTE NA CENA POLÍTICA BRASILEIRA. GOMES DESTACA AINDA A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PAÍS.

NÓS, OS BRASILEIROS E O BRASIL, TEMOS SOLUÇÃO?

Creio que sim. Existe hoje um sonho muito forte de um país melhor. O brasileiro achou que, terminado o regime militar, bastariam alguns anos de exercício da democracia para que todos os problemas fossem resolvidos. Mas está demorando além do que as pessoas imaginavam e existe certa exaustão dos sonhos. Há uma corrupção persistente, muita violência e ineficiência do Estado, que geram estranheza entre o que sonhamos e o que realmente temos no dia a dia. As pessoas estão chegando ao limite, e isso é bom. Por incrível que pareça, o Brasil está adquirindo um senso de urgência de transformação e não tolera mais a corrupção, embora ela tenha sido cada vez mais frequente e nunca tenha estado tão exposta quanto hoje. Na democracia, em que somos chamados a transformar o País pela participação política, essa mistura de inconformismo com senso de urgência pode ser muito benéfica.

ESSA EXAUSTÃO NÃO LEVA A UMA DESISTÊNCIA?

Leva a uma mobilização maior, porque o brasileiro ainda tem uma perspectiva monárquica do poder. Ele não participa de nada: nem de sindicatos, nem de partidos políticos, nem de assembleias de condomínio, nem de reunião de pais. Mas cobra muito do Estado, que tem de ser um bom provedor de educação, de saúde, de segurança, de saneamento e de cidadania. Essa é uma perspectiva monárquica do imperador, o homem sábio, amante da educação, das ciências e das artes, que vai prover. Em uma democracia republicana, quem constrói tudo isso somos nós. Então, não adianta achar que a elite é mais corrupta, que o Estado é mais ineficiente e desonesto e o Congresso é formado por ladrões. O que está em Brasília é mais ou menos o espelho do que somos, na média. O brasileiro cobra do Estado padrões de ética, de cidadania e de eficiência que não cultiva nas suas relações privadas. Ele fura fila, ultrapassa o sinal vermelho, anda pelo acostamento e corrompe o agente público quando é conveniente. Precisamos melhorar isso qualificando a sociedade brasileira pela educação, pelo debate, pela cultura e pela leitura.

AINDA ESPERAMOS UM "SALVADOR DA PÁTRIA"?

Sem dúvida. É algo um tanto quanto messiânico, e o brasileiro está o tempo todo à espera desse "messias". Apostamos em

alguns: Fernando Collor, que era "o pai dos descamisados"; Fernando Henrique, que ia dar um tiro na inflação e resolver tudo; Lula, "o pai dos pobres"; e Dilma, a "mãe" do Bolsa Família. Esgotamos o nosso arsenal de possíveis candidatos a salvadores da pátria. Hoje, é como se o brasileiro estivesse se olhando nu diante do espelho e dizendo: "É isso o que nós somos". Não é o rei que está nu, é o povo. Não existe fórmula milagrosa, não há atalhos, não é mais possível criar uma ditadura e resolver rápido aquilo que não conseguimos pactuar no Congresso.

A RELAÇÃO DO BRASILEIRO COM A ESCOLA É A MESMA RELAÇÃO QUE ELE TEM COM O PAÍS, INDEPENDENTEMENTE DE CLASSE SOCIAL?

Isso se dá em relação a tudo. Outro dia, li um artigo de um psicanalista falando sobre a síndrome do "coitadismo" no Brasil. Uma enorme parcela dos brasileiros se julga credora do País. São descendentes de escravos, nordestinos, moradores da periferia, que se consideram sem chance e acreditam que o Brasil lhe deve. E a elite composta pelos que ganham dinheiro e empreendem sente-se culpada pelos passivos sociais que o Brasil acumulou ao longo da história. Existe uma mistura de expectativa de quem acha que deve receber tudo do Estado, sem muito esforço, que não gera uma relação franca e natural com a riqueza e com o sucesso. O Brasil convive mal com o sucesso, com o dinheiro, com a inovação e com a livre-iniciativa. Estamos travados porque temos um problema de identidade nacional. Não nos relacionamos bem com o passado. Quem são nossos heróis? São os bem-sucedidos ou as vítimas? São os heróis da monarquia ou os republicanos? Isso se reflete em uma identidade nacional muito frouxa e que ainda não está pronta. Somos uma amálgama em formação, mas, agora, no ambiente democrático, porque tivemos uma construção de cima para baixo, na qual as pessoas não se reconheciam. Em uma democracia, você tem de pactuar as coisas. Isso significa que, se formos perseverantes e não cairmos no cinismo, os conceitos ainda frágeis de república e democracia vão se incorporar plenamente na identidade nacional brasileira.

ESTÁ NA HORA DE FAZER AS PAZES COM O PASSADO E PARAR DE CULPÁ-LO POR TUDO?

Sim. Oscilamos entre uma visão muito épica do passado, como a que prevaleceu durante o regime militar – que pregou um Brasil grande e poderoso do filme *Independência ou morte*, do gigante adormecido que vai acordar – e a visão do vira-lata, do Dom João bobalhão e do Dom Pedro mulherengo e boêmio. Não nos colocamos de acordo com o nosso passado. A história é uma ferramenta de construção de identidade, e somente olhando para o passado se consegue entender quem você é hoje. Temos uma identidade nacional esquizofrênica. O brasileiro é patriota? O que significa patriotismo? Não é comprar o Brasil, uma ideologia, com cheque em branco, como queria o regime militar quando dizia "Brasil: ame-o ou deixe-o". Se você não amasse o regime militar, não era patriota. Não, patriotismo significa desejar um país melhor e ser contra a corrupção, a desonestidade e a índole autoritária. Não é comprar o Brasil de um ditador ou de uma ideologia de esquerda, que também distorce do outro lado. É ter um espírito crítico e perceber as virtudes e os defeitos, tal como um processo de psicanálise, e aceitar que nós somos assim mesmo. Quando você vai para o divã, não vê só coisas boas e ruins: enxerga traumas e dificuldades, contudo, há coisas maravilhosas, recursos emocionais e coragem.

QUE PERSPECTIVAS SE ABREM AO OLHARMOS AS VIRTUDES E OS DEFEITOS?

Quando se compreende perfeitamente essas duas coisas, você leva a vida adiante de uma forma muito mais alegre e forte. E é assim também com uma sociedade nacional. Se você demonizar excessivamente o passado, terá um problema permanente de autoestima; se você achar que seu passado é épico demais, vai se iludir. O passado é uma mistura das duas coisas, porque nada mais é do que a grande aventura dos seres humanos. É um erro achar que a história do Brasil é pior do que a dos outros povos, como se os portugueses nos tivessem feito mais corruptos e mais ineficientes do que somos. Existem conquistas que precisam ser reconhecidas. Por exemplo: nossa capacidade de manter a integridade territorial, coisa que os outros países não conseguiram. Isso é um mérito da colonização portuguesa que nos legou uma cultura relativamente tolerante dos pontos de vista racial, político e religioso. São virtudes que, se aceitarmos e entendermos adequadamente, poderão ser utilizadas no futuro.

VOCÊ É OTIMISTA OU PESSIMISTA EM RELAÇÃO AO PAÍS?

É preciso ser otimista. O grande perigo do Brasil, hoje, é uma mistura de desânimo com cinismo. O desânimo é achar que o Brasil não tem conserto e o cinismo é acreditar que, sendo o País corrupto e violento, eu também vou corromper e ser violento nas minhas relações pessoais. Essa mistura pode levar a uma acomodação geral ou a uma via golpista. Já que não conseguimos resolver coletivamente nossos problemas, vamos chamar o general, o imperador ou o ditador para resolvê-los. As duas tentações permanecem no horizonte brasileiro, mas precisamos ser otimistas. Isso não significa achar que o Brasil vai virar um país de primeiro mundo amanhã, mas calibrar as expectativas e perceber que existem grandes problemas estruturais históricos e que demoram a serem resolvidos.

O CIDADÃO PRECISA SER O PROTAGONISTA DA MUDANÇA?

Sim, mas é uma grande ilusão achar que o Brasil, no ano que vem, vai virar o Japão, a Suíça ou a Inglaterra. Vai demorar muito. Eu tenho certeza que meus filhos e netos não verão o Brasil dos meus sonhos, mas terão um país melhor do que é hoje. Por exemplo: o hábito da leitura, que é uma mudança de natureza cultural demorada. A escola não resolve essa questão sozinha. São várias gerações formando leitores, para que daqui a cem anos tenhamos uma nação de pessoas capazes de eleger políticos melhores do que temos atualmente – ou porque se educaram ou porque participaram de uma sociedade que conseguiu qualificá-los como cidadãos.

> TO BE DISCOURAGED IS TO THINK THAT BRAZIL IS BEYOND REPAIR AND TO BE CYNICAL IS TO BELIEVE THAT, SINCE THE COUNTRY IS VIOLENT AND CORRUPT, I'M ALSO GOING TO BE CORRUPT AND VIOLENT IN MY PERSONAL RELATIONS

Brazilians have trouble coming to terms with their past. Between good guys and bad guys, sinners and saints, cursed heritages and blessed ones, the country's history is full of extreme examples. To talk about this subject, journalist Laurentino Gomes, who wrote three books on Brazilian history – 1808, 1822, 1889 –, talks about national identity dilemmas and the perils involved in the myth of a national savior, which is always present in the Brazilian political landscape. Gomes highlights the relevance of history as a tool for forging a country's identity.

DO WE, BRAZILIANS AND BRAZIL, HAVE A SOLUTION?

I believe so. There's a really strong dream of a better country today. Brazilians thought that, after the end of the military regime, a few years of democratic exercise would be enough for all of our problems to be solved. But it's taking longer than people thought and there's a certain wariness regarding our dreams. There's persistent corruption, a lot of violence and state inefficiency, which create a gap between what we have dreamed and what we really get on a daily basis. People are getting close to their limit, and that's good. As incredible as it seems, Brazil is acquiring a sense of urgency for change and does not tolerate corruption anymore, although corruption has happened more and more often and has never been so exposed. In a democracy, in which we are called to change the country by way of political participation, this mixture of outrage and sense of urgency can be really benign.

DOESN'T THIS WARINESS LEAD BRAZILIANS TO GIVE UP?

It leads to a greater mobilization because Brazilians still have a monarchic view of power. They don't participate in anything: not in unions, not in political parties, not in condo assemblies, not in parent-teacher meetings. But they demand a lot from the state, who has to provide good education, health, law enforcement, sanitation and citizenship. This is a monarchic view, a view that the emperor, the wise man, the lover of arts, science and education will provide what we demand. In a republican democracy, we're the ones responsible for that. So, there's no use in thinking that the elites are corrupt, the state is inefficient and congress is filled with thieves. What's in Brasilia is more or less the reflection of who we are, on average. Brazilians demand from agents of the state standards of ethical conduct, citizenship and efficiency which they don't cultivate in their private relations. They cut in lines, cross on red lights, drive on the shoulder, and bribe public servants when it serves them good. We need to improve that and qualify Brazilian society through education, debate, culture, and reading.

ARE WE STILL WAITING FOR A "NATIONAL SAVIOR"?

No doubt about that. It's something a bit messianic, and Brazilians are waiting for such "messiahs" all the time. We placed wagers on some: Fernando Collor, who was "the father of the those dressed in rags"; Fernando Henrique, who would shoot inflation in the head and solve it all; Lula, "the father of the poor"; and Dilma, "the mother of Bolsa Família". We've depleted our stock of possible national savior candidates. Now, it's like Brazilians are standing naked in front of a mirror: "This is what we are". It's not the king that's naked, it's the people. There's no miracle work, no shortcuts, it's no longer possible to install a dictatorship to quickly solve what congress can't agree on.

BRAZILIANS' ATTITUDE TOWARDS EDUCATION IS THE SAME ONE THEY HAVE TOWARDS THE COUNTRY IN GENERAL, REGARDLESS OF SOCIAL CLASS?

It's the same attitude towards everything. The other day, I read an article by a psychoanalyst about Brazil's underdog syndrome. A huge part of Brazilians believe

that the country owes them something. They're descendants from slaves, people from the northeast part of the country, people who live in poor city outskirts, all of whom believe they have no opportunities and think that Brazil owes them something. The elites, which includer entrepreneurs and those who make money, feel guilty about the social debt that Brazil accumulated during its history. There's expectation from those who think the state should hand them everything effortlessly, which doesn't engender an honest and natural attitude towards wealth and success. Brazil lives awkwardly with success, wealth, innovation and free enterprise. We're stuck because we have a problem with our national identity. We have a bad relationship with our past. Who are our heroes? Are they the successful ones or the victims? Are they the heroes of the monarchy or the republicans? This is reflected in a very loose national identity which isn't ready yet. We're an amalgam in the making, now in a democratic environment, because we had a top-down nation building process, in which people didn't recognize each other. In a democracy, you have to come to an agreement on things. This means that, if we persevere and don't become cynics, the yet fragile concepts of republic and democracy will be fully incorporated by the Brazilian national identity.

IS IT TIME TO COME TO TERMS WITH THE PAST AND STOP BLAMING EVERYTHING ON IT?

Yes. We fluctuate between a very epic view of the past, like the one which prevailed during the military regime – that preached in the movie *Independência ou morte* that Brazil was a great and powerful nation, a sleeping giant ready to wake up – and the mutt view, of Dom João, the buffoon, and Dom Pedro, the bohemian womanizer. We do not place ourselves according to our past. History is an identity building tool, and it's only by looking to your past that you can understand who you are today. We have an schizophrenic national identity. Are Brazilians patriotic? What does patriotism means? It isn't just swallowing up Brazil as it is, it isn't an ideology, a blank check, as the military regime wanted it when said "Brazil: love it or leave it". If you loved the military regime, you weren't a patriot. No, patriotism means wishing for a better country and being against corruption, dishonesty and authoritarianism. It's not swallowing up a dictator's Brazil or a leftwing ideology, which distorts things from another angle. It's having a critical spirit and perceiving the vices and virtues, as in a process of psychoanalysis, and accepting who we are nevertheless. When you're lying down on the couch, you see not only good and bad things: you do see traumas and troubles; however, there are also wonderful things, emotional resources and courage.

WHAT PERSPECTIVE DO WE GAIN WHEN WE LOOK AT VIRTUES AND FLAWS?

When you understand fully these two things, you start to lead your life forward in a much more joyful and strong manner. It's the same thing with a national society. If you demonize the past too much, you'll have a persistent problem of self-esteem; if you think your past is too epic you're going to delude yourself. The past is a mixture of both things, since it's nothing more than human beings' great adventure. It's a mistake to think that the history of Brazil is any worse than other countries', as if Portugal made us more corrupt and inefficient than we are. There are accomplishments that need to be recognized. For example: our capacity to maintain territorial integrity, things other countries didn't manage to do. That's a merit of Portuguese colonization, which left us a relatively tolerant culture in regards to race, politics and religion. Those are virtues that can be useful in the future if appropriately understood and accepted.

ARE YOU OPTIMISTIC OR PESSIMISTIC TOWARDS BRAZIL?

I have to be optimistic. The great peril in Brazil today is a mixture of discouragement and cynicism. To be discouraged is to think that Brazil is beyond repair and to be cynical is to believe that, since the country is violent and corrupt, I'm also going to be corrupt and violent in my personal relations. This mixture can lead people to give up or endorse a coup. Since we are no longer able to collectively solve our problems, let's send in for the general, the emperor or the dictator to fix them. Both temptations remain in our horizon, but we need to be optimistic. This doesn't mean to think that Brazil is going to become a first world country first thing tomorrow, but to calibrate our expectations and realize there are great long-term structural problems that take time to be solved.

MUST CITIZENS BE THE MAIN PROTAGONIST OF CHANGE?

Yes, but it's a great illusion to think that Brazil is going to become Japan, Switzerland or England as soon as next year. It's going to take time. I'm certain that my children and grandchildren won't see the country I dream of, but they're going to have a better country than the one we have today. For example: to instill the habit of reading is a cultural change that takes time. Schools won't solve this issue by themselves. It takes several generations forging readers, so that in 100 years we have a nation of people capable of electing better politicians than we have today – either because they have educated themselves or because they have taken part in a society that managed to make them qualified citizens.

ADÃO ITURRUSGARAI

JANEIRO 2017

LUÍS ROBERTO BARROSO | ENTREVISTA: **GUILHERME BAROLI**

JUDICIÁRIO É UM LUGAR DE BRIGA. NÃO PODE SER A FORMA NORMAL DE UMA SOCIEDADE VIVER. ESSE PROBLEMA TEM DE SER EQUACIONADO SE CRIANDO UMA CULTURA DE MENOR LITIGIOSIDADE

O Supremo Tribunal Federal (STF) nunca esteve tão exposto à mídia e solicitado como nos dias que correm, em razão dos processos de autoridades com foro privilegiado. É sobre essa situação que fala Luís Roberto Barroso, um dos 11 ministros que compõem o STF. O desafio, põe em xeque a reputação da Suprema Corte. Para Barroso, é essencial que a política se requalifique e retome o seu lugar, permitindo que o STF volte a uma posição de mais autocontenção e intervenção apenas pontual.

PARCERIA | PARTNERSHIP | BRAZIL CONFERENCE

COMO O SENHOR AVALIA O PROTAGONISMO QUE O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF) ASSUMIU NO ATUAL MOMENTO HISTÓRICO BRASILEIRO?

Numa democracia, as decisões políticas devem ser tomadas no Congresso. Temos, no entanto, vivido um momento difícil na representação parlamentar brasileira, um pouco porque o sistema político é muito ruim, um pouco porque os mecanismos de financiamento eleitoral revelaram desmandos de ordens diversas. Portanto, estamos vivendo um problema de ilegitimidade democrática e até de credibilidade, em alguma medida, das instituições representativas. Isso fez com que o Supremo tivesse ocupado um papel que só pode ser circunstancial. A política requalificada deve reocupar o seu espaço e o Supremo voltar a uma posição de mais autocontenção e intervenção apenas pontual nas matérias que cabe a ele atuar, proteção dos direitos fundamentais e defesa das regras do jogo democrático.

ESSE EXCESSO DE AÇÕES QUE CHEGAM AO SUPREMO PODERIA SER DECORRÊNCIA DA DIFICULDADE DE INTERPRETAR A CONSTITUIÇÃO?

Não. Parte da visibilidade que o Supremo tem é pelo desempenho de uma competência que não deveria ter, que é a de funcionar como um tribunal criminal para as pessoas que têm foro por prerrogativa de função. Ainda que tivesse uma inspiração original aceitável, dar proteção institucional à autoridade política, ninguém nunca imaginou que houvesse simultaneamente 500 processos criminais no Supremo contra parlamentares. Sou um defensor da restrição drástica do foro privilegiado. O Supremo tem de tirar isso do seu colo, traz desgaste, traz uma politização indesejada. As questões verdadeiramente constitucionais devem evidentemente continuar no Supremo, mas também precisamos de um choque de modernização no modo como ele seleciona os processos que vai julgar.

O SENHOR CARACTERIZA O FORO PRIVILEGIADO COM A EXPRESSÃO "RESQUÍCIO ARISTOCRÁTICO"...

Resquício aristocrático é aristocracia, é um pouco uma forma de organização política em que alguns são melhores do que outros. E o foro privilegiado acabou sendo isso. Pior, um privilégio pela impunidade. Quem ampliou o foro privilegiado no Brasil foi o regime militar, com a Emenda nº 1 à Constituição de 69, outorgada pelos ministros da Marinha de Guerra, do Exército e da Aeronáutica, três senhores, creia em mim, insuspeitos de exageros progressistas.

O SENHOR DEFENDE A MANUTENÇÃO DO FORO PRIVILEGIADO PARA QUEM?

É preciso saber o que se vai colocar no lugar do foro privilegiado. Há três ideias na mesa. A primeira é a de encaminhar quem hoje têm foro para a Justiça estadual, como respondem os cidadãos comuns. A desvantagem é que não vai diminuir a sensação de impunidade, porque na Justiça estadual as lideranças políticas locais são muito influentes ou, eventualmente, podem ser perseguidas. Quer dizer, o julgamento onde o político tem a sua base pode significar para ele proteção ou perseguição.

COMO RESOLVER ESSA LIMITAÇÃO?

A solução que propus foi a criação de uma vara federal especializada, em Brasília, de primeiro grau, que ficaria encarregada de todos os processos que hoje envolvem autoridades com foro por prerrogativa. Um juiz com quantos auxiliares fosse necessário, escolhido pelo Supremo, com um mandato de quatro anos, ao fim dos quais ele seria automaticamente promovido por seu tribunal, que é para não dever favor a ninguém.

POR QUE O SENHOR DEFENDE ESSA FÓRMULA?

Primeiro porque passa para um campo neutro. Brasília é bem longe do Brasil. Daria uma certa imparcialidade e independência a esse juiz. Segundo, você teria uniformidade no tratamento. Seria muito ruim alguém ser condenado no Rio Grande do Sul e outro ser absolvido no Acre pelo mesmo fato. E, terceiro, porque, embora o foro tenha produzido muitos abusos, acho que quem se dispõe a entrar na vida pública deve ter algum grau de proteção institucional. Quem fica exposto publicamente e contraria interesses está sujeito à retaliação, de modo que a concentração de uma vara em Brasília daria uma certa proteção institucional para a autoridade.

QUAL SERIA A TERCEIRA SAÍDA?

Ir para a Justiça comum, mas federal, dos Estados. Troco o fim do foro por qualquer uma das três ideias que estão na mesa, mas acho que a criação de uma vara especializada é melhor para o País, para a Justiça e para os políticos.

A JUSTIÇA COMO UM TODO ESTÁ CHEIA DE PROCESSOS. SERIA UMA JUDICIALIZAÇÃO DA VIDA?

Há dois tipos de judicialização: quantitativa e qualitativa. A quantitativa é essa que produziu 100 milhões de processos, o que significaria que um em cada dois brasileiros estaria em juízo. A verdade é que não é assim, porque essa judicialização é concentrada em alguns players, tanto do setor público, como o INSS, quanto do setor privado, como as empresas de telecomunicações e bancos, para citar os mais concorridos. Ela tem algumas facetas positivas: as pessoas passaram a ter mais consciência dos seus direitos, revela uma certa credibilidade no Poder Judiciário. A face ruim é que o Judiciário é uma instância patológica da vida, um lugar de briga, de disputa, de litígio. Essa não pode ser a forma normal de uma sociedade viver. A gente deve resolver os conflitos amigável e administrativamente.

HÁ SAÍDAS PARA ISSO?

Esse problema tem de ser equacionado se criando uma cultura de menor litigiosidade. Acho que o futuro advogado de sucesso vai ser aquele que saiba negociar e levar às instâncias próprias de arbitragem. O problema é que para isso funcionar você precisa de duas partes de boa-fé que tenham um problema. Se uma das partes estiver de má-fé, o Judiciário consegue procrastinar aquilo indefinidamente.

QUAL SERIA A JUDICIALIZAÇÃO QUALITATIVA?

É essa que leva, em última análise, para o Supremo a decisão sobre questões políticas, institucionais, éticas e econômicas decisivas para o País. Isso está associado a um momento de relativo desprestígio da política e do Poder Legislativo e se resolve com reforma política e o restabelecimento desse prestígio. O grande problema é que as mudanças que o Brasil precisa, para serem feitas democraticamente, têm que passar pelo Congresso. Em última análise, você precisa do apoio das pessoas que vão ser afetadas pela mudança para promover essas mudanças.

COMO PODEMOS MELHORAR A VELOCIDADE DA JUSTIÇA?

Recentemente propus isto: ao receber o processo, o juiz cita a outra parte, cível ou criminal, recebe a defesa ou a contestação. Nesse momento, ele vai fixar a data em que dará a sentença. E aí dirá: "Partes, produzam as provas, porque no dia 24 de outubro vou levar esse processo concluso para sentença. Ouçam testemunhas, produzam perícias". É preciso reduzir o oficialismo no processo. E no Supremo tinha de se instituir um modelo de tribunais constitucionais mundiais. A Corte seleciona, de acordo com a sua capacidade de julgar no ano, os processos que vai receber. Se recebe mais processos em repercussão geral do que se pode julgar, todos os outros daquele tema ficam suspensos na origem. Se você leva quatro anos para julgar, atravancou a Justiça do País. Quando entrei no Supremo, fiz a conta: para julgar todas as repercussões gerais que tinham sido dadas, precisava de 12 anos.

DE QUE MANEIRA ISSO PODERIA SER EQUACIONADO?

Minha proposta é selecionar os 20 casos mais importantes de repercussões gerais por semestre, enquanto não acabar o estoque. O que acontece com o resto? Acaba. Transita em julgado, não foi selecionado para repercussão geral. Já teve duas instâncias, pelo menos, de julgamento. Mas os 20 que você selecionou em junho, por exemplo, serão julgados: a Repercussão Geral nº 1 no dia 2 de fevereiro, primeiro processo da pauta; a nº 2, na semana seguinte. Com isso, você desatravanca o que suspendeu, porque vai julgar a tempo e a hora. E nos outros espaços da pauta do plenário, você vai julgando as repercussões gerais atrasadas, as ações diretas, enfim, na medida do possível.

CAIXA 2 É CRIME OU É ERRO?

É crime eleitoral, falsidade ideológica eleitoral, tanto que estão falando em descriminalizar. Alguém dirá que é diferente de corrupção. Pode ser. Frequentemente, vêm de braços dados. Mas as duas coisas são infrações de natureza criminal. Você dá um protagonismo ao dinheiro e faz com que o desonesto, que usou o caixa 2, tenha uma vantagem competitiva sobre o honesto, que não o utilizou. Portanto, em certos casos (e não na maioria), o caixa 2 é mais grave do que a corrupção porque frauda o sistema democrático, a manifestação de vontade do cidadão.

THE JUDICIARY IS A FIGHTING ARENA. IT CAN'T BE THE REGULAR WAY OF LIFE FOR A SOCIETY. THIS PROBLEM HAS TO BE DEALT WITH BY CREATING A LESS LITIGIOUS CULTURE

The Brazilian Supreme Court (Supremo Tribunal Federal – STF) has never been so exposed to the media and so demanded as it now is, due to the prosecution of authorities with privileged jurisdiction [cases involving politicians that can be tried only by high courts, such as the Supreme Court] implicated in operation Lava Jato's investigation of corruption cases. This unusual situation is the object of our interview with Luís Roberto Barroso, one of the 11 Supreme Court justices. This challenging situation, in his understanding, threatens the Court's reputation. For Barroso, it's essential that politics regenerate itself and regain its space, allowing the STF to retreat to a position of more self-restraint and only occasional intervention.

WHAT DO YOU MAKE OF THE PROTAGONIST ROLE THE SUPREME COURT HAS OCCUPIED IN CURRENT BRAZILIAN HISTORICAL MOMENT?

In a democracy, political decisions should be taken by Congress. However, we are undergoing difficult times in regards to Brazilian parliamentary representation, in part because the political system is flawed, in part because there's a lot of wrongdoing involving campaign finances. Therefore we face a problem of democratic illegitimacy and even credibility, to some extent, of representative institutions. That led the Supreme Court to occupy a role that should only be circumstantial. A regenerated politics should regain its space and the Supreme Court should retreat to a position of more self-restraint and only occasional intervention in fields it's responsible for, protecting fundamental rights and the rules of the democratic game.

COULD THE EXCESSIVE AMOUNT OF CASES THAT REACH THE SUPREME COURT DERIVE FROM DIFFICULTIES IN INTERPRETING THE CONSTITUTION?

No. Part of the Supreme Court's visibility is due to a function it should not perform, which is the one of operating as a criminal court for people with privileged jurisdiction. Even if this guarantee of institutional protection to political authorities had an acceptable original motive, nobody ever thought there would be 500 simultaneous criminal proceedings against representatives in the Supreme Court's docket. I defend a drastic restriction of privileged jurisdiction. The Supreme Court should get rid of it, it invites political weariness and a unwanted politicization. Truly constitutional issues should remain in the Supreme Court, but we also need a shock of modernity in the way it picks the cases it will try.

YOU DESCRIBE PRIVILEGED JURISDICTION AS AN "ARISTOCRATIC RESIDUE"...

It's aristocratic, it belongs to a sort of political organization in which some are better than others. And privileged jurisdiction ended up being just that. Worst than that, it´s a privilege of impunity. The military regime was the one to expand privileged jurisdiction in Brazil, through the first amendment to the 1969's Constitution, bestowed upon us by the secretaries of Navy, Army and Air Force, three individuals who, take my word, can't be charge with being progressive.

SHOULD PRIVILEGED JURISDICTION BE MAINTAINED FOR WHOM?

We must know what will replace privileged jurisdiction. There are three ideas on the table. The first one is to subject who nowadays is entitled to privileged jurisdiction to the states' regular judiciary, as ordinary citizens are. The downside is that it's not going to reduce the perception of impunity, because local political leaders are really influent in the states' judiciary or, on the contrary, they might be politically persecuted by rivals. In other words, for the politician, being tried where he has his constituency can mean either protection or persecution.

HOW CAN WE SOLVE THIS LIMITATION?

The solution I propose is the institution of a specialized federal court in Brasília, which would try everything that nowa-

days involve authorities entitled to privileged jurisdiction. A judge with as many clerks as he needed, chosen by the Supreme Court for a four year term, being automatically promoted in his original court after that, as a way of assuring his independence.

WHY DO YOU DEFEND THIS PROPOSAL?

First of all, because it changes the venue to a neutral place. Brasília is pretty far from Brazil. This would give the judge a certain level of independence and impartiality. Second, you would have a uniform treatment. It would be really bad if someone was convicted in Rio Grande do Sul's state and another one exonerated in Acre's state for the same crime. And, third, because, although privileged jurisdiction allowed for a lot of abuses, I think who is willing to go into public life should have some level of institutional protection. Who is publicly exposed and goes against some people's interests is liable to retribution, and the centralization of these sorts of cases in a court in Brasília would grant the authority a certain level of institutional protection.

WHAT WOULD BE THE THIRD OPTION?

To transfer this responsibility to the regular federal justice, not the state's regular judiciary. I would trade privileged jurisdiction for any of these three options, but I think the institution of a specialized court is the best one for the country, for the judiciary and for politicians.

THE JUDICIARY AS A WHOLE IS OVERBURDENED WITH LEGAL PROCEEDINGS. ARE WE SEEING A JUDICIALIZATION OF LIFE?

There are two kinds of judicialization: quantitative and qualitative. Quantitative is the one that has led us to 100 million legal cases, which corresponds to one case for every other Brazilian citizen. In reality that's not what happens because all this judicialization is caused by a handful of big players, from the public sector, such as the Social Security Agency, and the private sector as well, as telecoms and banks, to mention just the biggest ones. This judicialization has some positive features: people nowadays are more aware of their rights and also that reveals a certain credibility of the judiciary. The negative feature is that the judiciary is a pathological instance of life, it's a fighting arena, a place for dispute and litigation. It can't be the regular way of life for a society. We should solve our conflicts administratively, in a more friendly way.

ARE THERE ANY SOLUTIONS?

This problem has to be dealt with by creating a less litigious culture. I think the successful lawyer of the future will be the ones who know how to negotiate and access the appropriate agencies for arbitration. The problem is that for this to work you need two parties in good faith who have a legal issue. If one of the parties is in bad faith, she can delay the case's adjudication indefinitely in the judiciary.

WHAT WOULD BE QUALITATIVE JUDICIALIZATION?

That's the one which leads, in the end, the Supreme Court to decide on political, institutional, ethical and economical issues that are decisive for the country. This is related to this moment of the legislature's and politics' relative discredit, and it's solved through a political reform and the restoration of politics' prestige. The big problem is that the changes Brazil needs to make must go through Congress, if they're going to be made democratically. In the end, people who are going to be affected by these changes need to support them for them to happen.

HOW CAN WE MAKE THE JUDICIARY SWIFTER?

I've recently proposed this: after receiving the legal proceeding, the judge notifies the defendant, and receives his defense. In this moment he sets the date he is going to give a veredict. Then he says: "parties, gather the evidence you need, because October 24th I will rule on this case. Hear witnesses, get lab tests done." We need to reduce proceedings' formalism. And we should make the Supreme Court an example for constitutional tribunals around the world. The court should select, on the basis of its ability to adjudicate, the cases it will rule on. Nowadays, if it gets more cases with general repercussion [mechanism through which legal proceedings on the same issue as the ones in the Supreme Court's docket have their proceedings suspended] than it's able to adjudicate, all cases on the same issue have their proceedings suspended. If the Court takes more than four years to decide, it clogs the country's justice system. When I got into the Supreme Court, I did the math: it would take 12 years to rule on every case the Supreme Court has granted general repercussion so far.

IN WHAT WAY CAN THIS BE SOLVED?

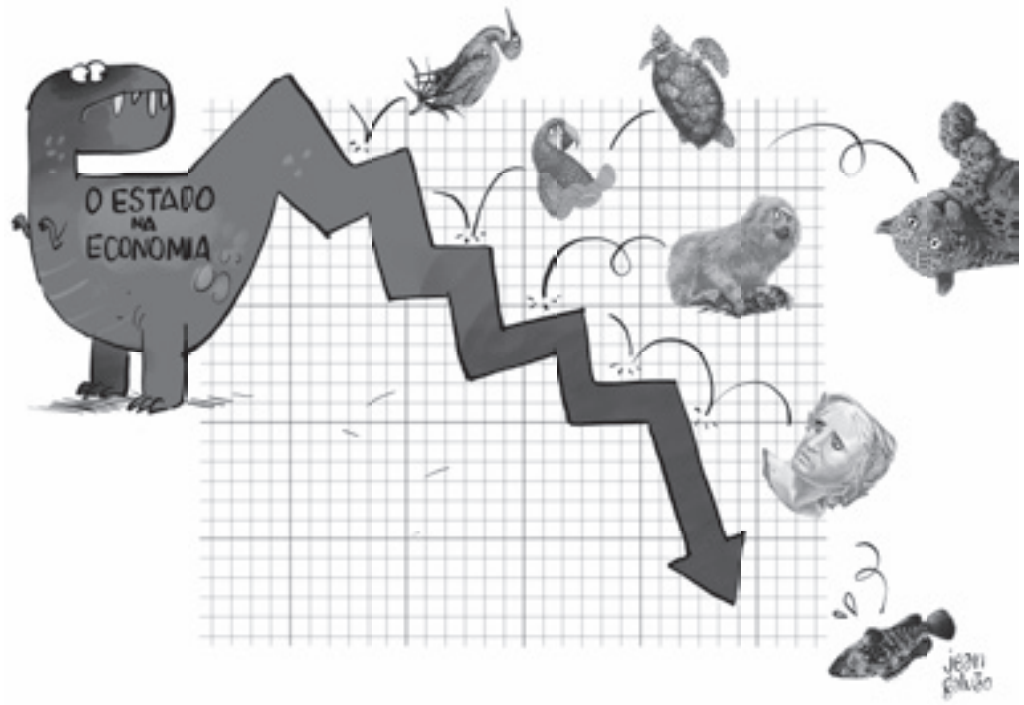
My proposal is to select the 20 most important cases each semester, while the docket isn't clear. What happens to the rest? They're finished. There's no appeal, it wasn't granted general repercussion. It already had at least two rulings on it. But the 20 cases that were selected in June, for example, will be ruled on: general repercussion number one on February 2nd, first case on the docket; number 2 in the in the week after. This way, you unclog the justice system, because there's time and date for the Court to rule. And the rest of the time you can rule on what's left on the docket, general repercussion cases from previous years, direct actions, and so forth, as you can.

ARE UNDECLARED CAMPAIGN CONTRIBUTIONS A CRIME OR A MISTAKE?

It's an electoral crime, an electoral fraud. The fact they're trying to decriminalize it proves it's a crime. Someone will say it's different from corruption. That may be true. Frequently, both go hand in hand. But both are criminal offenses. Money becomes the protagonist and it gives the dishonest politician, who received unregistered campaign contributions, a competitive advantage over the honest politician, who didn't receive such contributions. Therefore, in certain cases (not most), unregistered contributions can be worse than corruption, because they rig the democratic system, which is the expression of the citizens' will.

JEAN GALVÃO

JANEIRO 2017



OTAVIANO CANUTO | ENTREVISTA: **ÉRICA FRAGA**

O nível de aspiração social hoje é tal que não é possível mais regredirmos

PARCERIA | PARTNERSHIP | COLUMBIA GLOBAL CENTERS | RIO DE JANEIRO

O ECONOMISTA BRASILEIRO OTAVIANO CANUTO ESTÁ HÁ 13 ANOS NOS ESTADOS UNIDOS E ATUALMENTE OCUPA O CARGO DE DIRETOR-EXECUTIVO DO BANCO MUNDIAL. TEM PASSAGENS PELO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI) E PELO GOVERNO BRASILEIRO E É UMA DAS FIGURAS MAIS ATIVAS NO DEBATE PÚBLICO SOBRE ECONOMIA GLOBAL. NESTA ENTREVISTA, ELE ABORDA OS DESAFIOS QUE O PAÍS ENFRENTA PELA FALTA DE INFRAESTRUTURA, A IMPORTÂNCIA DA NOSSA BASE DE RECURSOS NATURAIS E A NECESSIDADE DE UM AMBIENTE DE NEGÓCIOS ADEQUADO PARA AUMENTAR OS INVESTIMENTOS. FALA AINDA SOBRE OS IMPACTOS DOS PROGRAMAS SOCIAIS E AS CONSEQUÊNCIAS DO NOSSO LEGADO HISTÓRICO DE EXCLUSÃO.

COMO O SENHOR VÊ A CONJUNTURA DO BRASIL HOJE?

Estamos numa recessão bastante severa, mas no início deste ano [*entrevista concedida em 2016*], particularmente no primeiro semestre, havia um diagnóstico de que a situação talvez começasse a melhorar. Alguns economistas previam que a economia ia pelo menos deixar de piorar, de repente já ter algum crescimento, ainda que bastante modesto, nos últimos três meses de 2016. Esse cenário não se mostrou verdadeiro. Os últimos dados de atividade ainda são bastante ruins e acho que não há sinal de saída da recessão.

HOUVE UM EXCESSO DE OTIMISMO OU, DE FATO, HOUVE UMA REVERSÃO NO QUE PARECIA SER UMA TENDÊNCIA DE MELHORIA DA ECONOMIA?

Creio que tenha mais a ver com os desdobramentos da crise política do que com qualquer outro motivo. Tem também a ver com o fato de que a situação herdada de endividamento corporativo e de famílias ainda não enseja uma recuperação da demanda imediata. Mas eu diria que é uma questão de tempo. Quero crer que a recuperação venha um pouco mais lentamente, mas vem.

EM TERMOS SOCIAIS, NO ENTANTO, ISSO REPRESENTA MAIS TEMPO DE DESEMPREGO EM ALTA, DE RENDA EM QUEDA, QUAL É O RISCO PARA O TECIDO SOCIAL DO PAÍS?

Infelizmente, o que acontece no mercado de trabalho reflete com certa defasagem aquilo que acontece nos mercados de bens e serviços. Tanto para cima quanto para baixo, o emprego reflete o estado da economia. Assim, o desemprego começou a subir algum tempo depois que a economia já estava apresentando o ritmo negativo. Esse ritmo vem desde o fim de 2014. Agora, a recuperação também tende a acontecer de maneira mais lenta. O que é importante é que essa recuperação seja sustentada, não com base em um ciclo sustentado simplesmente pelo aumento de crédito. Mas é um fato. O emprego tende a se recuperar mais lentamente do que o resto, aqui nos Estados Unidos ou em qualquer economia de mercado.

O SUBSÍDIO AO SETOR PRIVADO FOI UM DOS FOCOS DA POLÍTICA ECONÔMICA NOS ANOS ANTERIORES. FOI UM EXAGERO? O GOVERNO PERDEU A MÃO?

Diria que foi utilizado à exaustão. A partir do momento em que, seja por inovações, seja por boas políticas em outras áreas, o patamar de crédito sobe, é ótimo enquanto a economia está mudando. Uma vez alcançado o nível sustentável, aquilo cessa de ser uma fonte de estímulo adicional. Isso porque o crescimento simplesmente baseado no crédito antecipa o consumo do futuro e não é uma fonte sustentável para além do curto prazo.

VAI SER DIFÍCIL SAIR DA CRISE PELA VIA DO CONSUMO PRIVADO. ENTÃO QUAL É A SOLUÇÃO?

É o próprio investimento privado. É a confiança e a redução eventual que vai vir de juros, tornando viáveis, do ponto de vista do cálculo empresarial, assumir riscos e fazer investimento. Esse é o caminho para a saída do grande buraco em que a economia brasileira está.

O BANCO CENTRAL JÁ SINALIZOU QUE PARA CONTINUAR REDUZINDO JUROS É IMPORTANTE QUE HAJA UMA CONTRAPARTIDA FISCAL. O QUE MOSTRA A EXPERIÊNCIA DE OUTROS PAÍSES QUE PASSARAM POR DILEMAS PARECIDOS, COMO OS EUROPEUS?

É equivocada essa análise porque, na verdade, o aperto fiscal contido na "PEC do teto" [*Proposta de Emenda Constitucional aprovado em 2016 que limita por 20 anos os gastos públicos*] na verdade é em médio prazo, não é para já. Isso porque a inflação ainda se move para um patamar menor. Em nível absoluto, em termos reais, o gasto público pode, inclusive, aumentar durante 2017, porque ele vai ser reajustado a uma taxa que é maior do que a inflação e que deverá vigorar no ano que vem [*entrevista concedida em 2016*]. Então, o teto começa a apertar em algum momento mais adiante. Segundo, no caso da Europa, reconhece-se que foi um erro de política a austeridade aplicada num contexto em que a região como um todo da zona do euro tinha capacidade fiscal para responder de maneira melhor. Felizmente, o caso brasileiro não é o de que está à beira de renegociação de dívida. Muito pelo contrário, temos sido capazes de enfrentar uma crise fiscal sem aventar a hipótese de calote. Portanto, essa comparação com austeridade na Europa, uma região em que há espaço para políticas fiscais mais expansionistas, não pode ser trazida para o Brasil. Não devemos fazer essa comparação.

MELHORAMOS ESTRUTURALMENTE NESTAS ÚLTIMAS DÉCADAS, A DESPEITO DA SEVERIDADE DA CRISE ATUAL?

Acho que é importante diferenciar a natureza da crise atual. Na primeira instância parece (e é) uma crise fiscal. Mas há outro problema mais crônico, que, em última instância, é o problema que precisamos defrontar para o País voltar a crescer. Na verdade, a debilidade fiscal reflete a combinação entre uma aspiração, mais gasto público, por boas razões sociais, por motivos de resgate do legado histórico de exclusão do País, mas também porque vários privilégios foram mantidos. Porque, em determinado momento, o Estado brasileiro começou a fazer políticas de transferências de recursos via dívida pública para o setor privado e assim por diante, mas essa volúpia fiscal levou o Brasil a essa situação que gosto de chamar de "obesidade fiscal", uma obesidade mórbida, que não seria tão grave se o Brasil estivesse aumentando sua produtividade a um ritmo maior do que aquele que vem sendo registrado nas últimas décadas.

ESTÁ PRATICAMENTE ESTAGNADA A PRODUTIVIDADE, NÃO É?

Exatamente. Os momentos de crescimento que o Brasil tem tido muito mais se devem à incorporação de força de trabalho, reflexo de um pouquinho de melhora na escolaridade. Esse crescimento não foi nem por investimento em capital fixo, porque se manteve baixo, nem por aumento da produtividade do conjunto. É esse problema que temos de enfrentar, porque senão o problema da obesidade fiscal fica difícil de tratar.

EXISTE UM ESTÍMULO À INEFICIÊNCIA?

Sim, porque as empresas concorrem menos. Elas são mais protegidas por causa desse ambiente de negócios, principalmente as grandes em relação às pequenas empresas, porque as grandes diluem os custos de fazer negócios no Brasil na sua escala, enquanto as pequenas não têm escala para isso. E se nós enfrentássemos esse problema do péssimo ambiente de negócios, várias fontes de desperdício seriam eliminadas e poderíamos direcionar o talento de pessoas para coisas mais produtivas.

O SENHOR FOI UM DOS PRIMEIROS A FALAR DA QUESTÃO DA ARMADILHA DA RENDA MÉDIA. ESTAMOS PRESOS NESSA ARMADILHA E VAI FICANDO CADA VEZ MAIS DIFÍCIL SAIR DELA?

Nós estamos presos na armadilha da renda média, e a verdade é que nem sequer fizermos a transição completa da renda baixa para a renda média. Explico. O Brasil é o caso paradoxal em que você tem pedaços, tem ilhas de primeiro mundo. A nossa agricultura sofisticada é primeira no mundo, não deve nada a nenhuma no mundo, não deve nada à americana. Veja a Embraer. A questão é que são as exceções que confirmam a regra. Como não transitamos do modelo anterior inteiramente para outro com as empresas, nós temos, para este mundo moderno, ainda uma parcela enorme da população que está em atividades típicas de país de baixa renda. Nós nem completamos bem a nossa transição para a renda média. Agora, para cima, existem fatores que dificultam e fatores que ajudam. Fatores que dificultam: quando entrarmos na competição por essas áreas de alto valor agregado que cresceram em todas as economias que pularam de renda média para renda alta, já vamos encontrar nesse processo mais concorrentes, mais competidores, do que teria sido o caso algum tempo atrás. Nós vamos, em algumas áreas, começar agora a ter que se debater com a China, além dos tradicionais países de renda alta que chegaram lá. De outro lado, a vantagem do Brasil é que ele não tem que reinventar a roda, ele pode, com base em inserções, adentrar essas redes de cadeia de valor mais modernas e ir evoluindo pouco a pouco. Além disso, o Brasil pode (e deve), a meu juízo, desenvolver cadeias globais de valor com base em nossa riqueza de recursos naturais. A única coisa que se pode dizer é que o País não vai conseguir fazer isso se mantiver o grau de fechamento comercial, de isolamento que tem. As pessoas acham que o Brasil é aberto. Ele é relativamente aberto no que diz respeito a investimento direto externo, mas é o mais fechado do mundo em relação aos países comparáveis na área comercial.

CURRENT LEVELS OF SOCIAL ASPIRATION ARE SUCH THAT IT'S NO LONGER POSSIBLE TO GO BACKWARDS

Brazilian economist Otaviano Canuto has been living in the United States for 13 years and is currently an executive director at the World Bank. He has worked for the International Monetary Fund (IMF), for the Brazilian government, and is one of the most active individuals in the debate on the global economy. In this interview, he discusses the challenges Brazil faces due to its lack of infrastructure, the importance of our natural resources assets and the need for an appropriate business environment to foster investments. He also talks about welfare programs' impacts and the consequences of our legacy of social exclusion.

HOW DO YOU SEE BRAZIL'S CURRENT SITUATION?

We are undergoing a really severe recession, but in the beginning of this year [*interview given in 2016*], particularly in its first semester, there were prognoses that things might get better. Some economists predicted the economy would at least stop deteriorating, or even resume growth, though modestly, in 2016's last quarter. These predictions turned out to be mistaken. The last numbers on economic activity are still really bad and I don't see any sign we're leaving the recession behind.

WAS THERE EXCESSIVE OPTIMISM OR HAS THERE ACTUALLY BEEN A REVERSION ON WHAT SEEMED TO BE AN IMPROVEMENT TREND ON THE ECONOMY?

I believe this has more to do with the unfolding of the political crisis than with anything else. It also has to do with the fact that the corporate and household debt situation we inherited still doesn't foster a recovery in current demand. But I would say it's a matter of time. I want to believe the recovery is slowly arriving, but it's arriving.

IN SOCIAL TERMS, HOWEVER, THAT REPRESENTS A LONGER PERIOD OF HIGH UNEMPLOYMENT AND SHRINKING INCOME. WHAT'S THE RISK FOR THE COUNTRY'S SOCIAL FABRIC?

Unfortunately, what happened in the labor market reflects with some delay what happened in the goods and services markets. For good or for bad, employment levels reflect the economy's overall situation. Therefore, unemployment continued to rise for some time after the economy had already slowed down. This slowness has endured since the end of 2014. Now, recovery also tends to happen in a slower fashion. The important thing is that we get a sustainable recovery, not one based merely on a credit boosting cycle. But it's a fact: employment levels tend to recover more slowly than everything else, whether it's in the United States or in any other market economy.

PRIVATE SECTOR SUBSIDIES WERE ONE OF THE PILLARS OF BRAZILIAN ECONOMIC POLICIES DURING THE LAST YEARS. WAS IT TOO MUCH? DID THE GOVERNMENT OVERDO IT?

I would say they were used to exhaustion. When the level of access to credit goes up, due either to innovation or good policies in other areas, it's great while the economy is changing. Once a sustainable level is reached, increases in access to credit cease to be a source of further economic stimulus. This is due to the fact that growth based merely on credit anticipates future consumption and is not a sustainable sort of mid and long-term growth.

IT'S GOING TO BE HARD TO LEAVE THE CRISIS BEHIND THROUGH PRIVATE CONSUMPTION. SO WHAT'S THE SOLUTION?

Private investment. Trust and the reduction of interest rates, which will eventually come, making viable once again, from the point of view of businessmen, to take risks and make investments. That's the way out of this quagmire where the Brazilian economy finds itself.

THE BRAZILIAN CENTRAL BANK HAS ALREADY HINTED THAT FOR IT TO KEEP CUTTING INTEREST RATES THERE MUST BE CORRESPONDING FISCAL MEASURES. WHAT DOES THE EXPERIENCE OF OTHER COUNTRIES THAT UNDERWENT SIMILAR HARDSHIPS SHOW, LIKE THE ONES IN EUROPE?

This parallel is mistaken because in reality the fiscal adjustment contained in the fiscal ceiling amendment [*a 2016's constitutional amendment that sets a 20-year ceiling for public expenditure*] is aimed at the medium term, it's not for now. This is due to the fact that inflation is moving in a lower scale. In absolute terms, public spending can even grow during 2017, because it's going to be readjusted according to a rate that's higher than inflation and that should be enforced next year [*interview given in 2016*]. So, the ceiling begins to press down spending somewhere further down the road. Secondly, in the case of Europe, it's acknowledged that it was a mistake to adopt a policy of austerity when the eurozone had the fiscal capacity to respond in a different way. Fortunately, Brazil is not on the verge of renegotiating its debt. On the contrary, we have been able to face this fiscal crisis without considering a default. Therefore, austerity in Europe, a region where there's room for expansionist fiscal policies, cannot be compared with Brazil's situation. We shouldn't draw this comparison.

DID BRAZIL IMPROVE STRUCTURALLY IN THE LAST FEW DECADES, IN SPITE OF THE CURRENT CRISIS' SEVERITY?

I think it's important to see what the current crisis' distinguishing features are. At first, it seems to be (and it is) a fiscal crisis. But there's a more deep rooted problem which, in the end, is the one we need to face for the country to resume growth. Actually, fiscal weaknesses reflect a mixture of an aspiration for more public spending, due to good social, motives pertaining to the country's legacy of social exclusion, but also related to the fact that several privileges still stand. At a certain moment, the Brazilian government began transferring funds to the private sector through public debt and this fiscal laxness led Brazil to a situation I like to call "fiscal obesity", a morbid obesity, which wouldn't be so bad if Brazil had increased its productivity in a faster rate than it was registered during the last few decades.

PRODUCTIVITY IS VIRTUALLY STAGNANT, ISN'T IT?

Yes, exactly. Brazil's growth periods are due much more to increases in the work force, which reflect small improvements in the level of education. This growth was not caused by fixed capital investments, which remained at low levels, nor by overall increases in productivity. This is the problem we have to face, otherwise the problem of fiscal obesity will be harder to treat.

IS THERE A STIMULUS TO INEFFICIENCY?

Yes, because companies are competing less. They're safeguarded, especially the big ones against the small ones, in this business environment, because the big ones have economies of scale and small ones don't. If we faced this problem of the awful business environment, several sources of waste would be eliminated and we could drive people's talent to more productive activities.

YOU WERE ONE OF THE FIRST TO TALK ABOUT THE MIDDLE-INCOME TRAP. ARE WE STUCK IN THAT TRAP AND IS IT GETTING HARDER TO GET OUT OF IT?

We are stuck in the middle-income trap, and the truth is that we haven't even completed the transition from low to middle income. Brazil exhibits the paradoxical situation in which you have first world islands. Our sophisticated agricultural sector is a world leader, it's as good as any other, it's as good as the US'. Another example is Embraer. The point is that exceptions prove the rule. Since we haven't entirely completed the transition from the previous model to the current one, we have, in comparison to the modern world, a really high proportion of the population in low income activities. There are factors that help and factors that get in the way of the transition. Factors that get in the way: when we start to compete in high value-added activities that grew in all economies that jumped from middle to high-income, we're going to find more competitors than we would find in the past. We're going to have to compete with China in some areas, in addition to traditional high-income countries that already made it. On the other hand, Brazil's advantage is that it doesn't have to reinvent the wheel, it can, through insertion strategies, get into these modern value chains and evolve step by step. Besides, Brazil can (and must), in my view, develop global value chains bases on our natural resource assets. One thing I can tell you for sure is that the country won't be able to do any of this if it keeps its trade as closed, as isolated as it currently is. People think Brazil is open. It's relatively open when it comes to direct foreign investment, but it's the most closed country in the world when it comes to trade.

ADÃO ITURRUSGARAI

MARÇO 2017

JOSÉ EDUARDO FARIA | ENTREVISTA: **MARIA CRISTINA POLI**

SE TIVERMOS CLÁUSULA DE BARREIRA, CERTOS CONTROLES EFETIVOS DE FINANCIAMENTO PARTIDÁRIO E CAMPANHAS MAIS CURTAS E PROGRAMÁTICAS, VAMOS GRADATIVAMENTE MELHORAR A CLASSE POLÍTICA

A sociedade brasileira tem ampliado a visão sobre atuação política, tirando das mãos apenas dos partidos e das eleições a responsabilidade exclusiva de atuação. Hoje, os chamados "organismos multilaterais" contribuem para a dinâmica e aparecem como alternativa para fazer política e fiscalizar, segundo a visão do professor titular da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), José Eduardo Faria. Na entrevista, ele analisa ainda o protagonismo do Judiciário no País e aponta os problemas estruturais do cenário político e o que trava a governabilidade brasileira.

COMO VOCÊ AVALIA O MOMENTO POLÍTICO, DO PONTO DE VISTA DA LEGITIMIDADE?
[*ENTREVISTA CONCEDIDA EM 2016*]

Acho que estamos vivendo um momento em que as instituições funcionam. Do ponto de vista jurídico, não vejo nenhuma ilegalidade. O governo do presidente Temer – tirando a equipe econômica, que parece muito bem recrutada – trabalha com perfil, se não equivalente, pior do que os dos ministros que a presidente Dilma tinha. A gente percebe claramente a sua [*de Temer*] fraqueza pelas concessões que fez para conseguir se manter no poder dentro de um presidencialismo de coalizão. Basta ver que ele já trocou alguns ministros, e há suspeitas, denúncias, comentários de que outros ministros também podem ser afastados.

AGORA ESSA É UMA DINÂMICA DA POLÍTICA DE COALIZÃO, QUE FAZ PARTE DAS NOSSAS REGRAS DO JOGO...

Isso faz parte do nosso jogo e já vem sendo jogado há algum tempo. Não temos partidos sólidos e capazes de sustentar, por si só, a governabilidade de um candidato eleito. Quando o presidente Fernando Henrique ganhou a eleição, o seu partido não deve ter feito mais do que 15% ou 18% dos votos na Câmara e um pouco menos no Senado. A mesma coisa ocorreu com o Lula. Nos seus dois mandatos, precisou fazer um acordo que envolvia um espectro da direita à esquerda, que lhe garantia a governabilidade. Esses partidos tinham lideranças capazes de sentar, conversar e garantir certa fidelidade em troca de cargos aos projetos do governo. Mas, no momento em que tivemos uma espécie de afrouxamento do sistema partidário, isso foi se multiplicando, e começamos a perceber o ingresso de novos partidos na arena. Esses partidos não têm nenhuma estrutura do ponto de vista de composição ideológica e de compromissos éticos e morais. Foram criados para absorver as vantagens.

POLÍTICO VIROU SINÔNIMO DE COISA RUIM, SEM MORAL. COMO É POSSÍVEL SUPERAR ISSO E TRAZER JOVENS, FUTUROS LÍDERES POLÍTICOS, PARA PERTO?

Primeiro, reforma política, partidária. Criar na reforma partidária uma cláusula para impedir o surgimento dessa multidão de novos partidos. Segundo, olhar um pouco para o fato de que a política não se confunde apenas com a política partidária. Quando comecei minha carreira aca-

dêmica, os alunos que queriam ir para o processo político eram destinados aos partidos. Nos últimos 15 ou 20 anos, os alunos que têm vocação pública querem ir para organizações não governamentais, coletivos, organismos multilaterais. Uma política mais verdadeira, honesta, limpa, fluida, que ofereça resultados em médio prazo, está sendo deslocada do setor partidário para a sociedade civil. A política não se resume a ganhar o mandato eletivo.

ESSES ORGANISMOS PARA ONDE VÃO OS JOVENS PODEM FAZER A DIFERENÇA NA FISCALIZAÇÃO?

Se olharmos de 1990 para cá, houve uma abertura da economia brasileira para o exterior. E houve um processo não só de privatização de estatais, mas de reforma administrativa, que liberou para a sociedade muitas das funções que eram do Estado. O modelo da sociedade americana se faz muito por meio de relação indireta entre o Estado e a sociedade.

O ESTADO LÁ É BEM MENOR QUE O NOSSO...

Mas não quer dizer que seja mais fraco. O que esse Estado faz é estabelecer marcos regulatórios. Dentro desses marcos, tudo é negociação livre. Temos tido, na fixação dos marcos, uma certa incapacidade de o Estado tomar essas decisões, porque o sistema político partidário brasileiro tem defeitos.

PARA MUDAR ALGUNS PONTOS CRUCIAIS DO FUNCIONAMENTO DA SOCIEDADE, PRECISAMOS DE LEIS.

Não necessariamente. Há uma forte tensão entre governabilidade e legitimidade no fim do século 20. Ou seja, controlar a economia, permitir que a inflação seja controlada, criar as condições para retomar o crescimento por um lado, a expansão dos direitos sociais por outro. Isso fez com que se reformasse o Estado e, a partir desse período, podemos descobrir duas coisas. Primeiro, o Estado tenta diminuir de tamanho, desburocratiza, desregulamenta e joga a responsabilidade para as organizações intermediárias da sociedade. O que não estamos vendo é que, por trás desse processo, tem uma globalização econômica. E levou os organismos multilaterais a assumir para si a responsabilidade por uma modernização e uniformização legislativa.

A EXPOSIÇÃO QUE OS TRIBUNAIS ESTÃO TENDO, EM ESPECIAL O SUPREMO, AJUDA A QUESTIONAR ESSE PAPEL DA JUSTIÇA?

O Brasil vem de uma tradição jurídica filtrada pela Universidade Coimbra. A tradição coimbrã vem do Direito Romano, muito burocratizado, cheio de etapas e bastante ritualizado. O contraponto é o Direito da *Common Law*, que se pratica nos Estados Unidos e na Inglaterra. É um Direito mais desburocratizado, oralizado e preocupado com os resultados do processo. Se examinar o currículo dos procuradores de Curitiba, que estão no caso da Lava Jato, todos estudaram na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Os atuais advogados das empresas acusadas nesse processo estão na faixa de 35 a 45 anos, e a maior parte estudou nos Estados Unidos. No caso do mensalão, o presidente e relator Joaquim Barbosa também estudou nos Estados Unidos. Num determinado momento, assumiu uma posição de muita liderança e aqueles advogados mais antigos não conseguiram sucesso. São os [*advogados*] que tinham apenas uma formação coimbrã. Esse pessoal vem perdendo o mercado de trabalho para advogados com 40, 45 anos de idade, que têm uma percepção mais sistêmica dessas transformações.

ESSES ADVOGADOS QUE SÃO MAIS JOVENS ENXERGAM MELHOR O MOVIMENTO DE CURITIBA?

Se olharmos o Supremo, vamos perceber que pelo menos um ministro compreende isso muito bem, que é o Luís Roberto Barroso. Ele também tem uma formação americana. No Supremo há ministros com enorme capacidade de compreender isso e há outros que foram indicados apenas por pressões políticas, por critérios partidários.

O MINISTRO BARROSO DEFENDE A CRIAÇÃO DE UMA FORÇA-TAREFA NO FORO PRIVILEGIADO EM BRASÍLIA, PORQUE OS POLÍTICOS FICAM ESPERANDO A HORA DE SEREM JULGADOS EM UM RITMO MAIS LENTO DO QUE OS PROCESSOS DE CURITIBA. NÃO SOMOS TODOS IGUAIS PERANTE A LEI, COMO A CONSTITUIÇÃO FALA?

Nunca fomos iguais. A ideia de foro privilegiado, de alguma forma, era uma tentativa de proteger certas figuras dirigentes num status de ministros de uma guerrilha judicial. Isso acabou gerando, evidentemente, uma banalização. No foro privilegiado, no fundo, ele tem direito a um só julgamento. Eu acho que a figura do foro privilegiado deve ser revista.

COMO FAZER DO JUDICIÁRIO UM AMBIENTE MAIS TRANSPARENTE PARA A SOCIEDADE?

Não tenho uma resposta objetiva. A Justiça é uma instituição complexa. De um lado, legitima-se com a Lava Jato. Mas, por outro lado, neste momento todos os jornais estão mencionando um projeto de lei orgânica da magistratura que, entre outras coisas, eleva os salários com 21 penduricalhos que não são computados para efeito de teto porque há uma interpretação do Judiciário de que seria verba indenizatória. O mesmo judiciário que se legitima na Lava Jato assume uma perspectiva tão corporativista, que em determinado momento se começa a imaginar que os juízes vivem em uma República independente em algum planeta.

COMO ASSEGURAR DIREITOS UNIVERSAIS SEM ACABAR COM OS COFRES PÚBLICOS?

É um processo de longa maturação política e de cultura cívica. Se tivermos, por exemplo, cláusula de barreira, certos controles efetivos de financiamento partidário e campanhas mais curtas e programáticas, vamos melhorar gradativamente a classe política.

É UMA SOCIEDADE QUE PASSA POR UM PROCESSO UM TANTO TERAPÊUTICO, MAS APRENDEMOS COM ISSO.

Quando olhamos para o passado, não há sombra de dúvidas de que o País hoje é melhor. Antes, não imaginaríamos que haveria a reconstitucionalização no Brasil em 1985, uma nova Constituição em 1988 e, em 1992, estaríamos em um processo de Impeachment, sem risco algum de golpe. Houve um processo de amadurecimento institucional; manifestação de rua; uma imprensa que, de certo modo, estimula um debate intelectual; um país mais rico, mais complexo. Os problemas mudaram de perfil, mas a sociedade brasileira caminha mais consciente para discutir certas questões do que no passado.

IF WE ADOPT A PERFORMANCE CLAUSE, EFFECTIVE CONTROLS OVER CAMPAIGN FINANCES, AND SHORTER, MORE PROGRAMMATIC CAMPAIGNS, WE'LL GRADUALLY IMPROVE OUR POLITICAL CLASS

Brazilian society has broadened its views on political participation, taking out of parties' hands the sole responsibility for political action. Today, the so called "multilateral organisms" take part of the political dynamic and show up as an alternative channel to do politics and police the government according to José Eduardo Campos de Oliveira Faria, a professor at University of São Paulo Law School. In this interview, he also analyzes Brazilian judiciary's political protagonism and points to structural problems in the political landscape which compromise Brazilian governability.

COULD WE BEGIN THIS INTERVIEW WITH AN ANALYSIS OF THE CURRENT POLITICAL MOMENT, FROM THE POINT OF VIEW OF LEGITIMACY? [*INTERVIEW GIVEN IN 2016*]

I think we're living a moment in which our institutions are functioning. From a legal point of view, I see no unlawfulness. President Temer's cabinet – with the exception of the economic policy team, which seems really well recruited – is equivalent to, if not worse than, president Dilma's. We can clearly perceive Temer's weakness in concessions he made to keep himself in charge of a coalitional presidentialism. Just look at the ministries he has already shifted, and there are suspicions and accusations regarding others, who may be dismissed.

BUT THIS DYNAMIC IS PART OF THE POLITICS OF COALITION BUILDING, IT'S PART OF THE RULES OF THE GAME AROUND HERE...

This is part of the rules of the game that has been played for a while now. We lack strong parties, able to support by themselves an elected president's governability. When Fernando Henrique Cardoso won the election, his party didn't get more than 15% or 18% seats in the lower house, and even less than that in the Senate. The same thing happened with Lula. During both of his terms, he had to cut a deal with parties from the right and the left end of the ideological spectrum to assure his governability. These parties had leaders who were able to sit down, negotiate and deliver certain discipline from their ranks in exchange for positions in the cabinet. But, the moment in which we had a loosening of the party system, the number of parties was increasing and we began to see new parties entering the arena. Those parties have no ideological or ethical commitments. They were created to absorb benefits.

POLITICIANS HAVE BEEN HELD IN DISREPUTE AND BECOME SYNONYMS TO IMMORALITY. HOW CAN WE CHANGE THAT AND ATTRACT YOUNG, FUTURE POLITICAL LEADERS?

First of all, through a political and party system reform. Our party system reform bill should contain a clause to prevent this excessive increase in the number of new parties. Secondly, we should stress that politics is not restricted to party politics. When I started my academic career, students who wanted to engage in politics were bound to join parties. In the last 15 or 20 years, students whose calling is the public service have looked for NGOs, collective and multilateral organisms. A more truthful, honest, clean and fluid politics, which is able to offer long-term results, is shifting from the party system to civil society. Politics is not restricted to winning elections.

CAN THESE ORGANISMS, WHICH YOUNG PEOPLE ARE TURNING TOWARDS, MAKE A DIFFERENCE IN POLICING THE GOVERNMENT?

If we look at what has happened between the 1990s and today, Brazil has opened itself to the outside world. And there has been a process, not only of privatization of state owned companies, but also of administrative reforms, which transferred to society in general many functions that were performed by the government. The US model gets a lot done through an indirect relation between government and society.

THEIR GOVERNMENT IS A LOT SMALLER THEN OURS...

But that doesn't mean it's weaker. What their government does is to establish regulatory frameworks. Within the bounds set by these frameworks, every-

thing is freely negotiated. We've been seeing, in the process of establishing similar frameworks in Brazil, the government's inability to make certain decisions, due to defects in the Brazilian political and party systems.

TO CHANGE SOME OF THE KEY POINTS IN SOCIETY'S FUNCTIONING, WE NEED LAWS.

Not necessarily. There was a strong tension between governability and legitimacy at the end of the 20th century. A tension, that is, between keeping the economy on the tracks, controlling inflation and creating conditions for economic growth on one side, and expanding social rights on the other. This led to reforms in the government, and since this time two things became clear. First, the government is trying to shrink its size, reduce bureaucracy, deregulate and transfer its responsibilities to intermediate organizations in the society in general. What we should notice is that behind this process is economic globalization. And that has led multilateral organisms to take responsibility for the process of legislative modernization and uniformization.

DOES THE EXPOSURE THAT COURTS ARE BEING SUBJECT TO, THE SUPREME COURT IN PARTICULAR, HELP TO QUESTION THE ROLE OF THE JUDICIARY?

The Brazilian legal system descends from a legal tradition filtered by the University of Coimbra. Coimbra's tradition descends from Roman law, it's really bureaucratized, filled with procedures and really ritualized. The contrast is with the common law practiced in the United States and England. It's a less bureaucratized kind of law, more oral and concerned with results. If you examine Curitiba's public prosecutors, the ones working in operation "Lava Jato", curriculums you'll see that all of them studied in the United States or England. Current lawyers of the companies under investigation are between 35 and 45 years old and most of them studied in the United States. The judge in charge of the "mensalão" case, Joaquim Barbosa, also studied in the United States. At a certain point, Barbosa took the lead and older lawyers couldn't keep up with him. Those are lawyers that had only a Coimbra-type of legal education. Those people have been losing terrain to younger lawyers, who are 40, 45 years old, and who have a more systemic view of changes in law.

DO THOSE YOUNGER LAWYERS HAVE A BETTER GRASP OF WHAT'S HAPPENING IN CURITIBA?

If we look at the Supreme Court, we'll realize that at least one justice understands what's happening very well, and that's Luís Roberto Barroso. He also had a US legal education. In the Supreme Court there are justices with the ability to understand what's happening and others there were appointed for merely political motives.

JUSTICE BARROSO PROPOSES THE CREATION OF A TASK FORCE FOR PRIVILEGED JURISDICTION [*CASES INVOLVING POLITICIANS THAT CAN BE TRIED ONLY BY HIGH COURTS, SUCH AS THE SUPREME COURT*] CASES IN BRASILIA, BECAUSE POLITICIANS WITH PRIVILEGED JURISDICTION AWAIT TRIAL FOR LONGER PERIODS THAN THE ONES WHO ARE TRIED IN CURITIBA. AREN'T WE ALL EQUAL BEFORE THE LAW, AS THE CONSTITUTION SAYS?

We were never equal. The idea of a privileged forum was an attempt, in some way, to protect politicians in leadership positions from a judicial warfare. That evidently ended up creating a trivialization. In the end, with privileged jurisdiction, politicians had the right to one single trial. I think this institution should be thought over.

HOW TO GET THE JUDICIARY TO BE MORE TRANSPARENT TO SOCIETY IN GENERAL?

I don't have an objective answer to that. The judiciary is a complex institution. On one hand, it legitimizes itself through operation "Lava Jato". On the other, right now every newspaper is talking about a bill regarding the career of judges that, among other things, includes in the counting of judges' wages 21 extra benefits, which are currently not considered as a part of their salary due to a legal interpretation, to see if their earnings begin to fit the constitutional limit. The same judiciary that legitimizes itself through "Lava Jato" adopts such a self-interested perspective. It looks like judges live in an independent republic in some other planet.

HOW CAN WE RESPECT UNIVERSAL RIGHTS WITHOUT DEPLETING PUBLIC RESOURCES?

It involves a long process of political maturation and civic culture. If we adopt, for example, a performance clause, effective controls over campaign finances, and shorter, more programmatic campaigns, we'll gradually improve our political class.

BRAZILIAN SOCIETY IS GOING THROUGH A SOMEWHAT THERAPEUTIC PROCESS, BUT WE'RE LEARNING WITH IT.

If we look at the past, there's no doubt the country has improved. Then, we didn't imagine there would be re-democratization in 1985, a new Constitution in 1988, and an impeachment procedure without the risk of a coup in 1992. A process of institutional maturation has been taking place; there are protests in the streets, a press that stimulates a more intellectual public debate, a wealthier, more complex country. The problems have changed, but Brazilian society is able to discuss them with greater awareness than in the past.

CACO GALHARDO

MARÇO 2017

O setor público é muito complexo. É preciso ter humildade para enfrentar um problema desse tamanho

ENGENHEIRA DE FORMAÇÃO, JOICE TOYOTA SUSTENTA QUE A MELHORIA NA GESTÃO PÚBLICA PODE MUDAR O PAÍS. SEU PRIMEIRO CONTATO COM O SETOR SE DEU DEPOIS QUE ELA SE FORMOU NA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) E FOI ATUAR EM UM PROJETO DO GOVERNO DO AMAZONAS PARA REFORMA DA EDUCAÇÃO NO ESTADO. "VIA QUE NO SETOR PÚBLICO O QUE MAIS FALTA É GESTÃO", EXPLICA A PROFISSIONAL, QUE FEZ MBA EM GESTÃO E MESTRADO EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE STANFORD, NOS ESTADOS UNIDOS, E É COFUNDADORA E DIRETORA-EXECUTIVA DO VETOR BRASIL. A ENTIDADE SELECIONA JOVENS SAÍDOS DAS MELHORES UNIVERSIDADES NACIONAIS PARA UM PROGRAMA DE TRAINEE EM GESTÃO PÚBLICA.

COMO NASCEU A IDEIA DO VETOR BRASIL?

Na época em que estive nos Estados Unidos fazendo pós-graduação, o ambiente do Vale do Silício, na Califórnia, foi contagiante, porque nunca tinha pensado em empreender socialmente. O Zé [*José Frederico Lyra Netto, cofundador do Vetor*] e eu víamos um grande potencial de pessoas que ainda não enxergavam as portas de entrada do setor público, e pensamos que podíamos mostrar o caminho por acreditar que isso poderia ter grande impacto. Na época, ele fazia mestrado em Harvard e eu, em Stanford.

POR QUE FOCARAM NA FORMAÇÃO DE TRAINEES?

O Vetor Brasil já existia desde antes de irmos para os Estados Unidos, em projeto de consultoria para municípios pequenos. Íamos até eles, fazíamos um diagnóstico, víamos onde queriam estar depois de dez anos e criávamos os planos. Os prefeitos achavam o plano interessante, mas diziam que precisavam formar uma equipe para implantá-lo. Só que ninguém aceitava o desafio porque achava que o salário era baixo ou não tinha certeza se o trabalho era sério. Perguntavam: "Se eu for trabalhar no setor público, tenho que ser corrupto?"; e tinha quem comentava: "Trabalho no setor privado, mas não sei se teria as habilidades necessárias para agregar valor no público"; ou: "Não quero me distanciar dos grandes centros e me desconectar das redes e das pessoas". Percebemos que podíamos superar essas barreiras com o programa de trainee.

VOCÊS SÃO CONTRATADOS COMO UMA ESPÉCIE DE AGÊNCIA DE TALENTOS QUE CAPACITA E COLOCA ESSES AGENTES EM POSIÇÕES ESTRATÉGICAS NOS GOVERNOS?

Somos uma associação sem fins lucrativos. Assinamos um acordo de cooperação técnica sem transferência de recursos para permitir que esse serviço aconteça para um maior número possível de governos. Em contrapartida, o governo tem de contratar o trainee e pagar o salário dele. Ele entra em um cargo de comissão normalmente preenchido por indicações políticas. Se o governante abre mão de uma indicação política para contratar alguém que passa por um processo seletivo profissional conduzido pelo Vetor Brasil, já é uma demonstração de comprometimento suficiente para podermos trabalhar juntos.

COMO ESSE AGENTE É RECEBIDO DENTRO DOS GOVERNOS?

Normalmente, o trainee tem 25 anos, o que corresponde à metade da idade média dos servidores da equipe onde ele trabalha. Em geral, não tem experiência no setor público, vem de fora do Estado e chega para trabalhar num projeto que trará mudança para o setor público. Ou seja, há todos os fatores para não ser aceito com facilidade. Então, temos um trabalho forte com ele para que chegue não só com a bagagem técnica, mas também com a de relacionamentos e dinâmicas interpessoais, e, assim, possa mostrar como ajudar e ser um fator de apoio para a equipe na implementação das políticas públicas, não de competição ou atrito.

ALGUM DESSES AGENTES JÁ MANIFESTOU O DESEJO DE DESISTIR?

Uma vez, um deles me ligou chorando e dizendo que tinha descoberto que não conseguiria mudar o que tinha lá. Respondi: "Que bom que você descobriu isso, mas é importante ver que não estamos aqui para mudar um problema fácil ou que conseguiremos fazer isso em um ou dois meses". Muita gente olha para o setor público de fora e pensa que o que falta é vontade. As pessoas acham que se inserirmos no setor público muitas pessoas do privado, conseguiremos resolver os problemas. O setor público é muito complexo, é preciso ter humildade para enfrentar um problema desse tamanho.

HÁ O RISCO DE ESSE TRAINEE ACABAR SE ADAPTANDO E APENAS REPLICAR ANTIGOS VÍCIOS DO SETOR PÚBLICO?

O problema mesmo é garantir que ele continue se desenvolvendo e agregando valor. No Vetor Brasil, a cada 30 dias fazemos uma série de perguntas a eles: "Como você está se sentindo?"; "Acha que agrega valor?"; "Sente-se realizado sendo trainee de gestão pública?". No início do programa, os índices são altos. Dois ou três meses depois, há uma frustração grande. Nesse momento, nosso papel como organização é levantar de novo a motivação. Falamos: "Você descobriu a complexidade e o tamanho do problema. Agora, há mais condições de fazer uma mudança que seja sustentável e útil".

COM ENXERGA ESSES AGENTES E O IMPACTO DO TRABALHO DO VETOR DAQUI A ALGUNS ANOS?

No curto prazo, os trainees ajudam o governo a implementar projetos e serviços públicos melhores. Contudo, achamos que o grande valor do Vetor Brasil ainda venha do longo prazo, que é a criação de uma rede com profissionais altamente capacitados, bem-intencionados e com a vivência da passagem pelo governo.

POR QUE FOCARAM A AÇÃO DOS TRAINEES EM DIFERENTES POLÍTICAS PÚBLICAS E NÃO SÓ EM EDUCAÇÃO, QUE ERA SEU FOCO INICIAL?

Verificamos que resolver o problema da educação passa por coisas muito além da Secretaria. Há um sistema imenso e supercaro. A burocracia impacta em cada um dos serviços que entregamos nas áreas do governo – na escola, no hospital ou na segurança. Se esses nós não forem desatados no planejamento, na gestão e na governança, atrapalham a entrega dos serviços nas pontas.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE O PROGRAMA DE TRAINEE DO VETOR BRASIL E OS DE EMPRESAS PRIVADAS?

Quando acaba o nosso programa, o jovem fica solto, não está ali para seguir uma carreira. O trainee da empresa privada tem estabilidade, uma contratação mais ou menos tranquila. O nosso, não. Ele está num cargo comissionado, a forma mais instável de contratação. É muito mais desafiador ser um trainee de gestão pública do que de empresa mais tradicional. Por isso, batemos sempre na tecla de que aqui o jovem terá desafios muito maiores, que vão desde o ambiente de trabalho até outros fatores de carreira.

O QUE PROCURAM NA SELEÇÃO DOS TRAINEES?

Buscamos jovens recém-formados com até três anos de experiência profissional de qualquer área e de qualquer lugar do Brasil. No último processo seletivo, tivemos inscritos de todos os Estados brasileiros, o que é muito importante para uma atuação nacional de fato. Pode ser um administrador público, uma pessoa que estudou Direito ou um engenheiro. Na rede, temos uma bióloga, um psicólogo, um geofísico. O que importa é que o candidato tenha disponibilidade e capacidade de aprender aquilo que será necessário na gestão pública.

COMO ESCOLHEM OS GOVERNOS QUE IRÃO RECEBÊ-LOS?

O governo pode falar: "Quero dois jovens inteligentes na minha área". Respondo: "Para quê? Convença-me que sabe qual é o valor que esse jovem vai agregar". Se o governo não tiver uma oportunidade realmente relevante para esses jovens, em que eles possam se desenvolver profissionalmente, é um tiro no pé. É colocar uma pessoa motivada, capacitada, disponível num lugar em que fará mais do mesmo, sem oportunidade de se desenvolver e ainda correr o risco de transformá-la em detratora do governo. Ela vai falar: "Eu tinha receio de que o governo não funcionasse, fui lá e descobri que é isso mesmo".

DE QUE FORMA É FEITA A DISTRIBUIÇÃO DOS TRAINEES PELAS VAGAS DISPONÍVEIS?

Fazemos esse pareamento de acordo com os objetivos de desenvolvimento profissional do jovem. Na nossa primeira turma, chegamos a trazer uma profissional que estava em Goiás para trabalhar em São Paulo e levamos um da capital paulista para trabalhar lá.

SENDO UMA MULHER JOVEM, ENFRENTA RESISTÊNCIA AO APRESENTAR O PROJETO PARA GESTORES QUE, EM GERAL, SÃO HOMENS NA FAIXA DOS 50 ANOS?

É um ponto importante, tanto que temos um programa de desenvolvimento de liderança feminina. O ambiente do setor público brasileiro é muito masculino e machista, mas há exceções. É um dos motivos pelos quais acreditamos que o governo seja menos eficiente, por não abraçar a diversidade, não entender que pessoas diferentes podem agregar coisas diferentes e que a capacidade da entrega não vem da hierarquia. Mas isso vem mudando muito. Tenho sentido cada vez menos esse preconceito ou o sexismo nas relações. Nos governos onde estamos, sinto tranquilidade de conversar de igual para igual com os secretários, os diretores e os governadores.

THE PUBLIC SECTOR IS TOO COMPLEX. IT TAKES HUMILITY TO DEAL WITH A PROBLEM THIS SIZE

Joice Toyota, who holds a degree in engineering, believes that the improvement of public management can change the country. Her first dealings with the public sector took place after she graduated in the Polytechnic School at the University of São Paulo (USP) and went off to work in the Amazonas government's project to reform the state's public education. "I saw that what's most lacking in the public sector is management", tells Toyota, who has an MBA in Management and a Master's degree in Education from Stanford University, in the United States, and is co-founder and CEO at Vetor Brasil. The organization selects alumni from the best universities in Brazil for a training program in public management.

HOW WAS THE IDEA FOR VETOR BRASIL BORN?

During the time I spent in the United States getting my Master's degree, the environment at the Silicon Valley, in California, was exciting. I had never thought about being a social entrepreneur. Zé [*José Frederico Lyra Neto, co-founder at Vetor Brasil*] and I saw a lot of potential in people that couldn't see the gateway to the public sector, and we thought we could show them the way because we believed this could have a great impact. At the time, Zé was pursuing his Master's degree at Harvard, and I was pursuing mine at Stanford.

WHY DID YOU FOCUS ON TRAINING?

Vetor Brasil already existed, even before we went to the United States, and offered consulting services to small municipalities. We would go there, make a diagnosis, find out where they wanted to be in 10 years and we would create a plan. Mayors would find the plan interesting, but they would say that they needed a team to make it happen. The problem was that no one would take the challenge because they thought the wages were too low or weren't sure it was serious work. They would ask: "If I were to work in the public sector, would I have to be corrupt?"; and some people would say: "I work in the private sector, but I'm not sure I have the skills to make a difference in the public sector"; or: "I don't want to get away from the big urban centers and lose touch with people and networks". We realized we could overcome those barriers with a training program.

ARE YOU HIRED AS A SORT OF TALENT AGENCY THAT QUALIFIES AND PLACES THOSE INDIVIDUALS IN STRATEGIC POSITIONS INSIDE GOVERNMENTS?

We're a non-profit association. We sign a technical cooperation agreement without any transfer of funds so we can offer this service to the greatest possible number of governments. In return, they have to hire the trainee and pay his wage. He starts in a position usually filled by political appointees. If a politician gives up a political appointment to hire someone who went through Vetor Brasil's professional selection process, this shows enough commitment for us to work together.

HOW IS THIS INDIVIDUAL WELCOMED INSIDE GOVERNMENTS?

Usually, the trainee is 25 years old, which is half the average age of public servants is his team. Generally, he has no experience in the public sector, comes from outside the state and comes to work in a project which aims to bring change to the public sector. That is, there are a lot of factors that make it hard for him to be accepted by his co-workers. So we work hard not only on his technical skills, but also on his interpersonal skills so that he is able to show how he can be useful and support the team in implementing public policies, not to compete or bicker with them.

HAVE ANY OF THESE AGENTS ALREADY EXPRESSED THE WISH TO GIVE UP?

Once, one of them called me crying and saying that he had found out that he wouldn't be able to change the way things were over there. I replied: "It's a good thing that you found this out, but

it's important to see that we're not here for an easy fix nor will we be able to do this in a couple of months". A lot of people look at the public sector from outside and think that what's lacking is willpower. People think that if we get a lot of people from the private sector inside the public sector we will get these problems fixed. The public sector is too complex, it takes humility to deal with a problem this size.

IS IT A RISK THAT THIS TRAINEE ENDS UP ADAPTING AND ONLY REPLICATING OLD VICES FROM THE PUBLIC SECTOR?

The greatest problem is really to make sure that they keep improving themselves and adding value. In Vetor Brasil, every 30 days we ask them a series of questions: "How are you feeling?"; "Do you think that you add value?"; "Do you feel accomplished being a trainee in public management?". At the beginning of the training program, the rates are high. Two or three months afterwards, there's a lot of frustration. At this moment, our role as an organization is to get their morale up high again. We say: "You found the problem's complexity and size. Now, you're in better position to make a change that's useful and lasting."

HOW DO YOU SEE THE ROLE OF THESE AGENTS AND THE IMPACT OF YOUR ORGANIZATION'S WORK IN A FEW YEARS?

In the short term, the trainees help governments to implement projects and improve public services. However, we think that Vetor Brasil's greatest contribution will show up in the long term. That contribution is the creation of a network of highly capacitated and well-meaning professionals who have government experience.

WHY DID YOU DECIDE TO WORK WITH DIFFERENT AREAS OF PUBLIC POLICY, RATHER THAN RESTRICTING YOURSELVES TO EDUCATION, WHICH WAS YOUR INITIAL FOCUS?

We perceived that solving the problem in education goes well beyond what happens in the department of education. There's a huge and super-expensive system. Bureaucracy impacts each and every service we provide governments – education, healthcare, law enforcement. If those knots aren't undone in planning, managing and governing, they get in the way of the provision of services to the population.

WHAT'S THE DIFFERENCE BETWEEN VETOR BRASIL'S TRAINING PROGRAMS AND THE ONES OFFERED BY PRIVATE COMPANIES?

When our program ends, the person is free, he isn't there to follow a career and become a manager. The trainee at a private company has certain stability, his hiring is more or less assured. Ours not. They are political appointees, the most unstable kind of position. It is much more challenging to be a trainee in public management than in a more traditional company. That's why we always underscore that the person will face much greater challenges, which range from the work environment to other aspects of the career.

WHAT DO YOU LOOK FOR WHEN RECRUITING?

We seek for recently graduated young people with up to three years of professional experience in any area and any place in Brazil. In the last recruitment process, there were candidates from all Brazilian states. This is really important for an actual nationwide operation. Applicants can be public managers, law school graduates or engineers. In our network, there's a biologist, a psychologist, a geophysicist. What matters is that the candidate is open and able to learn what is necessary for public management.

HOW DO YOU CHOOSE WHICH GOVERNMENTS WILL HOST THEM?

A government can say: "I want two really smart young people in my region". I'll reply: "Ok, but for what? Convince me that you know what value this young person will add". If this government does not have an opportunity in which this young person will really be able to flourish professionally, it's a wrong call. It means to place a highly motivated, capacitated and open individual where he will do more of the same thing everyone else does, without the opportunity to grow, and run the risk that he becomes a detractor. He will say: "I feared that the government didn't work, I went there and I found out that this is so".

HOW DO YOU DISTRIBUTE THE AVAILABLE POSITIONS AMONG THE TRAINEES?

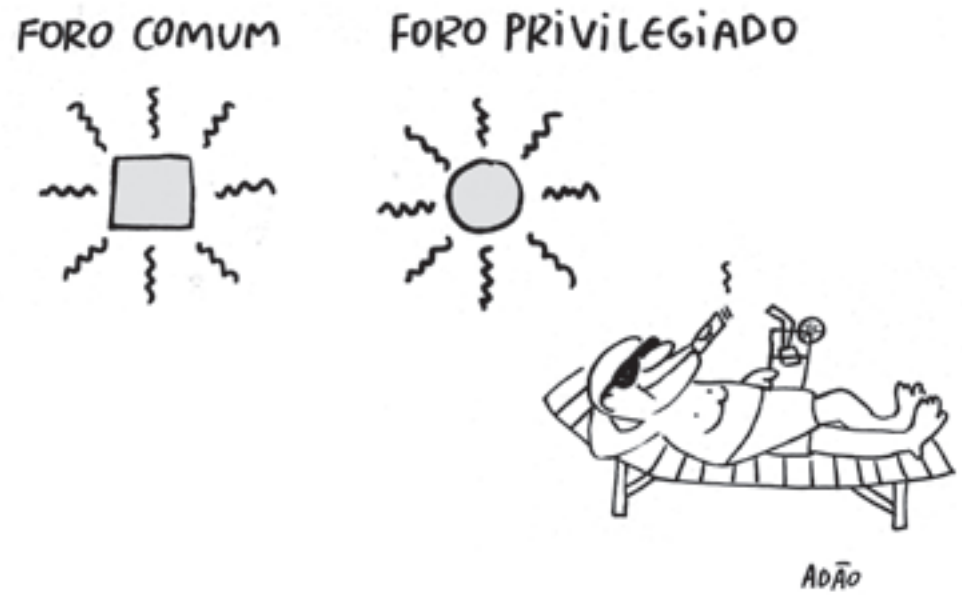
We do this distribution according to the individual's professional development goals. In our first class, we even brought a professional that was in the state of Goiás to work in São Paulo and took one from São Paulo to work in Goiás.

BEING A YOUNG WOMAN, DO YOU FACE ANY RESISTANCE WHEN YOU PRESENT VETOR'S PROJECT TO MANAGERS AND HEADS OF GOVERNMENTS WHO USUALLY ARE MEN AROUND 50 YEARS OLD?

That's a really important point, so much that we have a project in female leadership development. Why? Because the public sector's work environment in Brazil is too masculine and sexist, but there are exceptions. That's one of the reasons we believe government is less efficient then it could be – because it doesn't embrace diversity, it doesn't understand that diverse people can add different things and that the capacity to deliver doesn't come from hierarchy. But I see that this has been changing a lot lately. I've been feeling this prejudice and sexism less and less. In governments where we operate, I sense open-mindedness, I sense an ease in talking as equals with secretaries, directors and even heads of governments.

ADÃO ITURRUSGARAI

MAIO 2017



MARIO VARGAS LLOSA | ENTREVISTA: **LÚCIA MONTEIRO**

PAÍSES QUE TENTARAM TRAZER O PARAÍSO PARA A TERRA FORAM OS QUE CRIARAM OS PIORES PESADELOS

Exatamente no dia em que o Senado Federal aprovava a abertura do processo de impeachment e o afastamento da presidente Dilma Rousseff, o jornalista e escritor peruano Mario Vargas Llosa concedia uma entrevista na qual reconhecia o impacto da medida, mas a avaliava com otimismo. Um processo saudável de purificação da democracia. O Prêmio Nobel de Literatura acredita ainda que é preciso convencer os jovens de que a política, pode ser uma atividade construtiva para mudar a história e a realidade. E que a sociedade deve ser igualitária apenas como ponto de partida, não de chegada.

PARCERIA | PARTNERSHIP | CÁTEDRA INSPER E INSTITUTO PALAVRA ABERTA

COMO AVALIA O IMPEACHMENT E O AFASTAMENTO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF [*ENTREVISTA CONCEDIDA EM 2016*]?

A destituição de um presidente em qualquer lugar, ainda mais num país tão importante como o Brasil, causa impacto. Mesmo assim, devemos pensar nesse fato com otimismo, porque há uma tentativa de regenerar as instituições e a democracia. Acho que por trás dessa destituição há um protesto contra a corrupção, contra o abuso de poder para enriquecimento ou a manipulação de cifras com o objetivo de favorecer facções políticas. Isso é saudável para um país, principalmente se como consequência a democracia acabar purificada e menos propensa à corrupção.

POR QUE NÃO TEMOS MAIS INTELECTUAIS NA POLÍTICA?

Digamos que exista muita reticência para participar da política, não? A política é vista, principalmente pelas novas gerações, com desprezo, e não como uma atividade generosa, idealista e construtiva. Infelizmente, essa ideia tão negativa da política se estendeu no mundo de hoje não só na América Latina, mas também em países desenvolvidos. Na América Latina, os jovens mais brilhantes e talentosos evitam a política e preferem se dedicar a trabalhos técnicos ou a profissões liberais, porque veem a política com muita desconfiança. Esse é um dos grandes problemas que temos. Precisamos convencer os jovens de que a política pode ser uma atividade idealista, construtiva, e que, por meio dela, podemos mudar a história e a realidade das sociedades, criar oportunidades e trazer modernidade.

CONTE SOBRE SUA ENTRADA NA POLÍTICA. POR QUE DECIDIU CONCORRER À PRESIDÊNCIA DO PERU?

O fato de ter sido candidato foi algo provocado pelas circunstâncias em que o país estava na época, e não tanto por opção. Nunca me interessei pela política profissional. Sempre participei, desde muito jovem, de debates públicos. Acho que isso é obrigação de todo cidadão. Democracia é participação, e não podemos nos isentar de participar da política de alguma forma. Mas não estava em meus planos me dedicar à política profissional. Aconteceu em circunstâncias especiais em que o Peru se encontrava. Acho muito importante que haja uma participação ativa da cidadania como conjunto na vida política, porque se deixarmos a política com os piores, ela nunca terá uma melhora nos níveis intelectual, científico e ético.

COMO ESCRITOR, A POLÍTICA ESTEVE SEMPRE PRESENTE NO ENREDO DE SUAS HISTÓRIAS.

Sim, sem dúvida nenhuma. Comecei minha vida universitária, época em que descobrimos a política, sofrendo a ditadura muito severa e repressiva do general Odría, entre 1948 e 1956. Naquela época, na América Latina, parecia impossível um escritor, um intelectual, virar as costas para a política, pois ela entrava pela janela. Havia ditaduras, censura e muito controle da expressão. Por outro lado, vivíamos em países nos quais a cultura, especialmente a literatura, só chegava a uma minoria, por razões sociais e políticas. Então, os escritores e intelectuais estavam muito motivados a participar do debate público e tentar mudar algo no âmbito político.

ESSE DESINTERESSE QUE MUITOS JOVENS TÊM PELA POLÍTICA PODE EXPLICAR O SURGIMENTO DE FIGURAS POPULISTAS?

Acho importante fazer os jovens se interessarem pela vida política. Pode ser uma tarefa muito criativa e generosa a de transformar a sociedade e levá-la a aproveitar as enormes oportunidades que existem hoje em dia, em qualquer país do mundo, para queimar etapas nos processos de desenvolvimento econômico, cultural e social. O maior problema com os jovens é a indiferença – e até o desprezo – pela política. Esse é um fenômeno tanto em países em desenvolvimento como em países desenvolvidos, é um dos grandes desafios para a democracia funcionar. Sem uma participação ativa, mesmo a política captando os melhores, os elementos mais idealistas, a democracia estará condenada ao fracasso.

FALE UM POUCO DE SEU LIVRO *CINCO ESQUINAS*, SOBRE O FIM DA ERA FUJIMORI.

Era uma época muito difícil, havia terrorismo. A guerra declarada pelo Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Túpac Amaru encheu de mortos a região central, principalmente. Também existia um terrorismo de Estado por meio do exército, dos comandos organizados pelo próprio governo para o combate ao terrorismo. Havia uma delinquência comum que prosperou por muitos anos e que usava a situação política para disfarçar e dar caráter político às suas ações. Tudo isso gerava um ar de muita insegurança e claustrofobia. Muitas das histórias contadas em *Cinco esquinas* não teriam ocorrido sem esse contexto social de enorme tensão, violência, insegurança e incerteza quanto ao futuro.

A SITUAÇÃO QUE O SENHOR DESCREVE SERVE PARA ANALISAR DE FORMA MAIS EXTENSA A QUESTÃO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO E AS PRIVACIDADES?

Sem dúvida. Esse fenômeno é maior que o Peru ou a América Latina, tem mais a ver com cultura do que com jornalismo. O que acontece com a imprensa marrom deriva de um fenômeno que transformou a cultura em entretenimento. Isso tornou irresponsável uma parte dessa atividade profissional, que usa o escândalo como matéria de diversão. É mórbido, mas é muito comum essa curiosidade de querer explorar a privacidade alheia. Isso tinha certos limites no passado, de princípios, moral ou ético, que praticamente sumiram. Não há mais controle, e temos um jornalismo que penetra com total falta de escrúpulos na intimidade, para exibi-la. Se não acham escândalos, inventam. Isso fez uma parte do jornalismo virar fonte de lazer, esquecendo a responsabilidade fundamental de defender a informação livre e a crítica às instituições e aos poderes.

MESMO ASSIM, O JORNALISMO TEM UMA IMPORTÂNCIA ENORME EM SUA VIDA...

Claro! Eu fiz jornalismo praticamente minha vida toda. Comecei muito jovem e nunca parei. Além disso, estou convencido de que a função do jornalismo é indispensável para a cultura democrática dos países. Sem um jornalismo livre e responsável, as instituições seriam ainda piores. A liberdade de expressão se manifesta principalmente pelo jornalismo.

O SENHOR CHEGOU A SER SIMPATIZANTE DA REVOLUÇÃO CUBANA. A QUESTÃO DAS LIBERDADES INDIVIDUAIS FOI FUNDAMENTAL PARA UMA REVISÃO DE SUAS POSIÇÕES?

A minha geração, principalmente, foi muito marcada pela Revolução Cubana e ficou entusiasmada com ela. Parecia ser uma revolução diferente, mais livre e aberta, que iria admitir a existência de um pluralismo em seu seio. Isso entusiasmou os jovens naquela época. Depois, houve um desencanto, a revolução não foi o que esperávamos. Ao contrário, ela adotou um esquema muito rígido, copiado do modelo soviético de autoritarismo, com uma visão dogmática da própria revolução, que eliminou a dissidência e a crítica interna. Em determinado momento, Cuba chegou a ser o modelo que queríamos para todos os países. Hoje em dia, ninguém acha, fora os grupos marginais e fanáticos, que Cuba seja o modelo para nos tirar da pobreza e do subdesenvolvimento. Na Venezuela, o fracasso enorme dessa concepção de um socialismo autoritário é óbvio.

QUE MODELO HOJE SATISFARIA O DESEJO DE BUSCA PELA IGUALDADE?

Temos de abrir mão da ideia de trazer o paraíso à terra, temos que achá-lo nas artes e em tarefas criativas. Talvez possamos alcançar algum tipo de perfeição no âmbito individual, mas a sociedade nunca vai ser perfeita. Ela pode corrigir defeitos e progredir pela cultura democrática. Os países que fizeram isso são os que progrediram mais, mas sem chegar à perfeição. Conseguiram uma melhor qualidade de vida, reduziram a violência nas relações humanas e criaram as sociedades mais respeitáveis de nosso tempo. Esse modelo admite variações, mas não alternativas. Temos de nos conformar em procurar a perfeição em outros campos e não nas visões histórica e social. Nela, a busca do paraíso sempre levou à criação do inferno.

O IDEALISMO QUE GOSTARIA DE VER NAS PRÓXIMAS GERAÇÕES SERIA MAIS PELA DEMOCRACIA DO QUE PELA IGUALDADE?

Sim, pela liberdade e também pela igualdade perante a lei, igualdade de oportunidades, que um mesmo ponto de partida esteja ao alcance de todos, graças à educação, por exemplo. Agora, não o ponto de chegada, porque a verdade é que nós não somos iguais. O que para um pode ser o ideal, para outro pode ser terrível. Os valores, as vocações e as ambições dos seres humanos são muito diferentes. O que importa é que possam se expressar em toda a sua diversidade, e isso não se consegue com um igualitarismo de chegada. Mas o igualitarismo de partida é princípio fundamental na democracia.

COUNTRIES THAT TRIED TO MAKE PARADISE ON EARTH WERE THE ONES THAT CREATED THE WORST NIGHTMARES

In the very same day Congress approved the opening of impeachment procedures against President Dilma Rousseff and her removal from office, Peruvian journalist and writer Mario Vargas Llosa granted an interview, in which he acknowledged the measure's magnitude, but showed optimism about them it: a healthy process to purify democracy. The Nobel Prize of Literature laureate still believes that it's important to convince the youth that politics can be a constructive activity to change reality and history and that society should be egalitarian in regards to people's starting point, and not to their finish line.

HOW DO YOU SEE THE OPENING OF IMPEACHMENT PROCEDURES AGAINST PRESIDENT DILMA ROUSSEF AND HER REMOVAL FROM OFFICE [*THIS INTERVIEW TOOK PLACE IN 2016*]?

A president's destitution causes great impact anywhere, especially in such an important country like Brazil. Nevertheless, we should think about this in an optimistic way, because there's an attempt to renovate institutions and democracy. I think what's behind this destitution is outrage against corruption, against abuse of power with the purpose of making money, against masking figures to benefit political factions. That's healthy for the country, especially if the consequence is that democracy ends up purified and less prone to corruption.

WHY DON'T WE SEE MORE INTELLECTUALS IN POLITICS?

Let's say there's a lot of hesitation to take part in politics, don't you think? Politics is seen, especially by younger generations, with contempt, and not as a generous, idealist and constructive activity. Unfortunately, this very negative view of politicians spreads itself not only in Latin American, but in developed countries too. In Latin America, the brightest and most talented young people avoid politics and choose to devote themselves to technical or liberal professions, because they're suspicious about politics. This is one of the great problems we have. We need to convince the youth that politics can be an idealist, constructive activity through which we can change societies' reality and history, create opportunities and modernize.

TELL US ABOUT YOUR EXPERIENCE WITH POLITICS. WHY DID YOU DECIDE TO RUN FOR PRESIDENT OF PERU?

Running for president was something I was led to by the country's circumstances at the time, it wasn't that much of a choice. I was never interested in professional politics. I always took part of public debate, since I was very young. I think that's a duty every citizen has. Democracy is participation and we can't exempt ourselves of any kind of political participation. But devoting myself to professional politics was not part of my plans. I happened due to Peru's particular circumstances at the time. I think it's very important that there's active citizen participation as a part of political life, otherwise we leave politics to the worst people, and it will never improve in intellectual, scientific and ethical terms.

AS A WRITER, POLITICS HAS ALWAYS BEEN PRESENT IN YOUR STORIES.

Yes, there's no doubt about that. I started my college life, the period when one discovers politics, during the really harsh and repressive dictatorship of general Odría, from 1948 to 1956. Then, it seemed impossible in Latin America for a writer, an intellectual, to turn his back to politics because it was all around. There were dictatorships, censorship and speech wasn't free. On the other hand, we lived in countries where culture, especially literature, reached only a minority, for social and political reasons. So, writers and intellectuals were highly motivated to participate in public debate and try to change something in the political sphere.

CAN THE LACK OF INTEREST THAT A LOT OF YOUNG PEOPLE SHOW TOWARDS POLITICS EXPLAIN THE RISE OF POPULIST CHARACTERS?

I think it's important to get the youth interested in political life. It can be a very creative and generous task: to change society and make it enjoy the huge opportunities there are today, in any country in the world, and leap forward in the process of economic, cultural and social development. The greatest problem of youth today is indifference – even contempt – towards politics. That's a phenomenon in developing countries and developed ones as well. It's one of the greatest challenges that need to be overcome for democracy to work. Without an active participation, politics attracting the best, the most idealistic ones, democracy is bound to fail.

CAN YOU TELL US A BIT ABOUT YOUR BOOK "CINCO ESQUINAS", WHICH DEALS WITH THE END OF THE FUJIMORI ERA?

It was a really difficult time, there was terrorism. The war waged by Sendero Luminoso and the Túpac Amaru revolutionary movement filled the country with dead bodies, especially in the central region. There also was state sponsored terrorism, perpetrated by the army, by the forces organized by the state to fight terrorism. There was an ordinary delinquency that prospered for years and that used the political situation to disguise itself and give its actions a political character. All this created an atmosphere of much insecurity and claustrophobia. Many stories told in "Cinco esquinas" wouldn't have occurred without this social context filled with tension, violence, insecurity and uncertainty in regards to the future.

IS THE SITUATION YOU DESCRIBE HELPFUL IN ANALYZING ISSUES OF FREEDOM OF SPEECH AND PRIVACY IN A MORE ENCOMPASSING MANNER?

There's no doubt about that. This phenomenon is greater than Peru or Latin America. It has more to do with culture than with journalism. What happens with the yellow press comes from a phenomenon that turned culture into entertainment. That made part of this profession irresponsible, the part that uses scandal as a matter of fun. It's morbid, but this curiosity and desire to explore other people's privacy is very common. It faced certain limits in the past, certain moral or ethical principles which have practically vanished. There's no longer control, so we get a sort of journalism that, with absolutely no scruples, intrudes in other people's intimacy to exhibit it. If they can't find real scandals, they make one up. That turned part of journalism into a source of leisure, leaving aside the fundamental responsibility to defend the free flow of information and criticize institutions and power.

NEVERTHELESS, JOURNALISM HAS A HUGE SIGNIFICANCE IN YOUR LIFE...

Of course! I was a journalist for most of my life. I started really young and I never stopped. Besides, I'm convinced that the role of journalism is indispensable to countries' democratic culture. Without free and responsible journalism, institutions would be even worse. Freedom of expression manifests itself mainly through journalism.

YOU SYMPATHIZED ONCE WITH THE CUBAN REVOLUTION. DID INDIVIDUAL LIBERTIES LEAD YOU TO REVISE YOUR POSITION?

My generation was very impressed by the Cuban Revolution and got excited with it. It seemed a different revolution, freer and opener, which would admit pluralism at its bosom. That got people excited back then. Soon after, there came disappointment, the revolution was not what we expected. On the contrary, it adopted a really strict scheme, copied from soviet style authoritarianism, with a dogmatic view of the revolution itself, which eliminated dissidence and internal criticism. At a point, Cuba's model was what we wanted on every country. Nowadays nobody thinks the Cuban model is the one to take us out of poverty and underdevelopment, aside from marginal fanatic groups. In Venezuela, this enormous failure of authoritarian socialism is obvious.

WHAT MODEL WOULD SATISFY THE DESIRE FOR EQUALITY TODAY?

We have to give up the ideia of making paradise on earth, we have to find it in the arts, in creative tasks. Perhaps we can find some sort of perfection in the individual sphere, but society is never going to be perfect. It can correct its defects and progress by way of a democratic culture. Countries that did this are the ones that progressed the most, without reaching perfection. They managed to improve the quality of life, to reduce violence in human relations and created the most respectable societies of our time. This model admits variations, not alternatives. We have to satisfy ourselves in looking for perfection in fields other than society and history. In those fields, the search for paradise has always led to the creation of hell.

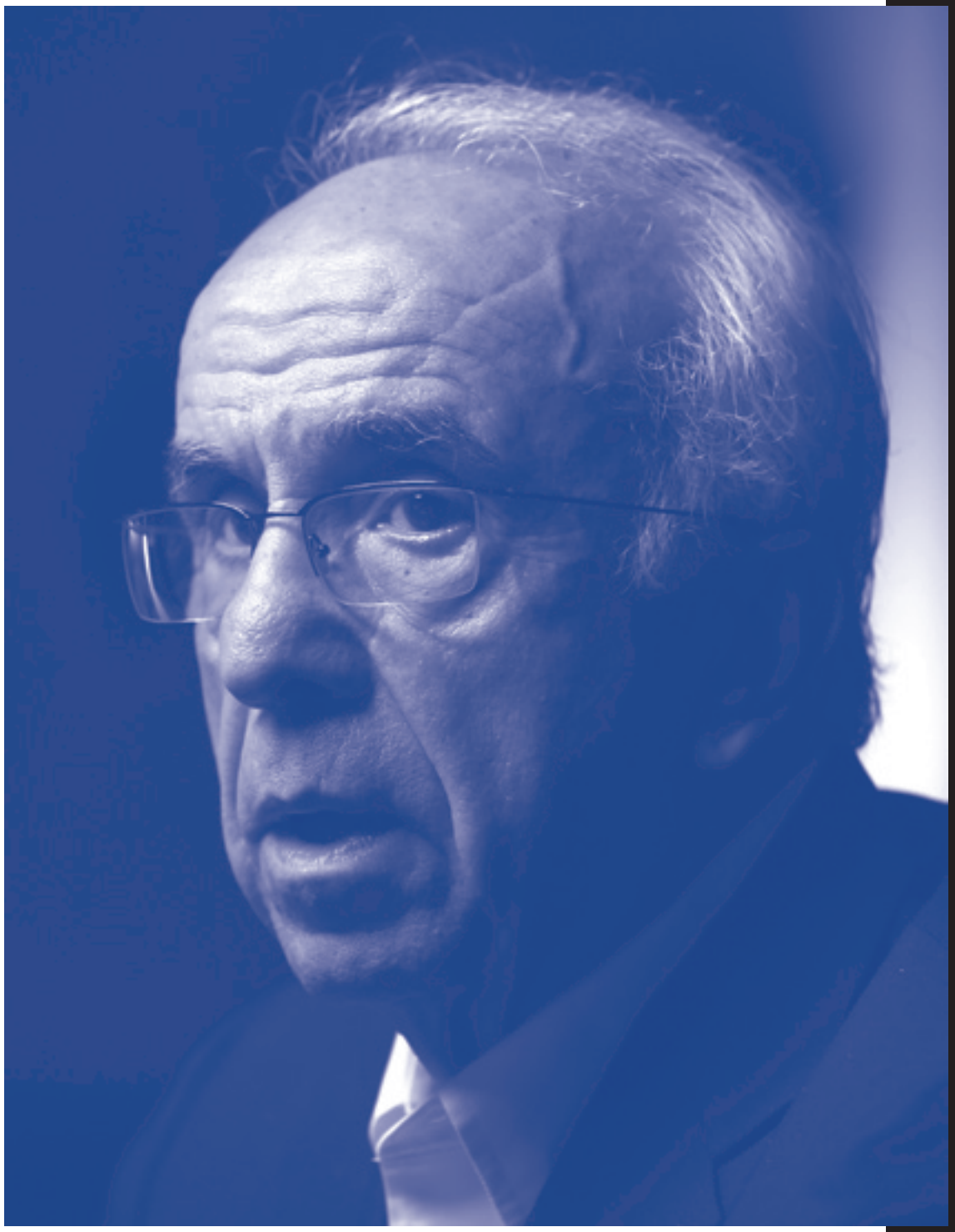
THE IDEALISM YOU WOULD LIKE TO SEE IN THE NEXT GENERATIONS IS MORE CONCERNED WITH DEMOCRACY THAN EQUALITY?

Yes, with liberty and also with equality before the law, equal opportunities, where the same starting point is available to all, thanks to education, for example. But not the finish line, because the truth is that we're not the same. What looks ideal to one, may be terrible to another. Human values, callings and ambitions are very different. What matters is that they can express themselves in all their diversity, and you cannot have that with egalitarianism as finish line. But starting-point egalitarianism is democracy's fundamental principle.

ADÃO ITURRUSGARAI

MAIO 2017

VICENTE FALCONI | DEBATEDORES: **MARIA CRISTINA POLI (MEDIADORA), DUVAL GUIMARÃES, GABRIEL RIBEIRO E GUSTAVO HADDAD BRAGA**



Ao Estado cumpre operacionalizar, executar. Ao governo cumpre dar a direção. Política é direção, não operação

PARCERIA | PARTNERSHIP | BRASA

PARA O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FALCONI CONSULTORES DE RESULTADO, VICENTE FALCONI, NÃO DEVE HAVER DIFERENÇA ENTRE A GESTÃO DE UMA EMPRESA E A DE UM PAÍS. EM AMBOS OS CASOS, SÃO NECESSÁRIOS INDICADORES, METAS E MÉTODOS, POIS, SE NÃO FOR DESSA FORMA, É IMPOSSÍVEL GERENCIAR UMA ESTRUTURA, SEJA ELA QUAL FOR. PARA ISSO, PORÉM, TAL E QUAL NUMA EMPRESA, É PRECISO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO. SEM UMA DIREÇÃO A SEGUIR, O BRASIL NUNCA SABERÁ AONDE QUER CHEGAR.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE A GESTÃO DE UMA EMPRESA E A DE UM PAÍS?

Nenhuma. O que é gerenciar? É atingir metas ou resolver problemas. Se não se tem meta, pode-se fazer tudo, menos gerenciar. Reage-se aos acontecimentos, corre para lá e para cá, mas não gerencia. Gerenciar é ter meta, fazer planos de ação e tomar todas as medidas necessárias para atingir essa meta. Toda a área pública do País ainda sente muito a falta disso. Pergunte a cada funcionário público e a cada ministro, a cada governador, a cada prefeito: quais são suas metas? Pelo menos 90% não têm. Então, veja só: na área educacional do Brasil, foram criados os indicadores Ideb, o Enem e o Pisa (que é internacional). Depois que esses indicadores foram criados, a educação mudou, porque agora todo prefeito sabe como é que está a situação no município dele. Cada diretora de escola sabe como é que está a sua escola comparada às outras. Cada governador sabe como é que está a educação em seu Estado. E começam a ser cobrados por isso. Aí, sim, passa-se a ter gerenciamento. O Ministério da Educação coloca metas sobre o Ideb, sobre o Enem. Isso muda tudo.

OS INDICADORES PODEM ATÉ MELHORAR, NÃO?

Sim, podemos melhorar os indicadores e não estarmos satisfeitos com a velocidade com que as melhorias são feitas. Ninguém duvida de que a educação no Brasil está melhorando. De pouco em pouco, mas está melhorando. Poderia ser mais rápido? Poderia. Agora, nós não temos possibilidade de falar o mesmo sobre saúde e segurança. Sobre este último, talvez um pouquinho em um Estado ou em outro, mas não sinto firmeza. Não tem gerenciamento.

AS METAS SÃO O BALIZAMENTO DE UMA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA PARA CHEGAR AOS OBJETIVOS FINAIS. É ISSO?

Sem dúvida. E tem mais. Por exemplo: é estabelecida meta sobre indicadores. Pelo menos 70% da área pública brasileira não têm sequer indicador. São gráficos para ver se a coisa está indo bem ou mal. Se há uma meta de inflação, então aí existe gestão. Nós sentimos muita falta de tudo isso.

MUITAS VEZES OS DADOS EXISTEM, MAS NÃO HÁ UM FLUXO DESSAS INFORMAÇÕES.

As áreas do Estado brasileiro que são bem organizadas e dispõem de recursos podem criar as coisas. A Receita Federal, por exemplo. Talvez tenhamos sido um dos primeiros países a fazer declaração de imposto de renda totalmente digital. Nessa questão de dados e informações, o governo tem vários sistemas para servir à população. Se não estiver servindo, pode acabar com o sistema e demitir todo mundo. É preciso desenhar o sistema, fazer os fluxogramas, colocar os posicionamentos nas caixinhas... Aí veremos quais são as partes que interagem com o público para criar os primeiros indicadores, que devem ser transparentes.

O INDICADOR DEVE CAPTURAR ALGUMA MEDIDA DE QUALIDADE?

Sim, sempre. Qualidade significa satisfação das pessoas. O indicador está sempre junto das pessoas às quais o sistema está servindo. A população está satisfeita com os serviços de saúde, segurança, educação? O Enem e o Ideb medem o que está acontecendo com quem recebe o produto do sistema. Hoje, de 70% a 80% do que está sendo feito na área de educação são em função de Ideb e Enem.

O ENEM É MUITO CRITICADO COMO INDICADOR, PORQUE TERIA FORTE COMPONENTE DE DOUTRINAÇÃO...

Não é bacana que haja essa discussão? Ela só existe por causa do Enem. Por que essa discussão não existe na área de saúde ou de segurança? É porque não há indicador nenhum. Eu sou fã de um cara chamado René Descartes. Ele criou o método e o utilizou para fazer a revolução na filosofia. Ele falava que a filosofia da época era uma coletânea de opiniões e deveria ser só a verdade. Começando por aí, foi criado o método que nós seguimos. O método é o caminho para chegar à meta, é a essência do gerenciamento. Quem criou o gerenciamento no mundo foi René Descartes, ao criar o método. As pessoas acham que, para gerenciar, basta o bom senso. Para ser presidente da República, basta o bom senso. Não é bem assim. Por isso o Estado é importante, para treinar as pessoas a trabalhar com metas e com método.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE ESTADO E GOVERNO?

O Estado são os funcionários públicos definitivos e que permanecem no governo. Vou dar um exemplo: a Polícia Federal é uma organização de Estado, não deve ser influenciada pelo governo. Receita Federal é uma organização de Estado. Ministério Público, também. Deveríamos ter todo o corpo do Ministério da Saúde como uma organização de Estado, com carreiras estabelecidas, regulamentos e leis. Eu defendo que em nossos ministérios o secretário-executivo seja um cargo de carreira de Estado, e o ministro seja um cargo de governo. O governo, na verdade, deveria ser pequeno: o presidente, o ministro da Casa Civil, poucas pessoas. O grosso deveria ser Estado.

QUAL É O PAPEL DE CADA UM DOS GOVERNANTES ELEITOS E DO ESTADO ATUALMENTE?

Ao Estado cumpre operacionalizar, executar. Ao governo cumpre dar a direção. Política é direção, não operação. Por exemplo, o Estado está sendo direcionado, está sendo governado por políticos de direita. Eles têm certas prioridades. Estabelecem as metas do partido e o Estado vai naquela direção. O mesmo acontece se um governo de esquerda é eleito, como foi o caso dos Estados Unidos quando o Obama foi eleito. Ele determinou um programa de saúde, levou para o Congresso e o aprovou. Ele fez a coisa andar naquela direção. Política é direção. Estado é execução.

ONDE ENTRA O CONGRESSO NESSE CENÁRIO?

Nós temos três poderes. O Executivo e o Legislativo, eleitos pelo povo, e o Judiciário, que são pessoas indicadas, mas de alto conhecimento, aprovadas pelo Senado. O Brasil é governado por esses três Poderes. Nós estamos vendo hoje, por exemplo, o Poder Judiciário tomando decisões vitais na governança do País. O Legislativo, como o próprio nome diz, cuida das leis do Brasil, que têm de ser obedecidas por todos. Essas leis são zeladas pelo Judiciário. Tudo dentro do equilíbrio. Mas temos muitas coisas erradas. Por exemplo, quem foi eleito para ser senador não precisa ficar pensando em ser ministro. Isso enfraquece o Senado, porque quem vai substituí-lo não foi eleito. Dizem que 30% do Senado são assim. São substitutos, suplentes. Parentes ou financiadores de campanha. Não está certo.

É PRECISO MUDAR O SISTEMA POLÍTICO?

Certa feita, Roberto Campos falou o seguinte: "A reforma política é a mãe de todas as reformas. Enquanto não a fizermos, não vamos resolver o problema do País". Houve um ensaio de se realizar uma reforma política que não deu em nada. Só fizeram perfumarias, não foram na essência da representatividade. Eu acho o seguinte: existe essa dificuldade, há problemas na área econômica, na Previdência Social, de correção do salário mínimo etc. Existem vários problemas decorrentes da Constituição de 1988. Talvez a melhor coisa fosse eleger uma Assembleia Constituinte.

FALTA PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO?

Perfeitamente. O Brasil não tem planejamento estratégico como um todo para as próximas décadas – o ideal seria 20, 30, 40, 50 anos. Olhar o Brasil para frente e levar em conta nesse planejamento uma determinada taxa de crescimento. A economia deveria ser gerenciada em função disso, levando em conta todas as modificações de clima, do perfil demográfico da nossa população, com provável redução da população jovem. De quanto precisaremos de energia? De que tipo? Alguém pode questionar: "Mas quem é que vai prever o futuro?". Todo planejamento em longo prazo é imperfeito. Todo mundo sabe disso. As empresas também sabem, mas é preferível que se tenha pelo menos um rumo. Agora, o que não pode é governar o País ao sabor dos acontecimentos.

THE STATE IS CHARGED WITH OPERATION, EXECUTION. GOVERNMENT SHOULD GIVE THE DIRECTION. POLITICS IS DIRECTION, NOT OPERATION

For Vicente Falconi, president of the Board of Administration of Falconi Consultores de Resultado, there shouldn't be any difference between managing a country and a company. In both cases, indicators, targets and methods are needed, otherwise, it's impossible to manage any structure, whatever it is. To have that, however, it takes strategic planning, just like in any company. Without a direction to follow, Brazil will never know where it wants to get.

WHAT'S THE DIFFERENCE BETWEEN MANAGING A COUNTRY AND A COMPANY?

None. What's management? It's reaching targets and solving problems. If you have no target, you can do anything but manage. You'll just react to what's happening, running around, but not managing. Management is having a target, making plans of action and taking all the measures needed to reach the target. The Brazilian public sector as a whole still lacks this. Ask each public servant and each secretary, each governor, each mayor: what are your targets? At least 90% of them have none. So, look at this: in Brazil's education we have three indicators: Ideb, Enem and Pisa (which is international). After these indicators were adopted, education changed, because now every mayor knows what the situation is in his town. Every school director knows how his school is doing compared to others. Every governor knows how education is doing in his state. And they start to be demanded about this. And that's how you start to manage. The Department of Education sets targets in terms of Ideb and Enem scores. That changes everything.

INDICATORS CAN BE IMPROVED, DON'T YOU THINK?

Yes, we can improve indicators and not be satisfied with the speed in which improvements are being made. Nobody doubts that education is getting better in Brazil. Little by little, but is getting better. Could it be faster? It could. But we can't say the same about healthcare and law enforcement. On this last topic, perhaps there's some management in one state or another, but I'm not so sure. In general, there's no management.

TARGETS ARE THE WAY FOR THE PUBLIC SECTOR TO REACH ITS ULTIMATE GOALS, IS THAT IT?

There's no doubt about that. And there's more. For example: you establish a target for indicators. At least 70% of the Brazilian public sector lacks even indicators. Just some graphics to see if things are doing well or not. If there's inflation target, then there's management. We lack all this.

MANY TIMES THE DATA EXISTS, BUT IT DOESN'T FLOW.

Brazilian government areas that are well organized and have available resources can create things. The IRS, for example. It's possible that we are one of the first countries in the world to have a fully digital income tax return. In regards to data and information, the government has several systems which can serve the population. If it's not useful, you can just terminate the system and fire everybody. You need to draw the system, draw the flow chart, put the positions in the boxes... Then we can see which parts interact with the public and create the first indicators, which need to be transparent.

DOES THE INDICATOR HAVE TO CAPTURE SOME MEASUREMENT OF QUALITY?

Yes, always. Quality means people are satisfied. The indicator is always on the system users' side. Is the population satisfied with healthcare, law enforcement and education services? Enem and Ideb measure what's happening with the system's users. Today, between 70% and 80% of what's being done in education is due to Ideb and Enem.

ENEM IS A REALLY CRITICIZED INDICATOR, BECAUSE IT SUPPOSEDLY HAS A STRONG COMPONENT OF INDOCTRINATION.

Isn't it nice that we're having this discussion? It only exists because of Enem. Why doesn't a discussion like this happen in healthcare or law enforcement? It's because there are no indicator in these areas. I'm a fan of a guy named René Descartes. He created a method and utilized it to revolutionize things in philosophy. He said that the philosophy of his time was just a bunch of opinions when it should contain only the truth. Starting from this observation, he created the method we follow. The method is a way to reach the target, it's the essence of management. Who brought management to the world was René Descartes, when he created this method. People think that, in order to be a good manager, common sense is enough. To be president of a country, common sense is enough. That's not quite right. That's why the state is important, to train people to work with targets and method.

WHAT'S THE DIFFERENCE BETWEEN THE STATE AND THE GOVERNMENT?

The state encompasses permanent public servants that don't go away when the administration changes. I'll give you an example: the Federal Police is a state organization, it's not supposed to be influenced by the government. The IRS is also a state organization. So is the Public Ministry. The Ministry of Healthcare should be a state organization, with established careers, regulations, and laws. I defend the ideia that, in our ministries, the executive-secretary [*the minister's right hand*] should be a regular position for public servants, while the minister should be politically appointed. The government should really be small: the president, the chief-of-staff, and a small group of people. The state should encompass all the rest.

WHAT ARE THE ROLES OF ELECTED OFFICIALS AND THE STATE'S NOWADAYS?

The state is charged with operation, execution. Government should give the direction. Politics is direction, not operation. For example, the state is being driven, governed by right-wing politicians. They have certain priorities. They establish their party's targets and the state moves in that direction. The same happens when a left-wing party gets elected, like what happened in the US when Obama got elected. He decided for a certain healthcare bill, he took it to Congress, and he got it approved. He made things move in that direction. Politics is direction. State is execution.

WHERE DOES CONGRESS ENTER IN THIS VIEW?

We have three branches in government. The executive and legislative branches, which are elected by the people, and the judiciary one, which is made of appointed yet knowledgeable people, which are approved by the Senate. Brazil is governed by these three branches. Today, for example, we see the judiciary making crucial decisions for the country's governance. The legislative, as the name says, takes care of Brazilian laws, which have to be obeyed by all. Those laws are looked after by the judiciary. Everything is balanced. But there are a lot of mistakes. For example, who's elected for Senate shouldn't aspire to be minister. That weakens the Senate, because who's going to replace him wasn't elected. I heard that 30% of Senate seats are occupied this way. They are occupied by surrogates. They're relatives, donors. That's not right.

DO WE NEED TO CHANGE THE POLITICAL SYSTEM?

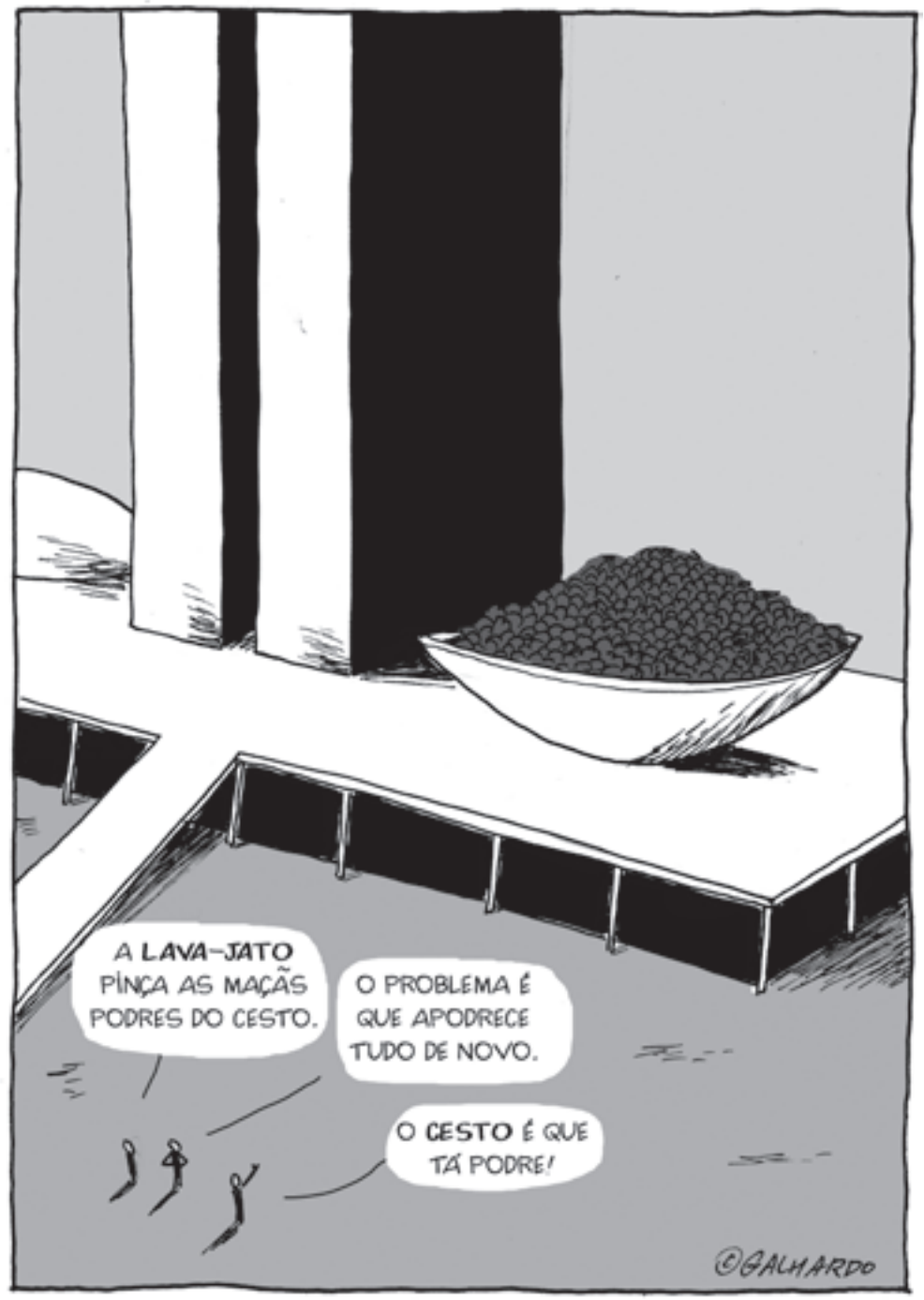
Roberto Campos said the following once: "Political reform is the mother of all reforms. Until we get it done, we won't be able to fix the country's problems." There was an attempt to get a political reform done that didn't succeed. All they did was tinker with the system, they didn't get to the heart of the system of representation. This is what I think: there are a lot of problems, in the economy, in social security, in the minimum wage policy, etc. There are a lot of problems that flow from the 1988 Constitution. Perhaps the best we could do is to have another Constituent Assembly.

THE COUNTRY LACKS STRATEGIC PLANNING?

Yes, precisely. Brazil lacks strategic planning for the next decades – the ideal would be to have such a plan for 20, 30, 40, 50 years. To imagine where the country will be in the future and take into account in this plan a certain growth rate. The economy should be managed with this in sight, taking into account all the shifts in the environment, changes in demographics, including the likely reduction of the younger segments of the population. How much electricity do we need? From what source? Someone may question: "But who's going to predict the future?" Every long-term plan is imperfect. Everybody knows that. Companies know it too, but it's better to at least have a direction. What we cannot have is the government responding to events as they happen.

CACO GALHARDO

MAIO 2017



ANDRÉS VELASCO | ENTREVISTA: **ÉRICA FRAGA**

O BRASIL ESTÁ EM UMA BAGUNÇA FISCAL, E ISSO É RUIM PARA O CRESCIMENTO, REQUER UM GRANDE AJUSTE. É UMA DAS CAUSAS, NÃO A ÚNICA, DE O PAÍS ESTAR AFUNDANDO NOS ÚLTIMOS DOIS OU TRÊS ANOS

As políticas fiscais adotadas ao longo dos anos são um problema antigo que precisa de ajustes e uma das causas da crise econômica brasileira, defende o chileno Andrés Velasco, economista, professor da Escola de Relações Internacionais e Políticas Públicas da Universidade Columbia e ex-ministro da Fazenda do Chile. Para ele, o momento é ideal para rever o papel do Estado no desenvolvimento econômico, a qualidade da educação e o sistema eleitoral, e, enfim, mudar as políticas do País.

PARCERIA | PARTNERSHIP | COLUMBIA GLOBAL CENTERS | RIO DE JANEIRO

NO MEIO DOS ANOS 2000, SUA PESQUISA CONCLUIU QUE OS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA SE COMPORTARAM RELATIVAMENTE BEM EM COMPARAÇÃO A CICLOS DE COMMODITIES PASSADOS, NO SENTIDO DE QUE NÃO GASTARAM DEMAIS. O QUE ACONTECEU APÓS O FIM DO CICLO DE COMMODITIES? AINDA ACREDITA QUE OS PAÍSES SE COMPORTAM BEM EM TERMOS FISCAIS?

Sim e não. A conquista que mencionou é que o ciclo recente não foi tão mal quanto o anterior com relação à política fiscal. O problema é que quando commodities baratas são produzidas, ninguém quer emprestar para você. Quando, de repente, sobe o preço de qualquer commodity, você tem mais dinheiro e é mais solvente, então todos querem emprestar para você. Historicamente, quando acontece uma alta repentina das commodities, há uma alta nos gastos e no crédito. Qual é o problema? Que essas altas terminem e países acabem com muitas dívidas. O ajuste precisa ser muito agudo e abrupto, e isso é ruim para o crescimento, para as ações, para o padrão de vida. Muitos países, inclusive na América Latina, foram um pouco mais cuidadosos com as políticas fiscais, monetárias e financeiras. Qual é o problema? Poucos países economizaram o suficiente durante a alta para acabar com a dívida. O Brasil é um bom exemplo disso. Hoje a dívida é mais em reais e menos em dólares, o que ajuda. Mas, após a alta, o Brasil ainda tinha uma dívida pública muito grande. O outro problema é que, quando a grande crise financeira começou em 2008, 2009, o Brasil tentou colocar em prática uma política fiscal anticíclica, o que é uma boa ideia. O problema é que, por definição, políticas anticíclicas precisam ser temporárias. Quando a crise começa, gasta-se mais; quando a crise termina, gasta-se menos. O Brasil continuou gastando em 2010, 2011, 2012, 2013... E a consequência é muito clara: está em uma bagunça fiscal, e isso é ruim para o crescimento, requer um grande ajuste. É uma das causas (não a única) de o Brasil estar afundando economicamente nos últimos dois ou três anos [*entrevista concedida em 2016*].

QUAIS PAPÉIS ESSAS EXPANSÕES E POLÍTICA FISCAL TIVERAM NA ATUAL RECESSÃO?

É provavelmente a principal causa em dois sentidos. Primeiro, um problema antigo, o Brasil tem taxas de juros altíssimas porque não tem economias suficientes. Se quer crescer, precisa de empréstimo no exterior. O Estado e as empresas fazem empréstimos no exterior até chegar a um ponto em que a situação

externa é fraca e o déficit atual, grande. Os banqueiros e o mercado internacional se assustam, param de emprestar, e temos uma parada repentina. A outra causa é que os investidores olham para os números, percebem que a dívida no Brasil é muito grande, que há uma fragilidade evidente, criando incertezas e diminuindo o investimento. Somando as duas coisas, o resultado óbvio é que se tem um período de alta e, em seguida, de queda aguda. Mas é preciso acrescentar outras coisas. As políticas industriais adotadas são mal pensadas.

VOCÊ ACHA QUE AS MEDIDAS DESTE GOVERNO [*DE MICHEL TEMER*] PARA CONSERTAR A ECONOMIA SÃO CORRETAS?

Vamos começar com duas duras realidades. Primeira: o Brasil está em uma crise fiscal e, consequentemente, algo deve ser feito. Podemos discutir os detalhes da solução, mas uma atitude radical deve ser tomada. Segunda: o Brasil não tem credibilidade para seguir o que seria a melhor política. Seria melhor ter um sistema, um tipo de instituição, que permita que o País gaste mais hoje em troca de gastar menos no futuro.

COMO TEM O CHILE...

Como o Chile e outros países. Isso requer regras e instituições fiscais que o Brasil não tem. Também requer um grau de credibilidade e estabilidade no sistema político. Conter os gastos, algo que se crie um limite rigoroso por 20 anos, é a política ideal? Não. Claramente seria melhor ter uma regra mais sofisticada em que o limite seja a média, mas que permita períodos de déficit mais acentuado e períodos de superávit. Agora, pode ser que em dois ou três anos, quando a situação estiver mais estável, cogite-se mudar para uma regra mais sofisticada? Sem dúvida. Mas é muito difícil antever no curto prazo.

EXISTE UM PAPEL PARA O ESTADO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO?

Certamente, porque, em primeiro lugar, crescer precisa ser uma prioridade não só do setor privado, mas também do público. Em segundo lugar, existem falhas de mercado que o governo deve ajudar a corrigir e bens públicos que precisa fornecer. Existe um papel para o governo em todo país que cresce. O problema com o Brasil é que o desejo é de não apenas evitar as falhas de mercado, mas também as do governo. Tem um artigo do economista de Harvard Dani Rodrik em que ele diz que parte do sucesso na Ásia tem a ver com um Estado que é suficientemente separado das políticas de curto prazo, do lobby comercial, de forma que ele possa dar apoio, mas também retirar suporte. Esse tipo de coisa não acontece no Brasil. Dá à política industrial, que é uma boa ideia, uma má fama.

ACREDITA QUE EXISTAM FATORES CULTURAIS QUE EXPLIQUEM POR QUE ALGUNS PAÍSES CONSEGUEM ADOTAR POLÍTICAS?

Não acredito que o problema seja cultural. O motivo de alguns países conseguirem fazer isso é que eles têm regras, instituições e procedimentos para criar e, também, extinguir a política industrial. O que eu recomendaria para o Brasil, e para a América Latina em geral, é criar uma instituição que tenha legitimidade política, credibilidade técnica e mandatos de longo prazo, e permitir que estas pessoas montem o tipo de infraestrutura necessária para cada setor.

ACHA QUE SERÁ MAIS DIFÍCIL AVANÇAR COM REFORMAS NESTE CONTEXTO INTERNACIONAL APARENTEMENTE MAIS DESAFIADOR, COM A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP NOS ESTADOS UNIDOS?

Torna a situação mais difícil, mas a inovação política é mais urgente. Quando o mundo cresce rapidamente, e o preço das commodities está muito alto, países latino-americanos crescem independentemente do que se faça. O fato marcante dos últimos 15 anos é que países com boas políticas cresceram, bem como países com políticas terríveis. Agora o mundo cresce mais devagar. O Brasil terá de fazer mais para ficar no mesmo lugar. Precisamos nos preocupar também com o setor de serviços local. Se não está exportando muito, a economia doméstica precisa crescer mais e os serviços podem ajudar.

QUAL É O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO?

Pessoas instruídas têm vidas melhores, são melhores cidadãs, mais engajadas, fazem escolhas melhores em uma democracia. Tem um artigo de outro economista de Harvard, o Lant Pritchett, cujo título é "Para onde foi toda a educação?" – em muitos países vemos os anos de escolaridade subindo, e a produtividade estável. Importa não só a quantidade, mas também a qualidade da educação. Para a produtividade aumentar, precisa-se também de um mercado que utilize essas habilidades. A menos que exista a demanda, acaba com jovens muito frustrados que se formam para uma carreira e acabam trabalhando em outra coisa.

VÊ ALGUM DESENVOLVIMENTO POSITIVO AQUI?

Em alguns sentidos. Fui encorajado pela fala recente do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele disse que, antigamente, em crises políticas no Brasil, todos sabiam o nome dos generais, hoje só sabemos o nome dos juízes. Revela que as instituições políticas estão mais maduras, que promotores e juízes têm mais espaço para trabalhar e que o Brasil tem uma imprensa muito mais ativa e livre, um eleitor muito mais sofisticado. Qual é o desafio? Tirar as lições certas e realizar mudanças. Não é possível manter um sistema político com a quantidade de fragmentação que o Brasil tem. O País provavelmente precisa mudar para um sistema majoritário ou um sistema eleitoral menos proporcional; mudar as leis para fundação de partidos e leis de financiamento de campanhas. Provavelmente será preciso mudar as regras de interação entre as esferas federal e estadual.

ENTÃO A CRISE PODE SER POSITIVA?

Quando há uma confusão política, como atualmente no Brasil, talvez haja espaço para dizer: a Constituição de 1988 foi um avanço, mas também proporciona todo o tipo de mecanismos e incentivos errados, que não favorecem a construção de consenso, a construção de maioria. Precisamos fazer mudanças políticas profundas. Este é o momento ideal para fazer isso.

> BRAZIL IS IN A FISCAL MESS, AND THAT'S BAD FOR ECONOMIC GROWTH, IT DEMANDS A BIG ADJUSTMENT. IT'S ONE OF THE CAUSES, THOUGH NOT THE ONLY ONE, WHY THE COUNTRY HAS BEEN SINKING IN THE LAST TWO OR THREE YEARS

Fiscal policies adopted throughout the years are a long-standing problem that demands adjustments and are one of the causes of the Brazilian economic crisis, claims Andrés Velasco, an economist and former finance minister of Chile who teaches at the University of Columbia School of International and Public Affairs. For him, the moment is ideal to rethink the state's role in fostering economic development, education quality, the electoral system and, at last, change the country's policies.

HALF WAY THROUGH THE FIRST DECADE OF THE 2000S, YOUR RESEARCH FOUND THAT LATIN AMERICAN COUNTRIES WERE BEHAVING FAIRLY WELL IN COMPARISON TO THE WAY THEY BEHAVED DURING PREVIOUS COMMODITY BOOMS, IN THE SENSE THAT THEY WEREN'T SPENDING TOO MUCH. WHAT HAPPENED AFTER THE END OF THE COMMODITY BOOM? DO YOU STILL BELIEVE THOSE COUNTRIES HAVE A GOOD FISCAL BEHAVIOR?

Yes and no. The accomplishment you mentioned is that the latest boom was not as bad as the previous one regarding fiscal policy. The problem is that when cheap commodities are produced nobody lends you any money. When, all of a sudden, any commodity price goes up, you have more money and become solvent, so everybody wants to lend you money. Historically, when there's a sudden commodity boom, spending and credit go up. What's the matter? Those booms come to an end and the countries end up in a lot of debt. The adjustments need to be steep and abrupt, and that's bad for growth, for the stock market, for the standards of living. Many countries, Latin American ones included, were a bit more careful in their fiscal, monetary and financial policies. What's the matter? Few countries saved enough during the boom to pay back all their debt. Brazil is a good example. Today, Brazilian debt is mostly in reais than in dollars, and that helps. But, after the boom, Brazil still had a really large public debt. The other problem is that when the financial crisis hit in 2008, 2009, Brazil tried to put in practice an anti-cyclical fiscal policy, which is a good ideia. The problem is that, by definition, anti-cyclical fiscal policies need to be temporary. When the crisis hits, you spend more; when the crisis ends, you cutback spending. Brazil continued to spend too much in 2010, 2011, 2012, 2013... The consequence is clear: there's a fiscal mess, and that's bad for economic growth, it demands a big adjustment. It's one of the causes, though not the only one, why the country has been economically sinking in the last two or three years. [*Interview given in 2016*]

WHAT PART DID THIS FISCAL EXPANSION PLAY IN THE CURRENT RECESSION?

It's likely the main cause for it in two aspects. First, there's this old problem: Brazil has sky-high interest rates because it lacks savings. If it wants to grow, it needs foreign loans. The state and the companies get foreign loans up to a point when their foreign positions are weak and current deficit is large. Foreign bankers and markets get frightened, cease to lend money, and there's a sudden break in the flow of money. The other cause is that investors look at the figures and realize that Brazil's debt is too big, there's an obvious weakness, which creates uncertainty and diminishes investment. Adding up both things, the obvious result is a boom period followed by a sharp decline. But there are other factors that need to be added. Industrial policies are ill-thought.

DO YOU STILL CONSIDER THE MEASURES THE CURRENT ADMINISTRATION [*MICHEL TEMER'S*] IS TAKING TO FIX THE ECONOMY ARE THE RIGHT ONES?

Let's start with two harsh realities. First: Brazil is in a fiscal crisis and therefore something ought to be done. We can argue about the details, but radical measures must be taken. Second: Brazil has no credibility to adopt what otherwise would be the best policy. That would be

to have some sort of system, institution that would allow the country to spend more today provided it cuts spending in the future.

LIKE CHILE HAS...

Like Chile and other countries have. This demands fiscal rules and institutions Brazil doesn't have. It also demands a level of credibility and stability in the political system. Is cutting expenditure through a harsh 20-year limit the ideal policy? No. Cleary it would be better to have a more sophisticated rule that sets average spending as the limit, but allows for periods of steeper deficits and surpluses. Is it possible that in two or three years, when the situation is more stable, the adoption of a more sophisticated rule is discussed? There's no doubt about that. But it's really hard to foresee anything in a short term.

DOES THE STATE HAVE A ROLE IN FOSTERING ECONOMIC DEVELOPMENT?

Certainly, because, in the first place, growth must be not only a private sector priority, but also a public sector one. In the second place, there are market failures the government should help to solve and there are public goods that need to be provided. The state has a role in every country going through economic growth. The problem is that Brazil needs to avoid market failures, but also government ones. In a recent article, the Harvard economist Dani Rodrik wrote that part of Asia's success has to do with having a state that's sufficiently detached from short-term policies and the trade sector's lobby, which allows it to lend support to this sector but also to withdraw it. This sort of stuff doesn't happen in Brazil. This gives industrial policy, which is a good idea, a bad name.

DO YOU BELIEVE THERE ARE CULTURAL ASPECTS THAT EXPLAIN SOME COUNTRIES' ABILITIES TO ADOPT SUCCESSFUL POLICIES?

I don't believe the problem is in culture. The reason why some countries manage to do this is the fact that they have rules, institutions and procedures to create and also to terminate industrial policies. What I would recommend to Brazil, and Latin America in general, is to create an institution that has political legitimacy, technical credibility and long-term mandates, and allow these people to build the kind of infrastructure each sector needs.

DO YOU THINK IT'S GOING TO BE HARDER TO GO FORWARD WITH REFORMS IN THIS SEEMINGLY MORE CHALLENGING INTERNATIONAL SCENARIO, WITH THE ELECTION OF DONALD TRUMP IN THE UNITED STATES?

It makes things harder, but political innovation is more pressing. When the world is growing fast and commodity prices are sky-high, Latin American countries grow regardless of what their governments are doing. The striking fact is that during the last 15 years countries with good policies grew as much as countries with awful ones. Now the world is growing slower. Brazil is going to have to make a change to stand still. We also need to worry about the local service sector. If the country is not exporting enough, the domestic economy needs to grow faster and the service sector can help.

WHAT ROLE DOES EDUCATION PLAY IN FOSTERING ECONOMIC GROWTH?

Educated individuals live better lives, are better citizens, are more politically involved, make better choices in a democratic polity. There's an article from another economist at Harvard, Lant Pritchett, whose title reads "Where did all of education go?" – in a lot of countries we see the number of years in school going up and productivity staying the same. Not just the quantity, but also the quality of education matters. For productivity to increase there must be a market that puts skills into work. Unless there's this demand, you're going to end up with a lot of frustrated young people who are getting their degrees in something to work with something else.

DO YOU SEE ANY POSITIVE DEVELOPMENT IN BRAZIL?

In some aspects. I was encouraged by former president Fernando Henrique Cardoso's recent talk. He said that, in the old days, during political crises in Brazil, everybody knew the name of the generals. Nowadays we only know the names of the judges. This shows that political institutions are more mature, that public prosecutors and judges have more room to work in and that Brazil has a much more active and freer press, and much more enlightened voters. What's the challenge? To learn the right lessons and to make the right changes. It's not possible to keep a political system as fragmented as Brazil's. The country will probably have to change to a majoritarian or a less proportional electoral system; it will have to change the laws regarding the creation of new political parties and campaign finance. It will probably have to change the rules that guide the interaction between the states and the federal government.

SO THE CRISIS CAN BE POSITIVE?

When there's such a political mess as there's now in Brazil, there may be some room to say: the 1988 Constitution was an achievement, but it also provides all types of wrong mechanisms and incentives, that do not foster consensus building and majority building. We need to make deep political changes. That's the right moment to do it.

JEAN GALVÃO

MAIO 2017

SÉRGIO MORO | ENTREVISTA: **GUILHERME BAROLI** • **PAULO GALVÃO** | ENTREVISTA: **ANDRÉ ROCHA DELTAN DALLAGNOL** | ENTREVISTA: **FERNANDO SACCO**

É uma oportunidade para o Brasil enfrentar, de uma forma séria, a corrupção sistêmica e, quem sabe, conseguir sair dela

SÉRGIO MORO

PARCERIAS | PARTNERSHIPS | COLUMBIA GLOBAL CENTERS
RIO DE JANEIRO E BRAZIL CONFERENCE

MAIOR OPERAÇÃO CONTRA A CORRUPÇÃO NO BRASIL, A OPERAÇÃO LAVA JATO TEVE INÍCIO EM 2009, COM A INVESTIGAÇÃO SOBRE CRIMES DE LAVAGEM DE DINHEIRO RELACIONADA AO EX-DEPUTADO FEDERAL JOSÉ JANENE, EM LONDRINA (PR). DESDE ENTÃO, VEM ATINGINDO O UNIVERSO POLÍTICO BRASILEIRO DE FORMA AVASSALADORA, COM DESDOBRAMENTOS QUE NÃO PARAM DE SURPREENDER A NAÇÃO. ESSE PROCESSO É ABORDADO NESTAS ENTREVISTAS COM TRÊS DOS PRINCIPAIS ATORES DA OPERAÇÃO: O JUIZ SÉRGIO MORO E OS PROCURADORES PAULO GALVÃO E DELTAN DALLAGNOL.

O SENHOR ACREDITA QUE A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA, SOMADA AO COMBATE À CORRUPÇÃO, COLOCA-NOS EM UM MOMENTO DE REVISÃO DE NOSSOS VALORES COMO SOCIEDADE?

SÉRGIO MORO – Os brasileiros têm presente a importância da democracia e do Estado de Direito, mas esses fatos da investigação indicam que, na prática, muita gente estaria burlando essas regras, e isso gera indignação popular. Os brasileiros percebem cada vez mais intensamente a importância desses valores democráticos. Então, vejo a operação como uma oportunidade para o fortalecimento da democracia e do Estado de Direito no Brasil.

A LAVA JATO TEM GERADO FORTES REAÇÕES NÃO SÓ EM RAZÃO DOS NOMES DOS ENVOLVIDOS, MAS SOBRETUDO PELA EXTENSÃO DO CASO. O SENHOR ACREDITA QUE A APROVAÇÃO DA POPULAÇÃO TEM SIDO UM FATOR CRUCIAL DE APOIO?

SÉRGIO MORO – Sim. Evidentemente que o juiz, ao julgar qualquer caso, vai considerar a prova e não a opinião pública, porque tem que se absolver mesmo diante da vontade contrária da opinião pública. Mas ela é importante para prevenir qualquer tentativa de obstrução da Justiça.

APESAR DO COSTUME EM CRITICAR A CORRUPÇÃO E O PRÓPRIO PAÍS, INCLUSIVE DIANTE DE UMA OPERAÇÃO QUE TEM COLOCADO CORRUPTOS PODEROSOS NA CADEIA, UMA PARTE DA POPULAÇÃO DEPÕE CONTRA ELA. COMO O SENHOR AVALIA ESSE COMPORTAMENTO?

SÉRGIO MORO – Toda atuação de qualquer autoridade pública está sujeita à crítica. Sempre haverá pessoas insatisfeitas, mas muitas vezes isso é resultado de má informação. Também se divulga muita declaração falsa, e muitas vezes se tenta colocar cores partidárias no caso, e infelizmente algumas pessoas são convencidas a esse respeito.

O SENHOR ACREDITA QUE O LEGADO DESSA FORÇA-TAREFA POSSA MUDAR O CURSO DO PAÍS NA RELAÇÃO ENTRE PÚBLICO E PRIVADO?

SÉRGIO MORO – É muito difícil saber exatamente o que vai acontecer no futuro, mas dá ao Brasil uma oportunidade,

porque houve em vários casos já julgados uma resposta institucional adequada. Não só esse caso. O mensalão foi julgado pela Suprema Corte, hoje existem outras investigações relevantes espalhadas. Então, é uma oportunidade para o Brasil enfrentar, de uma forma séria, a corrupção sistêmica e, quem sabe, conseguir sair dela.

EM ENTREVISTA AO CANAL UM BRASIL, O EX-MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL AYRES BRITTO FALOU SOBRE AS DIVERSAS CRISES PELAS QUAIS O BRASIL PASSA. ELE ACREDITA QUE O PAÍS TEM JEITO. QUAL A MENSAGEM PARA AS PESSOAS QUE NÃO ACREDITAM NISSO?

SÉRGIO MORO – Acho que o Brasil tem muito jeito, temos uma história belíssima, estamos hoje numa democracia robusta, com problemas econômicos, mas é impossível acreditar que exista um destino trágico para o País. Ao contrário, até esse enfrentamento da corrupção mostra que o Brasil tem algum motivo para se orgulhar, como teve no passado, em relação a outros casos.

UM DOS DESTAQUES DA OPERAÇÃO LAVA JATO É A DELAÇÃO PREMIADA, DA QUAL O SENHOR É DEFENSOR...

PAULO GALVÃO – No caso da corrupção, a vítima não sabe que é vítima, não sabe que sofreu aquele crime, então é necessário quebrar o pacto de silêncio que existe entre as pessoas. Uma das maneiras mais eficazes no mundo inteiro de se fazer isso é por meio de acordos de colaboração premiada. Fazemos um balanceamento do interesse público, e é claro que temos ali uma pessoa que terá uma pena menor, porém, está possibilitando que a investigação chegue a outras pessoas. Além disso, está permitindo que se amplie o campo de onde se pode buscar o ressarcimento aos cofres públicos.

VOCÊ ACREDITA QUE O COMBATE À CORRUPÇÃO NO BRASIL TENHA ALGUMA RELAÇÃO COM A MOROSIDADE DO JUDICIÁRIO?

PAULO GALVÃO – Há uma relação estrutural, que é o grande número de processos para uma quantidade pequena de juízes. Mas há também um elemento do nosso sistema processual que permite que pessoas com poderes econômico e político se valham de brechas para tentar manipulá-lo. E talvez a forma mais eficaz de manipulação seja justamente jogando com a morosidade do Judiciário. É muito fácil de se trabalhar os processos para levá-los à prescrição. Essa velocidade do Judiciário é um dos pontos que precisa ser mudado se quisermos um sistema que seja de fato eficaz no combate à corrupção.

ATÉ QUANDO VAI DURAR A LAVA JATO? POR QUE CADA VEZ MAIS ELA GANHA NOVOS DESDOBRAMENTOS?

PAULO GALVÃO – Não é possível colocar uma data para o fim da operação. Cada vez que surgem mais provas, temos até um dever funcional de continuar a investigação. É possível dizer que conhecemos boa parte do que aconteceu dentro da Petrobras. Agora, a investigação está se expandindo horizontalmente para outros órgãos públicos, inclusive estaduais e municipais, e possivelmente são fatos que o Supremo decida que irão para os Estados. Mas ela também se expande verticalmente, porque o esquema que identificamos não era do diretor da Petrobras com a empresa, era de gente acima deles, que usavam dos postos dessas pessoas para fins partidários e pessoais.

A LAVA JATO VEM REALMENTE PARA MUDAR ESSA RELAÇÃO DE POLÍTICOS E EMPRESÁRIOS?

PAULO GALVÃO – Temos a consciência de que a Lava Jato até chegou a um ponto que já está consolidada e não vai retroagir, mas ela por si só não mudará esse cenário de corrupção no País, porque é de âmbito limitado. Sabemos que existe corrupção em outras esferas, em outros locais. Precisamos ir muito além da Lava Jato para o Brasil realmente voltar a melhorar.

QUAL O IMPACTO DO COMBATE À CORRUPÇÃO PARA O PAÍS?

DELTAN DALLAGNOL – Estudos internacionais mostram que quanto maior é o nível de corrupção, menor é o índice de desenvolvimentos econômico e social. Quando olhamos historicamente, observamos que, desde 1650, Padre Antônio Vieira já reclamava da corrupção no Brasil. É uma situação que hoje infelizmente abraça vários órgãos públicos federais, estaduais e municipais. Pesquisas recentes sobre os problemas do Brasil apontaram a corrupção como o principal deles. Se nós não mudarmos agora, talvez nunca mais mudaremos. Para isso, precisamos ir além da Lava Jato.

O SENHOR É UM DOS PORTA-VOZES DAS DEZ MEDIDAS CONTRA A CORRUPÇÃO. COMO AVALIA O TRATAMENTO QUE O CONGRESSO DEU AO PROJETO?

DELTAN DALLAGNOL – Você precisa mudar as condições que favorecem o surgimento e o desenvolvimento da corrupção nos níveis atuais. Para isso, identificamos dois grupos de condições centrais. No primeiro, estão fatores do sistema político. No segundo, estão características do sistema de Justiça disfuncional que produz impunidade em 97% dos casos comprovados de corrupção. As dez propostas tinham três objetivos: evitar que a corrupção acontecesse; diminuir os índices de impunidade; e recuperar o dinheiro desviado. Essas propostas ganharam mais de 2 milhões de assinaturas, mais de mil entidades assinaram embaixo. Ao fim de 2016, após tramitarem como um projeto de lei de iniciativa popular, foram desfiguradas pelo Congresso. Agora, não podemos perder as esperanças. Quem está lá são nossos representantes e, no ano que vem [*entrevista concedida em 2017*], podemos escolher pessoas comprometidas com a causa anticorrupção.

COMO O SENHOR VÊ A PARTICIPAÇÃO DOS DIFERENTES ATORES NESSE PROCESSO?

DELTAN DALLAGNOL – Por vezes, as pessoas podem ter um efeito de tolerância, de "Ah, já que todo mundo faz, não é errado". Este é o nosso receio, uma acomodação natural das coisas, como se a Lava Jato ou o Judiciário pudesse resolver todos os nossos problemas. Precisamos ir além. A solução está nos braços da sociedade, porque precisamos de reforma política e reforma do sistema de Justiça criminal.

O FORO PRIVILEGIADO ATRAPALHA AS INVESTIGAÇÕES?

DELTAN DALLAGNOL – Ele quebra a igualdade perante a lei. A ideia básica do foro seria preservarmos as principais funções da República, para garantir a estabilidade do País. O problema é que hoje temos mais de 40 mil pessoas com foro privilegiado. Eu tenho e não tinha que ter. A estabilidade do País não depende de Deltan. O segundo problema é que ele gera a inefetividade das investigações. As pessoas lá [*no STF*] têm boa vontade, mas ao mesmo tempo em que a Suprema Corte norte-americana julga cem casos por ano, a brasileira chegou a julgar, em alguns anos pretéritos, cem mil. Para uma investigação dinâmica, precisa-se de sucessivas decisões em ritmo rápido. Isso não acontece no foro privilegiado. Ou seja, precisamos acabar ou reduzir drasticamente o foro privilegiado.

ISSO RESOLVE O PROBLEMA?

DELTAN DALLAGNOL – Não, porque a vala comum do processamento de crimes, da primeira instância até a última, gera impunidade em 97% dos casos comprovados. Então, precisamos de propostas de soluções para os problemas do sistema de Justiça, como as que foram oferecidas dentro das dez medidas contra a corrupção.

IT'S AN OPPORTUNITY FOR BRAZIL TO FACE, IN A SERIOUS WAY, SYSTEMIC CORRUPTION AND, WHO KNOWS, MAYBE GET RID OF IT

The greatest anti-corruption operation in Brazil, operation Lava Jato began in 2009, with an investigation on money laundering related to former representative José Janene in the city of Londrina, state of Paraná. Since then, it has been affecting the Brazilian political world in an overwhelming way, with ongoing developments that never cease to amaze the country. This process is the theme of the following interviews with three of the operation's main figures: judge Sérgio Moro and prosecutors Paulo Roberto Galvão e Deltan Dallagnol.

DO YOU BELIEVE THAT THE POLITICAL AND ECONOMIC CRISES, ADDED TO CORRUPTION FIGHTING, PUTS US IN POSITION TO RETHINK OUR VALUES AS A SOCIETY?

SÉRGIO MORO – Brazilians acknowledge the importance of democracy and rule of law, but factors uncovered by the investigation point that, in practice, those values were being circumvented by many, and that generates popular outrage. Brazilians are increasingly realizing the importance of democratic values. So, I see the operation as an opportunity to strengthen democracy and the rule of law in Brazil.

LAVA JATO HAS FOSTERED A STRONG REACTION, NOT ONLY BECAUSE OF THE NAMES INVOLVED IN THE INVESTIGATED CRIMES, BUT ABOVE ALL BECAUSE OF THE INVESTIGATION'S SCOPE. DO YOU BELIEVE THAT POPULAR APPROVAL HAS BEEN A KEY SUPPORT?

SÉRGIO MORO – Yes. Evidently, when the judge is deciding on any case he is going to take into account the evidence, not public opinion, because he has to defend himself before the part of public opinion that goes the other way. But public opinion is important to prevent any attempt at obstruction of justice.

IT IS VERY COMMON FOR BRAZILIANS TO CRITICIZE CORRUPTION. HOWEVER, WHEN THERE'S AN OPERATION PUTTING POWERFUL CORRUPT PEOPLE BEHIND BARS, PART OF THE POPULATION IS TURNING AGAINST IT. WHAT DO YOU MAKE OF THIS BEHAVIOR?

SÉRGIO MORO – Every public authority's performance is subject to criticism. There will always be unsatisfied people, but often this is due to misinformation. A lot of falsehood is propagated, and often people try to turn the case into one of partisan dispute, and unfortunately many are persuaded by these discourses.

DO YOU BELIEVE THAT THE TASK FORCE'S LEGACY WILL CHANGE THE COUNTRY'S COURSE IN REGARDS TO PUBLIC-PRIVATE RELATIONS?

SÉRGIO MORO – It's really hard to tell exactly what's going to happen in the future, but it gives Brazil an opportunity, because there are a lot of judicial cases that have been tried and received an appropriate institutional response. Not just this one. "Mensalão" was tried by the Supreme Court and today there are other relevant investigations around the country. So, it's an opportunity for Brazil to face, in a serious way, systemic corruption and, who knows, maybe get rid of it.

IN AN INTERVIEW TO UM BRASIL, FORMER SUPREME COURT JUSTICE AYRES BRITTO TALKED ABOUT THE DIFFERENT CRISES BRAZIL IS UNDERGOING. HE BELIEVES THE COUNTRY CAN BE FIXED. WHAT CAN WE TELL PEOPLE WHO DON'T BELIEVE SO?

SÉRGIO MORO – I think Brazil can be fixed. We have a beautiful history, we live nowadays in a strong democracy. There are economic problems, but I think it's impossible nowadays to believe the country is bound to a tragic fate. On the contrary, corruption fighting shows Brazil has something to be proud of, as it had in the past, in regards to other cases.

ONE OF OPERATION LAVA JATO'S FEATURES ARE PLEA BARGAIN AGREEMENTS, WHICH YOU DEFEND...

PAULO GALVÃO – In the case of corruption, the victim isn't aware he is a vic-

tim, he isn't aware there has been a crime, so you need to break-up the pact of silence among criminals. One of the most effective ways of doing so in the whole world is through plea bargain agreements. We consider what the public interest is, and of course there's someone who will get off lightly, but he is allowing the investigation to reach other people. Beyond that, he is allowing us to increase the sources from which we can try and retrieve public funds.

DO YOU BELIEVE CORRUPTION FIGHTING IN BRAZIL HAS ANY RELATION TO OUR JUDICIARY'S SLOWNESS?

PAULO GALVÃO – There is a structural relation, which is the great number of legal proceedings for a small number of judges. But there's also a feature of our legal procedures that allows economically and politically powerful people to explore loopholes in the law to try and work it out. Perhaps the most successful sort of manipulation is to bet in the judiciary's slowness. It's really easy to get criminal proceedings to be killed due to time limitation rules. The judiciary's slowness is one of the things that need to be changed if we want a system that is effective in fighting corruption.

WHEN WILL LAVA JATO END? WHY NEW DEVELOPMENTS KEEP UNFOLDING IN THE OPERATION?

PAULO GALVÃO – It's not possible to set an end date to the operation. Each time new evidence comes up we have a duty as prosecutors to keep the investigation going. It's possible to say that we now know a fair deal of what went on in Petrobras. Now, the investigation is spreading horizontally to cover other public entities, including state and municipal ones, which are possibly going to be sent by the Supreme Court to the state-level jurisdictions. But the investigation is also growing vertically, because the scheme we identified wasn't masterminded by Petrobras' directors, but by people above them, who used their positions to get benefits for themselves and their parties.

DID LAVA JATO REALLY COME TO CHANGE THE RELATIONS BETWEEN POLITICIANS AND BUSINESSMEN?

PAULO GALVÃO – We are aware that Lava Jato reached a point in which it is consolidated and it is not going to retreat, but it's not going to change the country's corruption scenario by itself because it has a restricted scope. We know there's corruption in other spheres of government, in other places. We need to go well beyond Lava Jato for Brazil to really resume improving.

WHAT'S CORRUPTION FIGHTING IMPACT IN BRAZIL?

DELTAN DALLAGNOL – International studies show that the greater the level of corruption, the lower the economic and social development indexes. If we look at history we'll see that already in the 1650s priest Antônio Vieira was publicly denouncing corruption in Brazil. Unfortunately, it's a problem that nowadays involves many federal, state and municipal public entities. Recent researches on Brazil's problems identified corruption as the main one. If we don't make a change now, perhaps we never will. For this to happen, we need to go beyond Lava Jato.

YOU ARE ONE OF "TEN MEASURES AGAINST CORRUPTION" PROPONENTS. WHAT DO YOU MAKE OF CONGRESS' HANDLING OF THIS BILL?

DELTAN DALLAGNOL – We need to change the conditions that enable the rise and development of corruption at current levels. To do that, we identified two main groups of conditions. The first involves features of the political system. The second, features of a dysfunctional justice system that fails to punish in 97% of proven cases of corruption. The ten measures had three goals: to prevent corruption from happening; to lower impunity; and to retrieve embezzled funds. These measures were subscribed by more than 2 million people, more than a thousand entities subscribed to it. In the end of 2016, when they were going through Congress as a popular initiative bill, congressmen disfigured them. But we can't lose hope. It's our representatives over there and next year [*interview given in 2017*] we get to pick people who are committed to fighting corruption.

HOW DO YOU SEE THE ROLE OF DIFFERENT ACTORS IN THIS PROCESS?

DELTAN DALLAGNOL – Sometimes people are excessively tolerant, they act as if "since everybody does it, it's not wrong". This is what we fear the most, an attitude of indifference, as if Lava Jato or the judiciary could fix all of our problems. We need to go beyond that. The solution is in society's hands, because we need a political reform and a reform in the justice system.

DOES PRIVILEGED JURISDICTION [*CASES INVOLVING POLITICIANS THAT CAN BE TRIED ONLY BY HIGH COURTS, SUCH AS THE SUPREME COURT*] GET IN THE WAY OF INVESTIGATIONS?

DELTAN DALLAGNOL – It breaks equality before the law. The basic idea behind privilege jurisdiction is to preserve the republic's highest positions, to protect the country's political stability. The problem is that today there are more than 40 thousand people entitled to privileged jurisdiction. I am and I shouldn't be. The country's political stability doesn't depend on Deltan. The second problem is that it contributes to investigations' ineffectiveness. People over at the Supreme Court are good willed, but while the US Supreme Court tries 100 cases per year, the Brazilian one judges as much as 100 thousand, as it happened in previous years. To have a fast paced investigation, it takes fast paced judicial decisions. That doesn't happen in privileged jurisdiction cases. That means we need to kill or radically reduce privileged jurisdiction.

WOULD THAT SOLVE THE PROBLEM?

DELTAN DALLAGNOL – No, because ordinary criminal procedures, from the indictment to the last appeal, generate impunity in 97% of proven cases of corruption. So we need proposals for solutions to the justice system's problems, as the ones offered in the ten measures against corruption.

JEAN GALVÃO

MAIO 2017

FECOMERCIOSP

PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP
Abram Szajman
SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP
Antonio Carlos Borges

TUTU
www.agenciatutu.com.br
Redação
Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000
São Paulo/SP +55 11 3170-1571

PUBLICAÇÕES

DIRETOR DE CONTEÚDO
E JORNALISTA RESPONSÁVEL
André Rocha – MTB 45653/SP

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

COORDENADOR
Lucas Mota

EDITORAS-ASSISTENTES
Iracy Paulina e Joana Santana

FOTOS
Christian Parente, Débora Klempous,
Rubens Chiri e Janaína Farias

REVISÃO
Flávia Marques e Rodrigo Hora

ESTAGIÁRIA
Priscila Oliveira

TRADUÇÃO
Pedro de Castro

DIRETORES DE ARTE
Clara Voegeli e Demian Russo

EDITORA DE ARTE
Carolina Lusser

DESIGNERS
Renata Lauletta, Laís Brevilheri,
Paula Seco, Jacqueline Hamine
e Cíntia Funchal

ASSISTENTES DE ARTE
Tiago Araujo e Pedro Silvério

TV

DIRETOR DE NÚCLEO
Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO
André Rocha

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

COORDENAÇÃO
Guilherme Baroli

ENTREVISTAS
Adalberto Piotto, André Rocha, Érica Fraga,
Fernando Sacco, Guilherme Baroli, Humberto
Dantas, Juliano Dip, Lúcia Monteiro, Maria Cristina
Poli, Renato Galeno e Sabine Righetti

EDIÇÃO DE CONTEÚDO
Guilherme Baroli, Natália Keiko e Rodrigo Hora

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Anna Strohm

IMAGENS

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
André Carvalho, Cristiano Wiggers,
Paulo de Tarso Mendonça e Tomas Egger

CÂMERAS
Alessandro Aiello, Arthur Coimbra Costa,
Daniel Domingues, Eustáquio Júnior, Fábio Nicolodi,
Luiz Felipe Cunha Ventura, Maurício Demutti,
Paulo Constantino dos Santos, Wellington Gomes

EDIÇÃO DE IMAGENS
André Carvalho, Fábio Nicolodi,
Mateus Ricco e Sérgio Demutti

ÁUDIO
Daniel Luiz Romero, Fábio Nicolodi
e Gleison Pego

ESTAGIÁRIO
Luiz Venâncio

RELAÇÕES PÚBLICAS
Maria Izabel Collor de Mello e Paula Dias

AGRADECIMENTOS
Brasa, Brazil Conference, Cátedra Insper e Palavra
Aberta, Columbia Global Centers | Rio de Janeiro,
Estadão, Instituto Atuação, Laboratório de Políticas
Públicas da Fundação Getulio Vargas (LAB FGV),
Tendências Consultoria Integrada e Vetor Brasil

TODOS OS DIREITOS PATRIMONIAIS RELATIVOS AO CONTEÚDO DESTA OBRA SÃO DE PROPRIEDADE EXCLUSIVA DA FECOMERCIO-SP, NOS TERMOS DA LEI Nº 9.610/98 E DEMAIS DISPOSIÇÕES LEGAIS APLICÁVEIS À ESPÉCIE. A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL É PROIBIDA SEM AUTORIZAÇÃO.

PRESIDENT – FECOMERCIO -SP
Abram Szajman
SUPERINTENDENT – FECOMERCIO -SP
Antonio Carlos Borges

TUTU
www.agenciatutu.com.br
Office location
722 Santa Cruz St. – 5th floor – ZIP code 04122-000
Brazil – São Paulo/SP +55 11 3170-1571

PUBLICATIONS

CONTENT DIRECTOR
AND LEAD JOURNALIST
André Rocha – MTB 45653/SP

CONTENT MANAGER
Fernando Sacco

COORDINATOR
Lucas Mota

ASSISTANT EDITORS
Iracy Paulina and Joana Santana

PHOTOGRAPHS BY
Christian Parente, Débora Klempous, Rubens Chiri and Janaína Farias

REVISION
Flávia Marques and Rodrigo Hora

INTERN
Priscila Oliveira

TRANSLATION
Pedro de Castro

ART DIRECTORS
Clara Voegeli and Demian Russo

ART EDITOR
Carolina Lusser

DESIGNERS
Renata Lauletta, Laís Brevilheri, Paula Seco, Jacqueline Hamine and Cíntia Funchal

ART ASSISTANTS
Tiago Araujo and Pedro Silvério

TV

GENERAL DIRECTOR
Demian Russo

CONTENT DIRECTOR
André Rocha

CONTENT MANAGER
Fernando Sacco

COORDINATOR
Guilherme Baroli

INTERVIEWS BY
Adalberto Piotto, André Rocha, Érica Fraga, Fernando Sacco, Guilherme Baroli, Humberto Dantas, Juliano Dip, Lúcia Monteiro, Maria Cristina Poli, Renato Galeno and Sabine Righetti

CONTENT EDITORS
Guilherme Baroli, Natália Keiko and Rodrigo Hora

EXECUTIVE PRODUCER
Anna Strohm

PHOTOGRAPHY

DIRECTORS OF PHOTOGRAPHY
André Carvalho, Cristiano Wiggers, Paulo de Tarso Mendonça and Tomas Egger

CAMERA OPERATORS
Alessandro Aiello, Arthur Coimbra Costa, Daniel Domingues, Eustáquio Júnior, Fábio Nicolodi, Luiz Felipe Cunha Ventura, Maurício Demutti, Paulo Constantino dos Santos and Wellington Gomes

IMAGE EDITORS
André Carvalho, Fábio Nicolodi, Mateus Ricco and Sérgio Demutti

AUDIO
Daniel Luiz Romero, Fábio Nicolodi and Gleison Pego

INTERN
Luiz Venâncio

PUBLIC RELATIONS
Maria Izabel Collor de Mello and Paula Dias

ACKNOWLEDGEMENTS
Brasa, Brazil Conference, Cátedra Insper and Palavra Aberta, Columbia Global Centers | Rio de Janeiro, Estadão, Atuação Institute, Fundação Getulio Vargas Laboratory for Public Policy (LAB FGV), Tendências Consulting Firm and Vetor Brasil

ALL PATRIMONIAL RIGHTS RELATED TO THE CONTENT OF THIS WORK ARE THE EXCLUSIVE PROPERTY OF FECOMERCIO-SP, UNDER THE TERMS OF THE LAW 9.610/98 AND OTHER APPLICABLE LEGAL PROVISIONS. REPRODUCTION IN WHOLE OR IN PART IS PROHIBITED WITHOUT AUTHORIZATION.

B823 Um Brasil: análises e discussões sobre um povo em busca de uma identidade/ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo. – ed. esp. bil. – São Paulo: Fecomercio 2017.

204 p.: il. color.
ISBN 978-85-65274-15-9
Edição bilíngue português-inglês.

1. Brasil 2. Economia 3. Educação 4. Sociedade
5. Administração Pública 6.Legislação 7. Tecnologia
8. Política 9. Personalidades – Entrevistas.

I. Título

CDD 320.0981
CDU 316.3:339(81)

PATROCÍNIO

FECOMERCIOSP

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO

TUTU

WWW.UMBRASIL.COM

ISBN 978-85-65274-15-9

PATROCÍNIO

FECOMERCIOSP

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO

TUTU

WWW.UMBRASIL.COM

UM BRASIL | ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

UM BRASIL

BILÍNGUE PORTUGUÊS I ENGLISH

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

ALEXANDRA LORAS | RICARDO AMORIM | CARLOS AYRES BRITTO
ARMANDO CASTELAR | SILVIO MEIRA | NARA PAVÃO | ROBERTO DAMATTA
LAURENTINO GOMES | LUÍS ROBERTO BARROSO | OTAVIANO CANUTO
JOSÉ EDUARDO FARIA | JOICE TOYOTA | MARIO VARGAS LLOSA | VICENTE FALCONI
ANDRÉS VELASCO | SÉRGIO MORO | PAULO GALVÃO | DELTAN DALLAGNOL